

Anna Maria Mello • André Rosenberg • Bruno Lewick • Camilla Cristini • Carlos Sacchi • Cristianne Lameirinha • Daniela Ingui • Diego Mauro • Fernando Neves • Flavia Castro • Helena Cerello • Ivan Nakamura • José Luiz Aidar Prado • Lucas Kater • Luisa Jubilut • Majori Claro • Patrícia Ermel • Paulo Egreja • Priscila Manni • Roberto Feres • Silvana Dip • Sofia Calvit • Sofia Mariutti • Vanessa Grigoletto • Veronica Barranco

Pós-graduação Formação de Escritores

antolog ia



VERA CRUZ

Instituto
Vera Cruz

2018

antologia
antologia
2018



**Instituto
Vera Cruz**

Direção Pedagógica

Regina Scarpa

Coordenação do Instituto Vera Cruz

Andréa Luize

Coordenação da pós-graduação

Formação de Escritores

Márcia Fortunato

Roberto Taddei

Biblioteca

Claudia Regina Candido

Comunicação

Renata Blois

Priscila Costa Pires (assistente)



Edição

Claudia Cavalcanti

Projeto gráfico

Kiki Millan

Revisão

Iara Arakaki/Laís Alcantara

**Antologia 2018: Pós-graduação Formação de Escritores. – São Paulo:
Instituto Vera Cruz, 2018.**

172 p.

Vários autores.

**Coletânea de textos de ficção e não ficção produzidos pelos alunos
da turma 2018 da pós-graduação Formação de Escritores do Instituto
Vera Cruz.**

**1. Literatura brasileira. 2. Coletâneas. 3. Produção literária.
I. Instituto Vera Cruz.**

CDD: 869.93

Elaboração: Claudia Regina Candido – CRB 8/4822

*Os direitos autorais dos textos publicados pertencem a seus respectivos autores.
Esta é uma edição do curso de pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto
Vera Cruz, e não tem fins comerciais.*

Antologia 2018

Pós-graduação Formação de Escritores

Anna Maria Mello • André Rosemberg • Bruno Lewick •
Camilla Cristini • Carlos Sacchi • Cristianne Lameirinha
• Daniela Ingui • Diego Mauro • Fernando Neves • Flavia
Castro • Helena Cerello • Ivan Nakamura • José Luiz
Aidar Prado • Lucas Kater • Luisa Jubilut • Majori Claro
• Patrícia Ermel • Paulo Egreja • Priscila Manni • Roberto
Feres • Silvana Dip • Sofia Calvit • Sofia Mariutti • Vanessa
Grigoletto • Veronica Barranco



VERA CRUZ

**Instituto
Vera Cruz**

2018

Aos diretores do Instituto Vera Cruz, Heitor Fecarrota, Marcelo Chulam e Regina Scarpa, nosso reconhecimento pelo apoio ao programa de pós-graduação Formação de Escritores e pelo incentivo à publicação desta Antologia.

Sumário

Apresentação	11
---------------------------	-----------

K	13
----------------	-----------

Sofia Mariutti

Cavaleiro solitário	21
----------------------------------	-----------

Fernando Neves

<i>Svoboda</i>	29
-----------------------------	-----------

Carlos Sacchi

Cadernos da casa grande	37
--------------------------------------	-----------

Helena Cerello

Filha de que Deus?	45
---------------------------------	-----------

Silvana Dip

As impertinências da srta. Mila	51
--	-----------

José Luiz Aidar Prado

O fio	59
--------------------	-----------

Verónica Barranco

Roteirista de sonhos: Elisa	61
Diego Mauro	
Comida de praia	69
Camilla Cristini	
Tortura glaçada	73
Majori Claro	
Azul-bebê	77
Daniela Ingui	
Audiência	81
Priscila Manni	
Alaor	87
Lucas Mendes Kater	
Breu	93
Sofia Calvit	
Sobre o fim e o princípio	99
Cristianne Lameirinha	
Levré	107
Paulo Egreja	
As luzes de Natal	117
Anna Maria Mello	

Revoada de avestruz	121
----------------------------------	------------

André Rosemberg

Solidão	125
----------------------	------------

Patricia Ermel

Prólogo de uma garota fora de moda	129
---	------------

Vanessa Grigoletto

<i>The Life of Juan Pablo</i>	137
--	------------

Luisa Jubilot

Eu por ele por mim	141
---------------------------------	------------

Roberto Féres

Arranjo	149
----------------------	------------

Ivan Nakamura

João subterrâneo	155
-------------------------------	------------

Bruno Lewicki

No alto da escada	163
--------------------------------	------------

Flávia Castro

Alunos formados pela pós-graduação Formação de Escritores do Instituto Vera Cruz.....	173
--	------------

Apresentação

Nesta antologia, temos a reunião de autores que utilizam a língua portuguesa para conformar mundos, refletir sobre experiências particulares ou coletivas, e construir novos arranjos possíveis do real. Os textos apresentados variam em gênero e tema: contos, trechos de romances, ensaios, artigos, poemas em prosa. Ficção e não ficção como amostras do espírito de nossa época. São, mais do que isso, uma demonstração da força da escrita de quem escolheu a literatura como forma de atuação no espaço e no tempo contemporâneos. Que as vozes e os estilos desses autores possam ser percebidos em suas particularidades nas páginas a seguir é motivo de orgulho para a pós-graduação Formação de Escritores. O mérito, porém, é de cada um deles.

Boa leitura,

Márcia Fortunato e Roberto Taddei

K

Sofia Mariutti

S chöenhauser Allee, 92, 10439 Berlim.* No Google Street View, reencontro pela primeira vez a esquina onde morei em julho de 2010, no último mês da minha estada de um ano na Alemanha. Voltei a São Paulo resgatada pelo meu pai – sem ele, não teria conseguido entregar os trabalhos finais na faculdade, arrumar as malas e pegar um avião. A grande angular me permite reconhecer a porta alta e pesada de madeira da entrada do prédio, o *Imbiss* ao lado que nos vendia, dia sim, dia não, garrafas de um litro e meio de água com gás Spreequell (a fonte inesgotável do rio Spree) e o sex shop do outro lado da rua, que foi tema de algumas das intermináveis discussões de relacionamento naquele ano.

Quanto tempo leva para que os sintomas da ansiedade apareçam no corpo, tornando impossível fingir que tudo vai ficar bem? Em algum momento, os movimentos deixam de obedecer aos comandos, uma força além da gravidade passa a te prender à

* Trecho inicial de um projeto de romance autobiográfico.

cama, os membros se convulsionam em padrões aleatórios e repetitivos, o choro se estende por mais horas do que o habitual sem que haja um motivo à altura, a respiração se converte em hiperventilação e você é capaz de sair à noite, atravessar a rua e embarcar no primeiro bonde sem atentar ao destino.

Larga como tantas outras em Berlim, a Schönhauser Allee canaliza no inverno um vento gelado que endurece as veias. Nas faixas centrais da avenida, passa a versão moderna de um bonde, que lá se chama *Tram*. A linha vermelha do metrô circula por um elevado férreo em frente ao prédio, de modo que o apito do freio e o balanço dos vagões ressoam em intervalos de três a quinze minutos dentro das casas que acompanham a extensão dos trilhos. Antigo bairro da Berlim Oriental, Prenzlauer Berg integra o distrito de Pankow, no centro expandido ao norte da cidade. No começo do inverno, quando visitei aquele endereço pela primeira vez, cheguei a me perguntar se, para além da minha sensação térmica, aquela região seria objetivamente mais fria do que Kreuzberg, o bairro turco no sul da cidade onde morei durante a maior parte do meu ano berlinense.

Sem o auxílio do Google eu não saberia precisar que o prédio na Schönhauser Allee tinha quatro andares, talvez porque nunca tenha tomado a distância necessária dele. Mas lembro bem como o pátio interno onde se despejava o lixo vivia repleta de ratos. O apartamento ficava logo depois do primeiro lance de escadas. A porta de entrada se abria para um longo corredor escuro, com um cabideiro carregado de casacos de inverno e, mais adiante, um va-

ral de chão, que não tinha mais onde ficar. À direita, a cozinha, com a pia sempre entulhada de pratos sujos e restos de comida, e uma conta comum grudada na geladeira que indicava quanto cada um havia consumido, mas apenas um nome constava (Basti), sem que houvesse qualquer tipo de controle.

Cada comunidade em Berlim se forma de um jeito. Algumas delas contam com andares divididos na geladeira e planilhas para organizar funções e escalas de limpeza, mas o sistema daquela *Wohngemeinschaft* (ou WG) tendia à desordem: todos podiam comer o que quisessem e faziam compras quando pudessem. A cozinha oferecia, em meio à insalubridade, um ótimo *espresso* com espuma de leite, tirado de uma máquina simples que tinha sido encontrada e reformada pelo Basti, além de uma tevê que só era ligada em dias de clássicos de futebol ou debates políticos. Atrás da tevê, uma janela dava para o pátio do lixo e dos ratos, e para as poucas tempestades que pude contemplar ao longo do meu ano alemão. Naquele canto tive uma das primeiras e mais marcantes conversas com K., logo antes de nos enroscarmos de vez num elo que só poderia ter desdobramentos trágicos.

Nesse dia, ele me disse que guardava uma imagem na cabeça desde menino, *ein Bild*, a imagem de um rosto, *ein Gesicht*, o rosto de uma mulher, *eine Frau*, uma mulher morena, e que sempre procurou esse rosto por onde ia, e nunca teve paz porque estava sempre em busca do rosto, e que quando cruzou comigo nos corredores da Freie Universität (FU) pela primeira vez soube que aquele era o rosto, o meu rosto, que o meu rosto tinha uma verdade e uma pureza que ele sabia ver, que o meu rosto era dele

havia muitos anos, desde antes da gente se conhecer. Estávamos sentados à mesa quando ouvi isso e senti o chão me erguer num pedestal vertiginoso.

Em frente à cozinha ficava o quarto da Adriana, uma austríaca ruiva e simpática que estudava moda na Universität der Künste (UdK), fazia roupas ousadas e namorava um artista plástico que vestia um macacão vermelho à la Super Mario. Adriana tinha mãos de artista, pequenas e fortes, sibilava no alemão, ou talvez fosse uma língua presa que eu não podia decifrar. Seu quarto era o mais rústico da WG, com um degrau perto da janela que levava a toda uma plataforma mais alta onde ficava a cama. Ao lado da porta, onde havia uma lareira que antigamente devia servir à calefação do apartamento, ela usava alguns galhos robustos à guisa de guarda-roupas, além de dispor os modelos que desenhava e costurava. Adriana era mais ausente – passava muitos dias na casa do Super Mario e outros tantos na faculdade ou mergulhada na criação –, mas tínhamos bastante afinidade.

Em maio de 2010, ela me chamou para vestir as roupas que os alunos apresentariam a uma banca de professores da UdK. Ficar ali parada trajando o que mais pareciam obras de arte enquanto a banca fazia comentários críticos foi só mais um dos momentos disparatados daqueles meses. No meu último semestre em Berlim, ora eu parecia não estar dentro do meu corpo, ora parecia estar presente demais, sentindo cada toque como uma agressão profunda. Saí da UdK direto para uma sessão de terapia gratuita oferecida pela universidade.

K. e eu já tínhamos ido juntos a algumas sessões de terapia de casal com uma psicóloga da FU com quem ele tinha uma boa relação, e fui aconselhada a entrar numa terapia individual também – ele fazia a dele uma vez por semana, ou duas, nas épocas conturbadas como aquelas. Em resumo, eu estava fazendo terapia de casal em alemão. Ao mesmo tempo que aquilo era absurdo e terrível, tinha também sua graça, era uma boa história pra contar, um jeito eficiente de aprender uma língua. Eu me orgulhava de estar indo tão longe, sem perceber os riscos reais que estava correndo.

O quarto do meio, entre o da Adriana e o do K., tinha moradores rotativos, uns que viviam longe e vinham a Berlim com certa frequência, outros que fechavam aluguéis para temporadas. Em frente ao quarto do meio ficava o banheiro, bem espaçoso, com uma banheira antiga (e – luxo raro na cidade – um chuveiro separado), a máquina de lavar roupas e armários coletivos onde se misturavam tampões, barbeadores, cremes e um secador de cabelo.

O quarto do Basti ficava à direita, no fim do corredor, fazendo o quarto do K.. Era o mais caótico e menor, o que garantia a ele o aluguel mais baixo. Naquele cômodo de uns 10 m² não cabia muito mais do que uma cama que nunca se arrumava, um computador para a solitária sessão cinematográfica de cada dia – que ele fazia no fim da noite, quando K. e eu nos retirávamos da cozinha para o quarto –, uma cômoda onde não devia restar nenhuma roupa, já que estavam todas espalhadas pelos cantos, além de pratos sujos, restos de comida e muitas garrafas de cerveja vazias. Tudo o que ele fazia pela WG parecia não fazer por si. O Basti era um

grande cara. Beirava o 1,90 m mas tinha um rosto angelical, quase infantil, cabelos loiros cacheados e um nariz de porquinho. Trabalhava, sem muito entusiasmo, num banco de fotos tipo Getty Images, enquanto estudava, havia mais anos do que o esperado, língua e literatura inglesa na Humboldt Universität. Era um tipo quieto, que sabia escutar mais do que falar e só abria a boca quando tinha coisas relevantes a dizer.

– Nunca vou entender como a Lua de vocês é masculina, der Mond, e o Sol, feminino, die Sonne – eu disse para o Basti um dia. Devo ter tido esse mesmo papo com quinze alemães diferentes, e nenhum teve a reação dele:

– Mas, Sofia, a Lua é fria e o Sol é quente.

Basti e K. se conheciam desde a adolescência, de Kassel, onde haviam cursado os últimos anos de escola antes do Abitur, o vestibular alemão. Os dois vinham de pequenos vilarejos de Hessen, estado na região central da Alemanha. Eu achava curioso como os alemães em Berlim tinham dificuldade em dizer o nome da cidade de origem, o que nunca é uma questão para quem nasce em São Paulo. Talvez seja uma questão para quem vem de pequenas cidades do interior.

– De onde você vem? – perguntei ao K. no nosso primeiro encontro.

– Eu venho de um vilarejo ao norte de Frankfurt – foi a resposta dele, ao que eu perguntei:

– Sim, mas qual o nome desse vilarejo?

- Então, sabe Kassel? Fica um pouco ao sul de Kassel.
 - Mas qual a dificuldade de dizer o nome de onde você nasceu? – insisti.
 - Se eu disser, você não vai saber que vilarejo é esse.
 - Tudo bem, mas eu adoraria saber o nome.
- Körle – ele disse. Körle.

K. vinha de K.

.....

Sofia Mariutti (sofiamariutti@gmail.com) nasceu em São Paulo, em 1987. Formou-se em Letras (alemão) pela USP. É autora do livro de poemas *A orca no avião* (Patuá, 2017).

Cavaleiro solitário

Fernando Neves

*A viagem do quarto
requeria apenas
a chama da vela*

Carlos Drummond de Andrade "Nos
áureos tempos"

E viu televisão. E ouviu rádio. E cantou todas as músicas que teve vontade de cantar, até que se cansou. E cantou mais algumas depois que se cansou. E deitou e rolou na cama de um lado a outro, como se rolasse em seu próprio túmulo. E espiou da janela se algum vizinho fazia algo que valesse a pena ver. E apagou e acendeu a luz e tornou a apagar e a acender e a apagar. E riscou um fósforo e acendeu uma vela e ficou vendo a chama dançar no topo da vela e viu a vela queimar quase por inteiro e depois se apagar de vez. E se sentou sem saber se escrevia uma carta ou uma enciclopédia. E rabiscou uns versos no escuro que jogou no lixo. E deitou no chão do quarto e chamou ratos e baratas e bichos e homens. E resolveu gritar e gritou até sua voz não sair mais. E quando sua voz não saiu mais, resolveu chorar e chorou até que suas lágrimas não saíram mais. E quando suas lágrimas lhe faltaram, parou e rolou no chão, extasiado de tanto chorar. E pensou em amores passados e em amores futuros e em como seria bom e calmo se na vida não houvesse amores. E decidiu que seria melhor parar de uma vez de pensar. E parou. E pensou em como era bom

não pensar em nada. E pensou que todas as pessoas deviam, pelo menos um dia, parar para pensar em nada, e ficou feliz por estar completamente vazio, assim, pensando em nada. Era divertido, muito divertido mesmo não pensar em nada. Depois também se cansou de pensar em nada e decidiu voltar a pensar em algo novamente. “Mas pensar em quê?”. E pensou que todos os pensamentos já haviam sido pensados e que não havia nada em que se pensar, e esse pensamento o encheu de angústia e de uma vontade de morrer de um modo bem trágico e dramático. E ele não soube mais o que fazer. Nem com a angústia e nem consigo mesmo. E ficou parado no quarto esperando que aparecesse algo que ele pudesse fazer. E nada apareceu. E tudo era silêncio e imensidão no quarto escuro. Escuridão e nada a fazer. Escuridão. E por não ter o que fazer, começou a correr de parede a parede no escuro pelo quarto, em círculos, cada vez mais rápido. E corria e fazia exercícios e tirou a roupa e ficou nu e fez exercícios nu. E abdominais e flexões e piques-no-lugar e o suor lhe escorreu pela frente e ele se sentou, cansado. E achou muito bom ficar ali sentado, nu e cansado. E se percebeu bonito ali sentado e nu, no escuro. Seu corpo teso como estátua em praça pública. Estátua equestre em praça pública. E olhou seu próprio corpo e se achou bonito e sentiu um enorme tesão por si mesmo, assim sozinho. E uma vontade grande de se dar prazer e de fazer carinho em si mesmo, em seu corpo bonito. Mas sentiu vergonha por sentir tesão por si mesmo assim, sozinho. Mas estava sozinho e não tinha motivo para sentir vergonha. E venceu a vergonha que não tinha motivo para sentir e, tímido, começou a tocar seu corpo teso como estátua, bonito. E diante do seu

corpo teso apareceu a modelo loura que fazia comercial de sabonete na televisão e tirava a blusa e mostrava os seios e entrava no chuveiro no comercial da televisão. Mostrava os seios. Lindos seios volumosos com auréolas rosadas entrando no chuveiro da televisão. Auréolas rosadas dos volumosos seios louros da modelo no comercial dos seios entrando no chuveiro da modelo no comercial dos seios rosados e auréolas volumosas. Os seios da modelo loura entrando no chuveiro dos rosados seios da modelo loura entrando nos seios da modelo loura de volumosos e louros seios de modelo. Os seios da modelo loura. Os seios da modelo loura. Os seios da modelo loura. Os seios. Pausa. Não tinham mais graça os seios da loura. Não tinham mais graça os seios de mulher alguma. Quanto mais de uma mulher loura, de comercial. Não tinha graça. E tudo era sem graça. Mundo sem graça. Vida sem graça de gente sem graça. Quarto sem graça. Quarto escuro e sem graça. E desejou que a escuridão de seu quarto fosse iluminada por um luminoso vermelho de Coca-Cola. Como se vê nos filmes de cinema. E na vitrola com uma voz rouca um negro cantasse um blues. Um quarto mal iluminado por um luminoso de Coca-Cola e um quarto maior onde se pudesse dançar. Sair dançando ao som do blues pelo quarto vermelho de Coca-Cola. Ele podia assinar um contrato de merchandising com a Coca para a Coca mandar iluminar seu quarto com o luminoso vermelho e ele poder sair dançando ao som do blues. Mas seu quarto continuava do mesmo tamanho e escuro da mesma maneira, e o rádio, como vingança, começou a tocar um velho samba de Cartola e Cartola encheu o quarto com os acordes melosos do velho samba e o quarto ficou assim parcamente ilumi-

nado por uma vela já gasta em cima de uma mesa suja com restos de comida. E ele abriu as gavetas da mesa e fuçou nas gavetas, procurando uma coisa que não encontrava. Procurou nas gavetas uma coisa definitiva que não encontrava. Algo definitivo que definitivamente não estava ali. E pensou que podia ter também um contrato de merchandising com a Colt, fabricante de revólveres. Assim ele poderia abrir a gaveta da mesa do quarto mal iluminado pelo luminoso de Coca-Cola e ao som do blues tirar um Colt calibre 38 e carregar o revólver Colt calibre 38 com uma porção de balas e colocar mais algumas balas nos bolsos e na mão e na boca e na orelha e no cu e abrir a janela e sair pela janela e subir no telhado e ficar no telhado esperando que alguma pessoa atravessasse a rua e quando passasse uma pessoa ele miraria bem na cabeça da pessoa e puxaria o gatilho de seu Colt uma, duas. Três vezes. E a pessoa iria cair pesadamente na rua como um saco de batatas. Morta. E uma outra pessoa então, ao ver a pessoa morta, iria gritar e chorar e se descabelar e também receberia um tiro para cair pesadamente na rua. Como um saco de batatas. E o grito e os tiros atrairiam outras pessoas que, curiosas, viriam para ver o que acontece, e todas elas, uma a uma, cairiam pesadamente na rua como batatas, com um tiro bem no meio da testa. Mortas. Para que todos aprendessem a refrear essa curiosidade tão mórbida. E então ele mudaria de telhado e começaria tudo de novo numa outra esquina. Até que chamassem a polícia e a polícia chegaria com suas sirenes barulhentas e cercaria o quarteirão e mandaria ele se entregar e ele relutaria e com seu Colt calibre 38 atiraria nos carros da polícia com sirenes vermelhas e barulhentas e a polícia atiraria nele

com suas armas pesadas e reluzentes e então ele se entregaria e seria preso e espancado e currado e todo fodido e jogado em uma cela suja e sua foto seria estampada nos jornais e compartilhada nas redes sociais e o seu nome seria gritado nas rádios e sua imagem apareceria nas TVs e os repórteres, com seus blocos e com seus microfones, perguntariam: “E por que você fez isso?” E: “por que você matou todas aquelas pessoas?” E: “por que você fez todas aquelas pessoas caírem feito um saco de batatas?” E: “por que você?” E: “por que você?” E os policiais o arrumariam e limpariam suas feridas e lhe dariam banhinho e secariam suas dobrinhas e perfumariam com talquinho suas partes pudendas e todo cheiro-sinho, com o cabelo repartido do lado, diante das câmeras de TV e dos gravadores das rádios e dos blocos de anotações dos repórteres dos jornais e dos curiosos em geral, ele responderia: “Porque eu quis”. E: “porque os revólveres Colt são os melhores revólveres do mundo. Se um dia você precisar matar alguém, mate com Colt. Colt, o revólver que é tiro e queda”. E: “porque eu quis”. E: “porque eu quis”. E sorriria seu melhor sorriso para todos os telespectadores e os gentis patrocinadores, via satélite, para todo o país. Mas sua gaveta não tem revólver algum e seu quarto é pequeno e escuro e o rádio toca os últimos acordes do samba do Cartola. E, além do mais, ninguém assinaria um contrato de merchandising desses. Então não havia mais nada que ele pudesse fazer. E tudo ficava sem sentido, pois a vida se faz assim, de coisas para se fazer uma após as outras, num encadeamento medonho de dar tonturas, até o fim da vida. E se aqui não havia mais nada a ser feito, nada que ele pudesse fazer, então ele pegaria seu cavalo branco com

uma mancha marrom na coxa posterior direita, que pastava em frente à sua casa e sairia cavalgando cavalgando cavalgando pelas ruas de seu bairro. E cavalgando cavalgando iria longe, cada vez mais longe. Longe. E sairia dos limites estreitos de seu bairro e romperia o pesado ar cinza de fuligem de sua cidade e atravessaria horizontes e os horizontes que encontraria pelo caminho e as pessoas por quem eles, cavaleiro e seu cavalo, passassem, exclamariam: “Nossa! Que cavalo branco com uma mancha marrom na coxa posterior direita bonito!” E ficariam olhando para eles, que iriam se perder no horizonte mais próximo. E as pessoas que os vissem nunca mais se esqueceriam dele e de seu cavalo branco com uma mancha na coxa posterior. E eles perdidos no horizonte. Cavaleiro solitário e seu cavalo. Cavaleiro solitário perdido no horizonte e guardado na retina das pessoas. Mas perdido no horizonte e solitário. Solitário. E a caminho de um desses horizontes talvez ele visse na beira de uma estrada uma moça, muito jovem ainda, que colheria crisântemos coloridos e que usaria uma fita azul no cabelo e que teria olhos fundos e a pele muito muito branca. E os olhos fundos da moça com a fita azul no cabelo olhariam para ele e seu cavalo, que passavam a caminho do horizonte. Solitários. E os olhos da menina olhariam tanto para ele que talvez ele parasse e olhasse para a menina que usaria um vestido florido como as flores da estrada que ela colhesse e estendesse a mão para a menina e puxasse a menina para a garupa de seu cavalo branco. E a menina ficaria feliz por estar na garupa do cavalo com a mancha marrom na coxa posterior direita e ao lado do cavaleiro que montava o cavalo a caminho do horizonte. E ele ficaria feliz por carregar a me-

nina de fita azul no cabelo e olhos fundos e pele muito branca que vestia um vestido florido como as flores da estrada na garupa de seu cavalo. E seu cavalo ficaria muito feliz por carregar alguém além de seu cavaleiro, alguém que ficasse mais próximo da mancha marrom na sua coxa posterior direita e que o acariciava de forma mais leve, delicada, com o seu corpo de menina durante a cavalgada rumo ao horizonte. Mas a felicidade sempre dura muito pouco e não é lá muito conveniente raptar meninas assim na estrada, mesmo que elas tenham a pele muito branca e olhos muito fundos e vistam vestidos floridos e usem fitas no cabelo. E antes mesmo de alcançar o horizonte mais próximo ele deixaria a menina de fita azul no cabelo na beira de uma outra estrada, onde haveria mais crisântemos como as de seu vestido florido. E a menina acenaria suave com a sua mão muito branca de dedos muito longos e olharia muito com seus olhos muito fundos o cavaleiro e seu cavalo se distanciando a caminho do próximo horizonte. E ele seguiria firme com seu cavalo pelo caminho, olhando para o horizonte mais próximo. E cavalgando cavalgando rumo ao horizonte mais próximo os crisântemos na estrada ganhariam um novo toque de melancolia, porque em todo crisântemo da estrada, quando ele olhasse os crisântemos da estrada, de qualquer estrada, ele veria os olhos muito fundos e a pele muito branca da menina de vestido florido que ele encontrara na beira de uma outra estrada. A caminho do horizonte mais próximo. Cavaleiro solitário e seu cavalo.

.....

Fernando Neves (fernandoneves@bol.com.br) nasceu em 1965. É jornalista formado pela PUC-SP, com passagem por diversos veículos de comunicação. Desenvolveu trabalhos como assessor de imprensa, relações públicas e mídias sociais para empresas de grande porte. Atua como editor na Editora Bandeirola.

Svoboda

Carlos Sacchi

Algoritmos,* sequências monótonas de regras e procedimentos arquitetadas para solucionar logicamente determinados problemas – primeiro, faça isso; se der certo, continue por aqui; se não funcionar, tente isso então; aprendendo com os resultados, passo a passo, até que se alcance o objetivo –, são *ferramentas* que encontram tudo o que pedimos para a internet, nos guiam pelas ruas menos abarrotadas, nos apontam o que vamos gostar de comprar, vendem automaticamente ações em queda livre, mas também possuem uma riqueza conceitual intrínseca que os capacitam a se elevarem de ferramentas a analogias de questões mais fundamentais para a vida, como iluminar o processo de evolução das espécies por seleção natural, ainda que eu já exponha de antemão o limite crucial dessa analogia, a inexistência de um programador, porque algoritmos são obra de uma inteligência criadora com um objetivo em mente, mas, na natureza, as regras e procedi-

* Trecho de romance em andamento.

mentos que constituem os códigos genéticos dos seres vivos se acumulam e evoluem através da triagem que seus ambientes em constante transformação fazem das mutações que ocorrem casualmente nesses genes e que mostraram ter alguma *utilidade*, definida pela capacidade de aumentar as suas chances de sobreviver aos desafios desses ecossistemas, com suas bonanças e ameaças, um processo sem nenhuma supervisão, interferência ou propósito final em que todos os códigos genéticos estonteantemente complexos e funcionais de hoje partiram de uma mesma origem simples no passado e foram diferenciados e qualificados durante bilhões de anos através das pressões de todos os cantos da Terra como, por exemplo, as savanas africanas, que geraram e aperfeiçoaram por muitas e muitas gerações o “Se grama, coma; se leão, corra.” das suas gazelas, em uma corrida armamentista ancestral entre os códigos genéticos da presa e os do predador, de modo que qualquer bebê gazela já possui esse algoritmo completamente disponível para uso, provavelmente otimizado pela sua associação com outros algoritmos, como o “Repita tudo o que a mamãe fizer.”, e eu insisto nessa analogia monótona que sei que não é a menos árida ou a mais precisa porque ela também ilumina outras formas de adaptação e aprendizado que acontecem não durante milhares ou milhões de anos, mas no inconcebivelmente período menor de uma só vida de primos relativamente próximos às gazelas, moldados nas mesmas savanas africanas, primatas, nós mesmos, os sapiens, que herdamos da batalha dos nossos genes não a velocidade de fuga das gazelas ou a camuflagem dos leopardos, mas outras ferramentas pro-fícuas, como cérebros desproporcionalmente grandes capazes de

parir nossa cognição e imaginação misteriosas, polegares opostos perfeitos para agarrar pedras e deslizar telas *touch screen* e o bipedismo, que ainda que não nos sirva mais, no século vinte e um, para ajudar a avistar leões à distância ou caçar e coletar alimentos com mais eficiência, continua a nos disponibilizar para uso toda a destreza algorítmica de pernas construída através de milhares de anos, base para atividades culturais novas, funcionais ou criativas, como conduzir veículos velozes ou dançar em cem estilos ou viabilizar arquiteturas em torno de escadas que, na falta de asas, nos permitiram conquistar alguns metros a mais no eixo Y do mundo, escadas que aprendemos a subir e descer com agilidade, lendo, conversando, correndo, sem olhar para baixo, habilidades desenvolvidas não em épocas pré-escadas remotas nos aplainados africanos, mas pelo uso de movimentos novos para *ideias* novas que, *repetidos* muitas e muitas vezes, criam *um novo tipo de algoritmo* em nosso sistema nervoso, um algoritmo de natureza *secundária*, que usa como ponto de partida as possibilidades *primárias* dos nossos genes anciãos e constrói novas regras e procedimentos que serão incorporados ao repertório original e darão novas possibilidades ao sistema daqueles indivíduos capazes de enfrentar a monotonia de repetir, repetir e repetir ainda mais, a base de toda a técnica, de qualquer aprendizado, físico ou cognitivo, um certo potencial genético somado a muita repetição, para que se possa descer escadas sem olhar para baixo, dançar graciosamente, admirar paisagens dirigindo a cem quilômetros por hora, calcular derivadas ou integrais ou reconhecer padrões estéticos, um acervo secundário infinito de tentativas e erros que mecanizam nossos

pensamentos e reações de acordo com as prioridades que definimos para as nossas vidas por meio daquilo que escolhemos repetir, repetir *muito*, repetir até calejar esses algoritmos, a ponto de não notarmos mais fazer o que fazemos *por causa deles*, a ponto de *não termos consciência* deles, um aperfeiçoamento específico que muitas vezes é reconhecido por outros pelo nome de *talento*, um talento algorítmico que esteve notavelmente concentrado em seu esplendor bípede na cidade mexicana de Guadalajara, no dia três de junho de mil novecentos e setenta, sob o rótulo de seleção brasileira de futebol, em campo contra a então Tchecoslováquia, terra do meu pai, em um jogo pela primeira fase da Copa do Mundo, o qual o Brasil venceu por quatro a um com gols bonitos de Rivelino, Pelé e Jairzinho, ainda que o lance que se tornaria mais famoso tenha sido um chute disparado pelo Pelé desde antes do meio de campo que passou triscando a trave esquerda do goleiro tcheco, Viktor, mas não entrou, imortalizado na literatura esportiva como “o gol que Pelé não fez” e que passou a batizar, com essa negação da perfeição, outras tentativas semelhantes de qualquer outro jogador, mesmo as que obtiveram sucesso, ele fez “o gol que Pelé não fez”!, embora para o meu pai o lance mais importante não tenha sido o mais bonito ou o mais famoso, mas o primeiro gol da partida, aos onze minutos do primeiro tempo, obra de Ladislav Petráš para a Tchecoslováquia, jogador que ainda participaria da conquista tcheca da Euro de mil novecentos e setenta e seis, na Iugoslávia, na última vez em que o evento contou com somente quatro seleções – um descrédito que eu não mencionava quando meu pai resgatava essa glória do futebol de seu país para os amigos –, o gol de

Petráš deu, durante longos treze minutos, a vitória à Tchecoslováquia contra o Brasil, e foi aquele que meu pai dizia mais ter comemorado na vida, treze minutos de abraços e beijos em outros exilados tchecos em algum bar de esquina que transmitia a partida em Roma, jarras de vinho branco e cerveja desabando nas mesas entre saltos eufóricos, palavras, frases e cânticos nacionais, treze minutos de sorrisos e gargalhadas dos romanos de passagem pela rua assistindo àqueles tchecos viverem um momento raro de comunhão garantida com seus conterrâneos que, presos na terra que meu pai havia sido obrigado a abandonar ao seguir sua mãe na iminência da invasão soviética, tentavam revigorar a oposição ao Partido Comunista que havia acabado de suprimir, com a força do exército soviético, as liberdades e tendências democráticas que os líderes da Primavera de Praga haviam tentado instituir no regime, o gol de Petráš, um corte para a esquerda em velocidade sobre o zagueiro Brito, chute de canhota por cima do goleiro Félix, além de – ou provavelmente por – ter proporcionado ao meu pai minutos inesquecíveis de ilusão – inesquecíveis que são todas as ilusões –, deu nome ao fundo de investimentos que ele criou ao chegar ao Brasil, *Petráš Asset*, e sacramentou seu amor pelo futebol, torcedor fanático do Torino que, em vez de me inscrever em aulas juvenis de piano – como teria preferido minha mãe – ou de inglês – “*we speak English at home*” –, me disponibilizou treinos quase diários de futebol no clube desde os meus quatro anos de idade, prática que se converteu em milhares de jogos, centenas de milhares de situações de jogo, de uso do corpo, de uso da mente, situações repetidas, acumuladas, fortalecidas, sedimentadas, incorporadas, ao pas-

so que hoje, mesmo com meu auge físico ancorado em um passado cada vez mais distante, ainda sou um dos jogadores que todos os times do campeonato de veteranos da faculdade ou das peladas semanais torcem para ter no time, “Svoboda, o Caneteiro da Boêmia”, apelido baseado no lance que faço com frequência, a *caneta*, que pode ser um drible – e até é mais celebrada como tal pela dose cavalgar de humilhação individual imputada à vítima da finta, ludibriada pelo executor na possibilidade de roubar-lhe a bola apenas para ver a mesma ter sua trajetória inesperadamente redirecionada para o meio de suas pernas e ser recolhida do outro lado pelo mesmo adversário, a desintegração ontológica instantânea vivenciada pela psique do driblado já que, em uma caneta, a bola percorre exatamente o mesmo trajeto que percorreria se o driblado simplesmente não existisse, se no momento do drible ele estivesse não em campo, mas no sofá da sala assistindo a *Game of Thrones*, ou virando a terceira caipirinha no Pirajá, ou fingindo ler *Em busca do tempo perdido* no Parque Buenos Aires, ou simplesmente enterado três metros abaixo do Cemitério da Consolação –, então não é surpresa que a vítima de uma caneta reaja tão frequentemente ao drible aplicando uma botinada apoteótica em seu algoz, plenamente consciente de que será expulso de campo pelo juiz por, inconscientemente, desejar sumir do lugar onde eventos ocorriam impunemente como se ele não estivesse –, mas a caneta que aplico mais frequentemente, e que interessa mais do ponto de vista da complexidade e absorção algorítmica, questão central aqui, não é o drible, mas o passe, que nada mais é do que fazer a bola alcançar um companheiro de equipe – e não a si mesmo –, passando pelo meio

das pernas de um defensor, lance valioso porque a pelota chega do outro lado da defesa por uma trajetória reta, sem perder tempo na conexão com outros jogadores ou em parábolas mais lentas, e o algoritmo desse passe na caneta deve levar em conta nada menos que – mas não restrito a – a posição de todos os envolvidos no lance, a distância do adversário a ser canetado, a posição atual e futura das suas pernas, a movimentação dos companheiros e outros defensores, a velocidade e giro da bola, a força do toque, a região do pé a ser utilizada, a região da bola, a expressão corporal – inclusive o olhar, de modo a sugerir ao defensor que se pretende realizar uma outra jogada para que ele não antecipe a caneta –, os níveis de consciência envolvidos – porque um bom defensor *sabe* que um bom atacante blefa o movimento e o bom atacante *sabe* que o bom defensor sabe disso, em uma recursividade potencialmente infinita e exasperante –, e o algoritmo calejado de anos e anos de repetição contemplará esses e outros fatores e enviará a decisão e a execução ao corpo em uma fração de segundos – *uma fração de segundos*, é importante repetir –, ressaltando novamente a ausência de consciência e racionalidade enredada no disparo da ação, tamanha a integração do algoritmo com o sistema nervoso adquirida por força da monótona e já muito citada repetição em milhares de treinos e jogos, esse algoritmo do passe na caneta, construído para uma situação de ataque em que as metas, as variáveis e a estética implicadas são, talvez, facilmente visualizadas, esmiuçado para que se tenha em mente o que está envolvido também em situações que requerem soluções mais reativas e ambíguas, como em lances de defesa, especialmente em momentos-chave de jogos realmente importan-

tes, quando a decisão por cometer faltas táticas é absolutamente normal, muitas vezes *inescapável*, um adversário que toma seu espaço e passa a avançar rumo ao seu gol a uma velocidade que será impossível acompanhar, criando uma situação de jogo que poderá definir o campeonato a favor dos oponentes, gera uma alternativa algorítmica defensiva adequada que impedirá esse avanço, o chamado “trança-pé”, um toque com um pé no calcanhar erguido do adversário que tem sua perna deslocada para trás da outra, de modo que, ao trazer aquela perna para frente na continuidade natural de seu movimento de corrida, ele atinge a panturrilha da própria perna de apoio e, sem o bipedismo pacientemente moldado nas savanas por milênios que o equilibrava, despenca na grama e perde a chance de participar da possível criação da jogada da sua vida, uma decisão algorítmica defensiva com um nível de violência bastante civilizado, sobre a qual torcedores, jornalistas, amigos, familiares e toda sorte de *timelines*, inconscientes de toda a repetição monótona e doutrinação cega envolvidas nos mais invisíveis porquês, julgarão.

.....

Carlos Sacchi (kksacchi@gmail.com) nasceu em 1979. Em fluxo paulistano pendular, é procrastinado em literatura, música de concerto, ciências e autocritica pela Escola de Administração de Empresas da FGV-SP.

Cadernos da casa grande

Helena Cerello

*1989 – 12 anos**

— Que cara é essa, menina?

— Cara do quê?

— Cara de quem encara semáforos para ver se eles abrem. Tome tento. Arvore essa coluna, dê chance pro frio não, saia do vento.

Omii falava assim. Eu olhava para o rosto dos meus primos para ver se eles também ficavam espantados com o jeito de falar de Omii. Mas eles não sabiam de nada. Estavam mais preocupados em instalar um megafone na janela do casarão nos Campos Elíseos do que interessados em Omii. O alto-falante serviria para xingar o homem do caminhão da pamonha, brincadeira de que eu e Omii nunca participamos.

* Trecho de romance em processo de escrita.

– Omii é uma entidade. Não ralhem com ele. Senão o invisível vem pegar o pé de vocês à noite – dizia uma das cozinheiras.

Preciso confessar que na época tive que procurar a palavra “entidade” no dicionário. Entidade: “aquilo que constitui a existência de algo real”. Não demorou para eu achar que Omii, nos seus 25 anos, era real, ou seja, algo como um príncipe africano disfarçado, um homem de inteligência superior, absolutamente mais nobre do que os amigos da minha tia, dona daquele casarão. Omii foi minha primeira experiência com o invisível, não o invisível que pegaria no meu pé, sobretudo quando caísse a noite, sempre amei as noites, mas o invisível que meu pai dizia ser tudo, ou quase nada, que nos separa dos deuses.

– Seu pai foi convidado para ser professor de filosofia da USP, mas declinou, foi tentar ganhar dinheiro.

Essa foi a história que me contaram, mas eu não sabia o que era a USP. Muito menos Omii. Para mim, ele era a própria invocação dos deuses e suas metamorfoses, que meu pai estudava na USP, e sobre os quais ele nos contava antes de dormir, o que assustava minhas primas recalcadas e gerava repulsa, principalmente na minha mãe.

– Fique longe desse rapaz.

Eu nunca tive medo, pelo contrário, a noite foi minha irmã na Alameda Dino Bueno, desde que nasci, e onde morei de favor até os 21 anos com primos, com empregados da minha tia bilionária e sem filhos, e com Omii, meu menino-pajé disfarçado de jardineiro.

– Só estou tentando comer a chuva, quer tentar, Omii?

– Saia daí de baixo da calha, a água desse canto vem do telhado. Se quer comer a chuva, coma a gota que vem do céu e é mais pura, o céu está apurado, veja.

– Me deixe, eu estou comendo uma cachoeira.

Nascer na cidade tem dessas coisas. Teimosia e vontade de desafiar a tempestade. Eu sempre fui assim.

– Você é que nem seu pai, menina, ninguém pega vocês, vocês é que se deixam capturar. Mas, quem sou eu para correr atrás de corrente de vento? Quem é do mato sabe que não se toma banho de cachoeira em dia de chuva, a correnteza traz, com os encantamentos, as pedras.

Omii sempre me deixava aprender com as coisas. Sozinha. Ele me via, ainda moleca de tudo, desarvorada com a cascata que vinha da calha, o buriti no jardim sacudindo o cocar verde no vento, o pé de manga soltando cheiro, a dormideira toda enfileiradinha, e devia ter saudade da terra dele.

– Vá botar a bota, menina.

– Você tá falando de mim, mas você tá sem.

– Sempre andei sem sapato na chuva. Não porque gostasse. Nossa gente não tinha sapato, não.

E se punha a me contar, pela vigésima vez, que na terra dele, sertão do Ceará, o povo todo ganhava sapato. Ele nunca aceitava, mas tinha muita gente que aceitava sapato do padre no inverno. O padre chegava fazendo-se de bem-intencionado, levava as alpargatas pra todo mundo poder ir à igreja. Mas, tinha uma ordem clara: que o povo fosse descalço até a porta da igreja, e só colocasse o sapato lá dentro.

– Sempre preferi aprender a fazer meu próprio fogo.

Era ele falar a palavra fogo e levantar os braços que o céu clareava. Não estou mentindo. Eu sempre me assustava com o trovão, e ficava ainda mais vesga.

– Xangô é justo, não vai lhe fazer mal, nhazinha.

– Eu quero meu pai, Omii.

– Você esquece que o daqui a pouco logo está aí.

Omii chamava meu pai de “daqui a pouco”. E o daqui a pouco nunca chegava. Eu, menina nos meus doze anos, era vesguinha. Não se podia tocar nesse assunto de pai, que os meus olhos transbordavam pelas beiradas. Eu não era estrábica o tempo todo. Omii dizia que eu era apenas uma galega que tentou, desde bebê, mirar nos olhos do pai, mas o pai estava sempre olhando para outro lugar que não pra mim, e por isso minhas duas bolinhas verde-oliva pediam amor pelos cantos, só que cada uma pedia pra um canto diferente. Omii me contou que chegou a fazer chá de folha de amora e misturar no whisky do meu pai, que ele fez o que pôde para ver se o homem atinava o coração e olhava pra mim, bebê, mas o máximo que conseguiu foi afogar o gelo.

– Estou tremendo.

– Eu avisei. Enrole-se aqui nesse crochê. O que a nhazinha sente não é nada grave. É só o frio. É o tal do *freddo* dos seus avós lá das Itálias. Tire esse frio do corpo que passa. O frio nada mais é do que a ressaca do calor, menina.

– Tirar meu frio, Omii?

– Deite, que vou buscar o jornal.

Eu adorava o que ele fazia comigo. Uma espécie de ritual xamânico, que realmente aliviava as dores do corpo, e chegava até

a curar pneumonia. Eu perguntava como ele tinha aprendido a tirar o frio do corpo das pessoas. Ele ficava orgulhoso de saber uma coisa que só ele sabia. Omii me contou que quem ensinou foi um índio boliviano, o grande Seu Peru, que gostava de ser chamado assim. Seu Peru. Um índio velho desterrado que chegou com um circo e um punhado de contradições. Vendia algodão-doce na lona, e dizia que era pai de dois contorcionistas. Tirou tanto frio do corpo dos filhos que os rapazes não tinham dor, podiam dobrar sem quebrar.

– Os filhos dele, os contorcionistas, eram bonitos demais, faziam inveja até pro estrangeiro, que levou eles, e que vão levar tudo.

Omii falava baixo e pra dentro. E me contou devagar que o dono de um circo nos Estados Unidos roubou os filhos do Seu Peru. Foi esse índio quem ensinou Omii a tirar o frio do corpo das pessoas com folha de bananeira e uma tocha acesa. Em mim, Omii fazia com jornal mesmo e um isqueiro. Funcionava no mesmo tanto, era só Omii não olhar pras notícias. Fazia um cone com o jornal, como se fosse um sorvete, colocava em cima da dor e acendia a folha de jornal com fogo. Se ouvíssemos um sopro, é porque tinha frio, e se a chama acendesse para cima, arrebentasse como um estrondo, segundo ele, num rebentamento de um desafo, na manifestação de uma revelação, e a folha toda pegasse fogo, é porque o frio tinha saído do corpo. As minhas primas chamavam aquilo de feitiçaria, e Omii estava proibido de fazer, com a pena de ficar de castigo, sem o jantar. Eu já desconfiava que Omii era diferente de nós, porque sofria castigos diferentes de nós, porque ele não ia à escola, ele não ia a lugar algum, mas no dia em que perguntei se ele era um escravo da titia, porque

tinha ouvido na escola essa palavra, mas não tinha certeza, apañei de sair sangue. Omii fazia a feitiçaria pelo meu corpo todo. Mandava eu deitar de calcinha. Minha mãe não podia saber. Já ia ver maldade onde não tinha. Ele dizia que ia fazer um cone de sorvete com o editorial do meu pai, jornalista.

– Seu pai só deve escrever bobagem mesmo. Vou começar aqui pelas suas costas. Vire. O calafrio que vocês da cidade sentem por aqui é uma espécie de alegria que gastou rápido demais, alegria de quem passou os últimos tempos num parque de diversões, pulando do carrinho de bate-bate para o castelo assombrado, sem parar. Vocês fazem muita coisa desembestada. Ele dizia que a gente, adulta, amava tudo de uma vez. E de repente esfriava. Acho que ele estava falando dos meus pais.

– E os seus pais, Omii, amam como?

– Eles também amam assim. Mas a gente chama isso de fogo. Vocês confundem isso com amor. Querem tudo de uma vez, mesmo sem querer. Tenho dito. Eu sempre falo para o seu pai. Esse misto de pressa e dor nas costas que ele sente é coisa do asfalto. Eu digo, brinque um pouco, trabalho não dá conta disso, não. Mas ele prefere não parar. Por conta e risco. Eu tento de outros vícios. Todos os dias. Aprendi que quanto mais tempo você insiste na verdade, mais ela lhe torna um mentiroso. A verdade só é quando acontece. Senão alguém, uma lua, ou uma dor, vem chamar você pra sentar, ou lhe derrubar um pouco. Você está com pouco frio hoje, nhazinha. Ponha sua blusa, está bem por hoje.

Aprendi a amar e a odiar com Omii. Foi assim que comecei a escrever, e escrevi no meu caderno grande parte das coisas que

ouvi da boca dele. Sempre tive esse defeito, desde menina. Emulo as pessoas. Se fico muito tempo perto delas, roubo parte delas, e tento fazer melhor. É incontrolável. Depois de ficar perto de Omii, comecei a pensar como ele, agir como ele, ver o mundo como ele. E foi assim que vi o preconceito dentro da minha mãe pela primeira vez. Ela costumava descer aquelas escadas de mármore com os olhos e a boca de uma escafandrista. No avesso tinha o rosto de uma mulher boa, mas bem no avesso. Rosto de quem sabe sobre o silêncio das sereias, muito antes de Kafka, o silenciador preferido do meu pai. Acho que vi ela tentar voar pela janela, uma vez de madrugada. No fundo, minha mãe só queria se molhar mais. Todo mundo só quer se molhar mais. Porque todo mundo é rio, e não pode parar. O mundo todo acha que seu destino é muito mais do que se represar nas curvas das pedras.

– Na África, família é parente das rochas, sabia não?

– E o que você sabe da África, Omii? Nunca foi pra lá.

– Tudo que sei vi nas figuras dos livros do seu pai. E o que ainda não sei se sei é porque vi na vida, ou não esqueci o que vi nas outras. Mas olhe esse buriti. Tome um ar, as águas já estão passando. Esqueça essas dores. Ou melhor, tente não esquecer a maravilha que é se aliviar um pouco de uma dor que passou. Pare de brigar com elas. Saia da cidade um pouco que elas a deixam em paz. Ou um dia elas levam você.

Depois de falar sem parar, Omii sempre me oferecia um sorvete.

– Tem de quê?

– Olha, devia ter de araticum, brejaúba doce e ácida, ma-

macadela conheço mais o chá, de graviola que sua mãe misturava com leite condensado para enganar seu pai, se tivesse mangaba oh coisa boa de comer, murici bom pra febre, mutamba bom pro fígado, pequi tem que ter cuidado com os espinhos dentro do caroço, gabioba amargo-adocicada, seriguela intrometida, tamarindo, amendoim pra pressão baixa não serve, taperebá árvore muito alta, umbu árvore sagrada do sertão que dá de beber, uva que dispensa saliva, mas o que temos na geladeira é Chicabom, pergunte o que é à secretária do seu pai, ela é quem faz as compras, que eu não tenho coragem de comer isso, não.

.....

Helena Cerello (helenacerello@uol.com.br) nasceu em São Paulo, em 1977. Estudou Administração de Empresas na FGV-SP e Teatro no Teatro-Escola Célia Helena. Trabalha como atriz desde 2000. Além disso, escreve ficção e dramaturgia, e ministra a oficina de corpo e escrita "O corpo todo que escreve". Recentemente, publicou o romance *Ninguém abandona o Paraíso pela porta da frente* (Editora Quêlônio).

Filha de que Deus?

Silvana Dip

Sou adotada
Sou negra
Sou uma filha que alguém não quis
Cheguei numa casa, encontrei um pai, uma mãe e um irmão
adotado também
Só que ele é branco
Ele também não quiseram
Agora somos irmãos, ele e eu
Café com leite, preto e branco, feijão e arroz
Sempre dois
Nunca um só, mas sempre sós
Ele e eu, cada um com sua única história
Por mais que tentem, somos diferentes
Entre nós dois, entre todos
Usamos a mesma roupa de batismo, querem que sejamos
filhos de um mesmo Deus

Sou magra, sou alta, sou assustada
Tenho tantos medos que não sei quantos
Tenho medo de me olhar no espelho
Meu cabelo é pixaim
A água do chuveiro não molha meu cabelo
Mas molha o cabelo do irmão que a vida me deu
A mãe gosta de pentear o cabelo dele
O pai que penteia o meu
O pai gosta muito de mim
Me olha com olhos doces
A mãe gosta do menino, em mim ela não se enxerga
Quando cheguei ela ficou feliz
Mas não ficou feliz quando minha pele anoiteceu
Quando vamos pra praia ela passa muito creme no menino
Acho que ela não quer que o menino escureça
De negra basta eu

Quando me desenham, as crianças da escola não só colorem
meu vestido ou meu sapato, elas me pintam de preto

Sempre me reconheço num desenho cheio de figuras; sou a
diferente

Meus olhos são grandes e verdes (bonitos?), escuto que são
espertos

Mas eles não combinam com a cor da pele e com o meu
nariz grosso

Minha mãe que me adotou sorri amarelo quando me elogiam

Meu pai desenha magicamente
Ele já me fez princesa, boneca, fada e miss
Ele que inventou esse laço que segura meus caracóis
Sempre uso laços coloridos e grandes

Não sei por que não choro hoje em dia
Nem me lembro se chorei muito quando a outra mãe não me
quis e por isso sequei
Meu irmão chora muito
Acorda no meio das noites gritando e tremendo
Eu me assusto com os gritos dele, mas os reconheço, viro
para o outro lado, fecho os olhos bem fortes e me abraço
Consigo com os meus braços finos e longos me abraçar e
me acalmar
Tenho que ser forte

Nas escolas, nos clubes, nos cinemas e nas lojas que vou,
sou sempre diferente

Na escola com mais de 500 alunos eu sou a única negra,
em todos esses lugares que vou só os que servem têm a cor igual
à minha

Sempre fazem brincadeiras, sempre contam piadas sem gra-
ça, sempre fazem questão de me lembrar do que não esqueço

Meu irmão que a vida deu (será que tenho outros?) me pro-
tege sempre

Parece que foi instantânea a necessidade que tivemos de nos
ampararmos, de nos reconhecermos

Meu irmão faz tempo quer saber quem foi a mãe que o pariu,
ele machuca com essas ideias o pai e a mãe que temos

Eu também gostaria de saber muita coisa, mas prefiro ser
covarde Assim não machuco quem tenta cuidar dos meus ma-
chucados

Meu irmão tem um monte de peças que se encaixam na sua
história, qualquer hora ele vai completar esse quebra-cabeça

Meu irmão está cada dia mais aflito para terminar de montar
seu jogo da vida

Agora, de noite, na casa onde moramos, são três que choram
todas as noites

Eu continuo me abraçando e fechando forte os meus olhos
verdes e tristes

Faz um tempo que meu irmão saiu numa noite chuvosa e
falou tchau pra gente

Ele devia é ter dito adeus, porque nunca mais voltou

Agora os pais choram também de dia, todos os dias e todas
as noites

Eu só enxugo as lágrimas do meu pai, minha mãe não me
deixa chegar muito perto dela

Nossa casa fica sempre com as janelas fechadas, o quarto do
meu irmão está igualzinho desde o dia em que ele saiu pra nunca
mais voltar

A escova de dentes dele ainda está na pia do banheiro

Pouco se ouve na casa, nossa casa parece ser muda

Os pais que quiseram a gente quase não se falam mais, não
sorriem mais, não se arrumam mais

O pai emagreceu tanto, tanto, que parece que é o esqueleto
dele que anda por lá

Ele não desenha mais e nem se importa que não uso mais os
laços coloridos no cabelo

Outro dia, um moço me olhou na rua e não estranhou minha
cor e me amou como sou

Eu também o amei

Agora, sou única de novo, mas de um jeito bom

Ele é corajoso, me abraça forte e desafia os que querem me
machucar

Ele é branco e quis ser pai de um filho meu, não se importou
com a cor que ele poderia ter

Nosso filho tem um cromossomo a mais, disseram isso
quando ele ainda estava na minha barriga

Não nos importamos

Disseram que ele vai ser diferente

Diferente mais uma vez

Não por ser negro, nem por ser branco

Não se preocupe, filho, você nunca será abandonado

.....

Silvana Dip (silvana.purm@gmail.com) nasceu em 1957. Formada em publicidade, trabalhou como redatora. Sempre gostou de ler e fazer cursos para conhecer autores e diferentes gêneros. Agora, se aventura a escrever e quer ser lida.

As impertinências da srta. Mila

José Luiz Aidar Prado

Confesso a vocês: desde o primeiro momento tive vontade de agarrá-la e beijá-la. Foi como uma erupção vulcânica desde a mais íntima entranha, algo que começa lá no fundo e explode, ocupa todas as células do corpo, num processo que vai desencadeando, contagiando, como uma onda sonora, mas na velocidade da luz, uma onda luminosa que faz a coisa subir e querer, querer, querer. Mas no escritório há o perigo do assédio, e disso a erupção não sabe. A reflexão é chamada como a um bombeiro: venha esfriar o caldo, venha, venha. Aquiete-se, desejo! Subitamente, no entanto, enquanto eu a olhava naquele primeiro momento de fervura, em que a via à mesma medida que ela ia entrando na sala, no gerúndio caliente da coisa – ela vinha trazida e apresentada pela sra. Valentina, nossa gerente de RH –, aflorou – de onde teria vindo? – aquele barulho anacrônico, inoportuno: um som não identificável, um ruído baixo, mas com uma tonalidade suspeita, quase desagradável, quase introdutora de mau agouro, algo inestético naquela conjuntura de uma entrada abençoada da deusa. Caiu na minha caldeira emocional como o mais eficiente dos bombeiros.

Um tal barulho impertinente ensejava a emergência de um afeto descontente, incomodado, introdutor de atmosfera nada intersubjetiva, afugentadora da libido. É preciso explicar: o ruído não foi intentado pela srta. Mila, candidata à vaga de minha secretária, mas decerto inoportuno. De qualquer forma, tudo indicava que havia sido produzido por ela. Embora, naquele momento, eu não tenha tido essa certeza; acabei concluindo-o após análise cuidadosa das lembranças das percepções daquele momento terrível.

A impertinência nada mais é que esse microevento que gela o acontecimento epifânico, emergência fora de hora que esfria o corpo, paralisa o intelecto, e beira a insolência, promovendo a neurastenia no espectador. Mamãe dizia que a impertinência congela o corpo de quem a presencia, de quem a sente, aplicada como uma injeção dolorida pelo impertinente, brotando zanga. Mas é claro que nem sempre aquele que emite a impertinência é impertinente, apesar da inoculação do despropósito. Naquela situação, penso ter sido esse o caso. Uma impertinência de uma senhorita não impertinente, aliás, uma deusa. Reparem na cena: a srta. Mila era uma moça magra, de cerca de trinta anos, lindíssima, educadíssima – isso eu descobri nos dias seguintes ao incômodo ruído –, extremamente sensual e inteligente, morena, cabelos lisos, óculos delicados quase sem aro, terninho tipo Chanel, maquiagem bem suave, sapatos altos mas nada exagerados, sorriso inteligente, olhos verdes adentradores. E a cor da pele da srta. Mila – ah, não há palavras para nomeá-la... Como poderia eu classificar a srta. Mila de impertinente? A impertinência afasta, aflige, destrói a paixão, o ânimo,

o entusiasmo. E a srta. Mila era, nessa primeira visão, o oposto disso: era acolhedora e deliciosa.

A questão é que a impertinência da srta. Mila não se restringiu a esse pequeno barulho, mas inaugurou o que eu jamais poderia ter esperado ante a visão estupefaciente da deusa naquele primeiro momento. Dois dias depois do pequeno incidente sonoro, ela começava suas atividades trazendo-me papéis para eu assinar. Imaginem a cena. Meu escritório era amplo, envidraçado de um e outro lado, um deles voltado para o mundo, vendo-o de cima, do trigésimo quinto andar, e o outro enfrentando o resto do escritório, onde trabalhavam quase cinquenta pessoas. Nossa empresa era de varejo, vendíamos chips para implantes subcutâneos com finalidade variada: medir pressão, batimentos cardíacos, acalmar tensão, coordenar os nanorremédios necessários a uma homogeneização das intransigências do gráfico neurótico etc. As possibilidades de aplicação eram numerosas, e os preços flutuavam em função da necessidade e da gravidade da função e da tecnologia consequentemente captada para viabilizar a meta.

A srta. Mila entrou com uma minissaia amarela e uma blusa de um tecido bem leve, quase transparente, sentou-se no sofá enquanto eu terminava uma ligação e cruzou as pernas. A primeira impressão que tive era que ela não usava aquilo que costumamos chamar roupa de baixo. Mas como ela estava relativamente distante, não pude constatar com segurança tal fato, o da presença da ausência. Senti um aquecimento corporal, e ao mesmo tempo certo desconforto. Outro poderia animar-se com isso, a deusa em pelo, ali exposta suavemente como veio ao mundo. Não foi o que me

ocorreu. Imediatamente depois dessa percepção, espocou novamente o barulho impertinente. Só que dessa feita ele vinha em tom mais agudo que o anterior. Lembrei imediatamente a meditação dos chakras, em que o meditador ouve uma música e vai fazendo um ruído constante, acompanhando-a com um mmmmmmm, alternando o mmmmmmm com a respiração, fixando sua atenção em cada um dos centros de energia, tornando o som cada vez mais agudo, ao subir de um a outro chakra. Estaria essa deusa provocadora a mexer com meus brios, com minha história, com meus valores? Tive vontade de perguntar para Tania, minha assistente, que ainda estava ao meu lado quando a deusa entrou, se também ouvira o barulho impertinente, mas naquela situação seria impossível fazê-lo. Teria sido deselegante e inapropriado. Algo fora de lugar e de tempo.

Tania saiu da sala; perguntei para a deusa como estava vivenciando os primeiros dias na empresa. Ela respondeu que aos poucos compreendia as tarefas e conhecia os demais funcionários, e que estava gostando muito. Cruzou novamente a perna; agora, tive a impressão, aliás, uma forte mas fugidia impressão, de que havia algo entre as pernas da deusa. Algo impreciso, como um volume, ligeiro, não protuberante, mas uma quase presença, uma sombra incômoda. Sim, uma presença impertinente. Algo impertinente que a tornaria uma deusa, sim, ainda deusa, mas impertinente.

Nos dias subsequentes, nada ocorreu, mas nas semanas seguintes, voltaram as impertinências da srta. Mila, minha deusa, cada vez paramentada com uma roupa diversa, com a maior das simpatias, embora com frequência cada vez maior de baru-

lhós, cruzadas de pernas, cheiros estranhos, copos caídos na mesa, fiapos de alimentos entre os dentes, frases sussurradas, negadas ao meu pedido para repeti-las, ao ponto de me criar desconcertos crescentes, uma ambiguidade que me percorria como um calafrio ao avistá-la, sempre deusa, mas cada vez mais impertinente. Foi quando comecei a perder o sono; quando conseguia dormir, acordava abruptamente no meio da noite. Emagreci, perdi o apetite e, finalmente, depois de dois meses de impertinências que se ampliaram, vindas não só da deusa, mas de outras pessoas que dividiam comigo os vários ambientes de minha vida, decidi pedir transferência para o sul, rumo a uma capital menor, longe dos holofotes da megalópole e longe das deusas. Começava ali uma fase de terrível inadaptação à impertinência das pessoas.

Foi então que comecei a classificar as impertinências: de tipo 1 a 5. Na verdade, me tornei obsessivo por essa classificação. Veja você que a impertinência se refere a algo fora do lugar, ou no lugar, mas fora de intensidade ou feito de modo excessivo, carregado de um desvio perverso, recusando a normalidade. No nível 1, estão atividades mais básicas, ligadas ao corpo, como peidar em público ou durante o sexo, arrotar nas refeições, entrar no ônibus sem tomar banho etc. São todas nível 1, as mais óbvias. No nível 2 entram os excessos. Comer demais, rir demais, falar demais, até a indiscrição, colocar-se de modo soberbo, exagerando a própria importância, ou de modo a ignorar o interlocutor. No nível 3 estão as impertinências afetivas. Aqui, eu não rio demais, mas rio na hora errada, sou deselegante com meu amor, convido amigos para irem à casa de minha amiga sem consultá-la, imponho um com-

portamento a alguém com quem moro e para quem esse comportamento não é moral ou esteticamente aceitável etc. No quarto nível ocorre impertinência em troca intersubjetiva. Exemplo: o candidato a namorado liga para a pretendida namorada e por alguma razão ela, brava com ele, não atende. Então, ele pede ao amigo de infância, com quem tem a máxima proximidade e é mais poderoso que ele próprio, que ligue para a moça de outro celular, pedindo que ela atenda o outro. Ele fala em nome do candidato, suplica por uma resposta. Completamente impertinente! Isso costuma ocorrer quando você precisa pedir emprestada a força linguageira de outrem para fazer algo por você, que se sentiu fraco. Fraqueza impertinente. Impertinência intersubjetiva. Insuportável! O último nível é aquele referente à produção de algo que não seja pertinente a determinado campo, como, por exemplo, o político, o artístico ou o acadêmico. É o caso de você apresentar uma poesia a uma banca de mestrado, digamos. Ou de fazer um artigo científico para uma revista literária. É claro que com a pós-modernidade essas fronteiras se tornaram líquidas. Curiosamente, jamais consegui classificar as impertinências da srta. Mila em seu sentido global.

Tive de fazer psicanálise para atenuar minha obsessão pelas impertinências. Cheguei a escrever cinco cadernos listando as impertinências com as quais deparava e muitas vezes não conseguia agir, eu próprio, com medo de ser ou me tornar impertinente. Anos depois, a obsessão mais atenuada, casei com minha psicanalista, algo impertinente, mas devidamente elaborado em análise, já nessa ocasião com outra psicanalista, o que tornou meu casamento pertinente. Logo em seguida, pedi aposentadoria, em tempo pertinente,

e fomos viver em um sítio que comprara alguns anos antes com a herança pertinente que deixara meu pai, cuja morte foi impertinente: ataque cardíaco súbito, trepando com o filho casado da vizinha. De fato, devo à srta. Mila a atenção às impertinências. Minha vida jamais foi a mesma depois de conhecê-la. A partir de Mila, os fatos da vida se dividiram entre pertinentes e impertinentes. Não me lembro de outra relação tão intensa com uma mulher, nem mesmo com aquelas com as quais tive impertinências carnavais.

.....

José Luiz Aidar Prado (aidarprado@gmail.com) nasceu em 1954. É professor, engenheiro, bacharel em Filosofia, editor e doutor em Comunicação. Autor de livros na universidade (*Convocações biopolítica dos dispositivos comunicacionais* e *Habermas com Lacan*) e coautor do livro *O que é vampiro*.

O fio

Verónica Barranco

Acordam de manhã e logo começam a tecer um movimento invisível pela cidade, fios que se cruzam e se enredam, como a gosma dos caracóis sobre as folhas verdes. Sempre vão para frente. Os seres humanos são incapazes de retroceder no tempo como nós, embora acreditem que o perdem e, às vezes, inclusive, que podem recuperá-lo. Observo-os do alto da minha janela, perto do céu, até que fico entediado e pulo pro chão. Bocejo e vou devagar até a cozinha para comer uns croquetes da ração que deixa meus pelos mais brilhantes. Parece que hoje vai ser um dia com mais trabalho do que o habitual.

Nós, gatos, vemos muitas coisas, mas somos especializados em rastros invisíveis. Essa é uma das características que nos fazem superiores a essas criaturas vulgares, os cachorros, e àquelas coisas nervosas, porém deliciosas, que são os pássaros. Eu sei que esse é um debate infinito, mas fica aqui a opinião de quem conhece o tema e sabe defender um ponto de vista com argumentos de peso. Na hora de falar sobre o assunto, os cachorros se contentam em abanar o rabo e se gabar de sua superioridade olfativa, como se

isso fosse prova suficiente. Com os pássaros, nem perdemos tempo: sempre somos nós que temos a última palavra.

Quando minha humana dona chega em casa, quase sempre tarde, traz o fio nas costas. Recebo-a com um show ensaiado: começo a miar enquanto ela sobe as escadas e fujo para o tapete cheio do vizinho assim que ela abre a porta do nosso apartamento. Então ela sai correndo atrás de mim, preocupadíssima. Me pega no colo. E lá está ele, o fio, às vezes enroscado, com uma forte luminescência, mais fraca se está cansada.

É quando eu preciso me esmerar, me esfregando nas suas pernas e ronronando até desenrolá-lo. Depois sigo as pistas que caem dele. Onde será que esteve hoje essa humana que voltou com esse cheiro de decepção? Quem são esses restos de raiva aqui? Ou serão de remorso? Preciso desabafar: de um tempo para cá, ela tem voltado com um fio que dá até pena, e tenho que ficar um tempo arrumando a bagunça. Então, ela diz em voz alta: “Que carente que tá esse gato hoje!”. Ofendido, volto para minha janela e protesto aos berros: “O que seria da sua vida sem os meus cuidados?”.

Mas o ultraje logo passa. No fundo, fico com pena dela, deles: esses humanos que só sabem ir pra frente. Há dias, como hoje, que pelo embaraço do fio já vejo que ela está precisando de um cuidado a mais. Engulo o orgulho e volto pra lambar seus dedos. Ela tem as digitais cheias de pontos e vírgulas, discursos corporativos e pouquíssima poesia. Se continuar assim, vou precisar pedir um aumento: três sachês de razão úmida por dia, nem um a menos.

.....

Verónica Barranco (verobarrancoarobes@gmail.com) nasceu em Astúrias, no norte da Espanha, em 1979. Viveu em Madri, Roma, Londres, até chegar a São Paulo no fim de 2012. Quando criança queria ser jornalista, mas depois de adulta entendeu que a ficção é mais fácil de narrar que a realidade.

Roteirista de sonhos: Elisa

Diego Mauro

Era Elisa tocando à minha porta. Adoro quando é sessão de Elisa. Os melhores clientes são aqueles que têm um certo prazer em se expor. Sinto que contribuo mais assim. Sempre achei o humor e a safadeza os estados de espírito mais edificantes. Questões muito veladas, problemas com o pai, então, sempre acabam em choradeira. Reconciliação, o tema do sonhante que acabou de sair: isso me mata, me provoca uma espécie de indisposição diante das questões alheias. Abri a porta para ela.

Elisa!

Douglas, quanto tempo!

É verdade! Sente-se, por favor. Ou prefere o divã?

Eu gosto de ficar sentada no início, você sabe.

O que tem feito desde nossa última conversa? Aí ao lado estão seus comprimidos.

Ah... as crianças crescendo... Bianca tomando gosto por roupas caras, Diego ganhando medalhas na natação. Raul, o pai

dos meus filhos, se você se lembra... – ela deixou a bolsa ao lado da poltrona, tomou os comprimidos e meio copo d'água. Devolveu o copo vazio à mesinha ao seu lado, acomodou-se. A janela horizontal da sala emoldurava o topo das copas das árvores, em sintonia com os cabelos de Elisa, mechas harmoniosamente picotadas.

Claro que lembro. Como ele está?

A empresa tem crescido, cada vez mais viagens. É até um pouco constrangedor dizer isso, mas é como se a gente não estivesse sentindo a crise lá em casa – e examinou cada detalhe da minha sala, até enfim se ater aos meus sapatos e, com um aceno de aprovação à minha camisa, pousou os olhos nos meus –, *e aí acaba que eu fico muito tempo sozinha. Bianca me acompanha ao shopping, mas não há dinheiro que sacie meu tédio. É quase uma preguiça existencial, sabe?*

Entendo perfeitamente. Algumas pessoas que vêm aqui falam sobre essa indisposição diante da vida usando termos semelhantes.

Pois é. Sabe Gustavo?

O sócio de Raul?

Ah, já tinha me esquecido. Não, eu encerrei o caso com ele. Começou a dar conflito de interesses.

Mas o seu marido não sabia?

Ele sempre soube. Mas esse Gustavo me veio com uma história de que não estava segurando as pontas, que estava apaixonado por mim. Sexo é sexo. Mas as pessoas não sabem separar as coisas, não é, Douglas?

Isso é bem verdade.

E a gente se dá bem assim. Sinto falta de Raul quando ele viaja. Não é só porque eu tenho que cuidar das crianças sozinha. E ele tem viajado tanto...

É complicado mesmo.

Então ele me pediu, pediu, não, me estimulou para que eu procurasse homens mais jovens, de preferência. Ele gosta de saber com quem eu estou saindo – ela se ajeitou na ponta da poltrona, buscando se aproximar um pouco. Ele mooorre de tesão quando eu saio com caras que fazem o tipo dele. E nosso sexo melhora. Ele está com esse hábito de me chamar pelo nome dos meus amantes.

Dona Elisa...

Elisa está bom.

Você realmente achou o marido dos sonhos.

E é por isso que eu estou aqui – ela apoiou as costas novamente e escondeu um bocejo com a mão. No percurso da mão de volta ao braço da poltrona, um dos mínimos brilhantes do seu anel que, juntos, lembravam os olhos de um inseto, faiscou ao cruzar com um fecho de luz do sol.

Quanto mais você me contar, melhor – com o controle na mão, fiz descer uma fileira de persianas de madeira embutidas entre os dois vidros da janela. Apenas algumas luzes pontuavam o ambiente. Mudei tudo para um tom violeta.

E eu já não gosto de esconder detalhes – ela relaxou um pouco mais na poltrona. Tirou os dois saltos como se estivesse em casa.

Continue, continue.

Raul me pediu que eu levasse esse outro Gustavo, Gustavo Maltez, puta que pariu, esse você precisa ver a foto.

Mas eu vou ver, assim que acessar as memórias.

Ah, mas isso é o protocolo. Eu quero lhe mostrar aqui, nas minhas fotos – Elisa empurrou os saltos para o lado com os pés e se levantou com preguiça, abaixou a luz da tela do seu celular e me mostrou uma foto.

– Caralho! Desculpe – devolvi o celular.

O Tinder foi generoso comigo.

Deus preserve essa vocação para homens belos. Mas você sabe, não? Você é linda.

Pare com isso! Adoro um elogio quando não estou esperando.

Me deixa ver a foto de Maltez outra vez? – Elisa cobria um longo bocejo quando me entregou o aparelho.

Pode ir passando. 26 anos. Chileno – Ela voltou para a poltrona e largou o corpo contra o encosto, a calcinha à mostra, abandonando a compostura.

No ápice! Que essa fonte nunca seque.

Amém. E esse é o ponto. Quando eu mandei a foto para Raul, ele me pediu um favor novo dessa vez – Me levantei, o tapete vistoso absorvendo o som como se eu estivesse só de meias. Devolvi o celular e retornei à minha cadeira.

Que favor?

Ele queria que eu levasse esse monumento ao tesão lá para casa, que a primeira vez fosse na nossa cama.

Elisa, eu quero seu marido pra mim. Claro, eu preferia esse guapo... Tenho chances com ele?

Não tem, Douglas – ela soltou o celular sobre a abertura da

bolsa, errando a mira sem se importar. Apontou para a tela acesa sobre o tapete. *Esse aqui é 100% hétero. Tentei colocar um dedo, mas ele broxou na mesma hora. É o hábito, Raul adora, queria saber se funcionava com Gustavo también.*

Você sabe que nada é 100%, não é? Mas por que você está aqui? Por que não está na cama com ele?

Então, Raul me pediu que eu levasse Maltez para casa, não só porque ele adora levar uns cornos na nossa cama, mas porque ele queria que eu filmasse tudo.

E você...

Filmei. Mande para Raul e ele enlouqueceu. Ficou insistindo para que eu dormisse com ele mais vezes.

Então eu faço a pergunta de novo: e por que você está aqui?

Ah, você sabe que quando o sexo é bom, não é só a pele da gente que melhora, não são só pras risadas soltas durante o dia que as pessoas olham com uma inveja que só valoriza a gente; o sono também melhora. E eu tenho conseguido dormir até oito horas seguidas, sem remédios. Mas nada de sonhos.

Algo em mente?

Eu quero Maltez comendo meu marido.

Bravo! Alguma posição, algum fetiche?

Ah, acho que de posições você entende melhor do que eu. Quero estar presente, mas quero apenas assistir, no início. Só estou pedindo isso porque sei que essa coisa a três é impossível. Maltez realmente não leva jeito com homens...

E depois?

Me surpreenda.

Me aproximei de Elisa e precisei puxá-la pela mão com um pouco de força para que conseguisse se levantar. Ela se ajeitou, endireitou a saia e se deitou no divã ao lado do tampo de vidro sobre o qual estão meus dois monitores grandes. Massageei seus pés sobre sua meia calça. Elisa é muito jovem nos cinquenta anos, estaria ótima mesmo para quem tem quarenta. Demorou um pouco até eu atingir a pressão ideal, mas assim que a encontrei, as pálpebras de Elisa relaxaram completamente. Colei nas suas têmporas alguns cabos neuronais, conectados a um dos computadores. Aguardei pelas primeiras memórias na tela. O programa funciona como uma pesquisa no Google imagens: quando uma imagem que se busca aparece em meio aos devaneios, basta mapear outras semelhantes; uma vai se encadeando à outra. A busca se refina lenta, porém progressivamente.

Selecionei as melhores cenas de Maltez com Elisa, identificando padrões desejáveis e descartando aqueles mais banais, com o cuidado de deixar alguns momentos meramente contemplativos para preservar a verossimilhança. Peguei do meu próprio banco de imagens, na outra tela, alguns homens de rosto já neutralizado, inserindo identidade a eles. Acrescentei a face e a tatuagem de pelicano de Raul ao torso de um homem que fazia as vezes de passivo. O que penetrava adquiriu as feições e proporções de Maltez.

Elisa entra no quarto, Raul e Maltez já estão se beijando, inertes e de pé, esperando por ela. Ela se senta na ponta da cama, com seu robe acetinado sobre a roupa de cama acetinada de mesmo tom. O abajur ao fundo ressalta a silhueta dos dois. Ao que tudo indica, Raul foi pego de surpresa por Maltez, pois ele ainda

está de gravata. Os sapatos lustrosos caídos ao pé da cama japonesa, as meias divertidas do marido. Eles se aproximam de Elisa, Maltez abre a fivela do cinto de Raul. Ela vai desabotoando a camisa social, contemplando a musculatura de Raul, valorizada digitalmente. O início precisa ser bem descrito, mas é fundamental saber exatamente onde deixar as lacunas, de forma que o sonho assimile organicamente os momentos construídos. Cabe a um bom roteirista acrescentar os ápices, requintes, trejeitos, os tapas nas horas certas, contrações, arrepios, um gemido especial, algumas posições que Elisa não poderia imaginar seu marido praticando, o momento no qual Raul e ela ficam lado a lado, sendo massageados por dentro alternadamente por aquele homem insaciável, o jeito como os três gozam, preferencialmente sincronizados. E, depois, pensar variações para que o sonho se multiplique num continuum que se desdobrará por mil e uma noites. E como os três dormem, ela ao meio, braços másculos protegendo-a do frio.

.....

Diego Mauro (diegomrib@gmail.com) nasceu em 1987. Graduiu-se em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA em 2012 e tornou-se mestre pela USP em 2016. Cursa Filosofia na USP, sua segunda graduação, leciona no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Ibirapuera e escreve contos, roteiros e outras ficções.

Comida de praia

Camilla Cristini

Moro perto da praia. De minha casa até Passo Manso ando uns três minutos. É perto mesmo. As pedras e o mar formam uma lagoa pacata de água morna. Lá, encontro de tudo, e sempre vou preparado: descalço, com o jeans arreado e uma isca das boas. Outro dia fiquei encantado com uma formosura que meu colega Javier pescou: toda vaidosa, revelava seus humores num furta-cor cintilante. Eram tons de lilás, rosa e verde, que refletiam no brinco metálico que a havia fígado.

Ele a levou até o salão e eu os acompanhei. Fresca do jeito como estava, fez com que seu Jacinto cedesse o lugar mais arejado do ambiente. Para mim, frio demais, mas já haviam me dito que o calor excessivo não fazia bem àquele tipo de beleza. Quando começasse a suar, seria impossível reverter o mau cheiro, e o encanto acabaria na hora.

Seu Jacinto atende as moças que Javier e os outros levam com gosto; depois as enfileira, na esperança de que alguém se interesse por elas e ele saia no lucro. A única condição que impõe é que o estilo do corte seja da preferência dele. Ele costuma ser pre-

ciso, meticoloso e não ter muita piedade. Suas mãos são grosseiras, provavelmente vítimas da navalha afiada que usa para os cortes.

Naquela, seu Jacinto fez o serviço completo: arrancou-lhe as escamas, tacou-lhe fora as barbatanas e aparou seu rabo. Foi uma violência só. Achei que a transformação radical fosse matá-la, mas ela resistiu. Não digo que tenha ficado contente com o resultado, mas foi capaz de revirar os olhos – imagino que em sinal de desgosto – e esperar ofegante até que a escolhessem e levassem dali.

Foi Jesus, o caixara de cabelo comprido, quem fez isso. Ele morava no único sobrado à beira-mar da região. Era conhecido por ficar sentado na porta de casa escolhendo grãos de areia como quem separa o feijão para o almoço. De lá, quase não saía. Era um homem fechado e meio mal-encarado. Diziam que ele vivia à espera de Dulcineia. Era um apaixonado. Mas por mais que a cercasse por todos os lados há anos, não era capaz de encontrá-la. Javier, que nem estava à sua procura, aproveitou a maré baixa para envolvê-la e sair vitorioso.

Bem sei que, enquanto Jesus ainda estava a caminho do salão, Javier já tinha ido embora e se preparava para a próxima abordagem. Era sempre assim. Enquanto houvesse quem comprasse o jogo, ele estaria caçando.

Jesus entrou calado e, com a mão firme, pegou-a, seguindo em direção a seu Jacinto com a intenção de acertar as contas. Eu me fingi de mero coadjuvante no salão cheio de presas fáceis e olhos caídos. Seu Jacinto só teve a urgência de enfiar a cabeça nos buracos da praia como um siri-avestruz, quando Jesus parou em frente ao balcão, descendo de sua mansão e ressuscitando em carne

e osso logo ali, diante de suas pernas bambas. Imaginei seu Jacinto se ajoelhando e pedindo perdão, dizendo que fecharia o salão, que viveria de cocos e comeria da areia dele, se fosse preciso...

– Jacinto, vou levá-la, mas não pago nem um centavo por um sonho destruído.

– É por conta da casa – disse seu Jacinto. – Se tivesse notado que se tratava de Dulcineia, não a teria recebido no salão. Mas acho que essa é a sina do homem obcecado, meu senhor. Não tínhamos a ousadia de mexer com Jesus, mas só compreendemos que aquela era sua Dulcineia quando ele apareceu. Só mesmo alguém como Javier seria tão petulante. Ia para a lagoa e voltava arrastando tudo o que fosse capaz de enroscar: pérolas juvenis a caminho da maturidade; mulheres reprimidas feito ouriços espinhentos; grandes estrelas de cinco, seis pontas... não importasse quem, ele carregava consigo. Mas dessa vez havia passado dos limites.

Jesus tinha razão de ter se deixado enfeitiçar. Primeiro, porque ela era linda, objetiva, rápida, esperta e, ainda assim, ingênua e vulnerável. Então, vinha o outro predicado que, na minha opinião, era o que mais fazia dele um devoto: suas aparições raríssimas. Estava se preservando, sempre criteriosa ao definir o que ia abocanhar. Era do tipo que não se arriscava por pouco. Não que sentisse medo, mas tinha princípios.

Com Dulcineia desacordada nos braços, Jesus voltou correndo à sua morada e entrou chutando areia pra dentro. Daí pra frente eu não teria conseguido enxergar, não fosse por uma janela escancarada. Ele a deitou na mesa da cozinha com delicadeza. Da

gaveta, tirou um vidro cheio sabe-se lá de quê e besuntou tudo o que havia restado dela. Massageava com gosto todas as partes de seu corpo de carne branca e macia. Parecia não se importar com o cheiro de suor, que a essa altura até eu era capaz de sentir. A chama estava acesa e ele a aquecia em um ritual lento, ao ritmo do mar. Morta-viva, ela não resistiu, se deixou levar. Ouvia-se sua pele estalar, sem qualquer movimento. Ela se entregava mais a cada segundo e ele a observava faminto. Foram longos minutos de espera e contemplação. Quando julgou que ela estava pronta, tirou-a do fogo e, sobre suas bacias de areia, decidiu comê-la aos uivos.

.....

Camilla Cristini (camillacristini@gmail.com) nasceu em 1992. Desde então vive em São Paulo. Frequentou a Casa Contemporânea, o b_arco e o Instituto Vera Cruz. É publicitária e escreve sobre comida e viagens para veículos de comunicação impressos

Tortura glaçada

Majori Claro

Quando ele abriu a porta da pocilga em que a mantivera presa por anos, ela não se assustou, nem chorou, nem ri. Em resistência imóvel, apenas contraiu de leve os olhos ulcerados pela escuridão, agora profanados pela luz que entrava. Ela já não parecia ter ganas de trucidar, como só lhe restara fazer com os ratos intrusos no passado, tamanha a solidão em que fora encarcerada; já não cedia ao impulso de fugir, acabando apenas por se debater entre as paredes, pois nunca cedera à ideia de cavar um túnel com as próprias unhas, que se lixariam sem manicure até o esfacelar dos ossos. Nada. Tudo era cansaço, apenas.

Esperou o raio de sol inundar seu cérebro, a intensidade da luz apaziguar e a visão voltar, minimamente. Então, como se andasse em câmera lenta, abaixou-se para apanhar o xale sobre a cama e, utilizando-o, apagou minuciosamente as anotações que fizera na parede, tão íntimas e ainda recendendo à dor uivante. Depois, com calma ritualística, dirigiu-se à porta. Ao passar por seu alçó, encarou-o sem muita empáfia: o desejo de vingança fora marinado com o sumo azedo da humilhação postergada. Viu seu

rosto rude, mas, dessa vez, não prestou tanta atenção: seus traços estavam pra lá de memorizados, caso, no futuro, decidisse fazer denúncia e retrato falado. Um passado inteiro a entrelaçá-los fazia conhecida cada célula daquele corpo horrendo, um passado que começara muito antes do dia fatídico em que conhecera o cárcere. Sem encará-lo, apenas notou com desdém o resto de comida que grudara no canto de sua boca, feito herpes bolhuda. Ao breve encontro dos olhares, ele respondeu deixando escapar um grande arrote, e um cheiro de lixo podre inundou o cativeiro. Comera até fartar-se, tanto a ossatura de sua alma, quanto o frango a passarinho do almoço, enroscando a língua em cada ossículo que encontrava. Quanta perversão naquele miserável!

Durante anos, ele assistira, até empanturrar-se, à cena cômica da moça debatendo-se contra as paredes da vida a dois, em pleno espetáculo de desespero inútil. Por três vezes ela escapou, por três vezes foi recapturada à força, à base de porradas. No entanto, ela estava livre agora; até mesmo com certo amor ele a fitava.

Gozado de tortura, ejaculado de perfídia e deleitado com o show de horrores que ela protagonizara (como num banquete medieval onde se come, se dança e se trepa, enquanto se assiste às apresentações dos trovadores), ele agora era pura doçura, todo inclinado a sobremesas, gentilezas, licores e bombons caramelados. Todo inclinado ao glacê do divórcio. Depois da árdua temporada de maus-tratos, a liberdade dela era o camafeu que ele lhe oferecia como lembrancinha de festa. Ímãs de geladeira, bem-casados, saquinhos de filó com amêndoas: suvenires que se oferecem em agradecimento ao divertimento compartilhado.

Ela, porém, estancou, ainda muito rente à porta.

Fuga bem-sucedida, morte por inanição ou assassinato do carcereiro: esses troféus a teriam devolvido dignamente o registro do existir. Mas a liberdade da qual ela viria desfrutar fora oferta dele, da piedade ou da maldade dele. Se ela agora apenas saísse de seu claustro invisível e voltasse à vida, seria como se ainda estivesse sob seu comando, toda sua desventura perderia o caráter heroico, nenhuma honradez lhe sobraria e as mágoas contraídas não poderiam sequer ser narradas. Era necessário ter sido a conquistadora de sua própria liberdade! Mas, se assim a tivesse beneficiado a sorte (já que de sua própria volição tudo tentara), provavelmente ele continuaria a persegui-la até que a morte os separasse. Há certas situações na vida para as quais a própria vida é uma inimiga, pensou, ansiando verdadeiramente que a visita derradeira viesse solucionar aquele impasse.

Permaneceram olhando um para o outro, aprisionados, ambos, no corredor que empurra ao beco sem saída, embora a porta estivesse aberta e a vida prosseguisse, sôfrega. E por toda a extensão da hora eterna, porém imprópria, se puseram a ponderar sobre a perversidade do amor.

Ela finalmente estava livre. Mas só porque ele estava farto.

.....

Majori Claro (majori.claro@icloud.com) nasceu em São Paulo, em 1968. É psicóloga clínica, professora de Psicologia Analítica, mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP e escritora. Publicou livros de ficção dirigidos ao público adulto e ao infantojuvenil. Participa de um grupo de pesquisa sobre poesia contemporânea (PUC).

Azul-bebê

Daniela Ingui

Assim que comecei a trabalhar no centro, fiquei surpresa com a quantidade de moradores de rua que passei a ver todos os dias. Do metrô para o escritório, era pelo menos meia dúzia deles jogada na sarjeta, número muito maior do que eu estava acostumada a ver nas proximidades de minha casa. Àquela hora da manhã, a maioria estava dormindo, enrolada em uma manta ou qualquer outra coisa que lhe servisse de cobertor, protegida das intempéries embaixo do toldo de algum estabelecimento fechado.

Mesmo com a certeza de que eles não sabiam que eram observados, eu me sentia mal em espreitá-los em pleno sono. A sensação de estar invadindo sua privacidade era ainda maior quando os flagrava com a mão nas partes íntimas, a boca aberta ou as nádegas de fora. O incômodo só não era capaz de vencer minha curiosidade, que logo evoluiu para um voyeurismo de pés. Queria ver a imundície incrustada na sola, entre os dedos e debaixo das unhas, toda aquela sujeira colada à epiderme, como se fizesse parte da constituição natural da pele.

Confesso que vi muitos pés em estado deplorável. Um homem, em particular, me impressionou pela camada de fuligem que revestia seus pés, como se ele calçasse meias pretas. Outro exibia o calcanhar escuro com feridas profundas que mais pareciam rios vermelhos escoando pelo relevo carbonizado. Sem contar o senhor com pés pretos e dedão purulento, em estágio avançado de infecção. Mas o que eu não esperava era encontrar pés como os daquela mendiga.

Quando a vi caminhando descalça em minha direção pela avenida Ipiranga, achei que ela tivesse potencial para ter os pés que eu tanto procurava entre os moradores de rua. A mulher vestia uma camiseta larga e esgarçada, completamente imunda, e um short minúsculo que mal dava para ver por baixo do seu camisetão. Os cabelos, curtos e desalinhados, não deviam ver água há tempos e pareciam ter sido repicados por uma lâmina sem corte. Já os pés... brilhavam incólumes à imundície, com as unhas impecavelmente pintadas de vermelho.

Aquele contraste me deixou bastante perturbada. Se a mulher limpava seus pés deliberadamente, por que não fazia o mesmo com o resto do corpo? Fiquei a imaginá-la sentada no meio-fio, molhando seus pés em um filete de água e esfregando-os com uma esponja velha, daquelas que eu não teria coragem de usar nem para limpar o vaso sanitário.

Na semana seguinte, cruzei com ela em outra esquina da República. A mendiga andava de um jeito leve, quase a flutuar pela calçada em frente ao Terraço Itália, com as unhas esmaltadas de roxo platinado. Seus pés continuavam limpos, até mais do que os

meus, que mesmo abrigados nas sandálias conseguiam se sujar ao leve toque com o asfalto. Três dias depois, nos arredores da praça Roosevelt, lá estava ela de novo, dessa vez com esmalte laranja.

Não conseguia entender aquilo. Se eu andasse pela rua descalça, meus pés ficariam imprestáveis em menos de uma hora – ao menos era o que acontecia quando eu andava sem sapatos no quintal de casa. Mas os pés daquela mulher tinham uma espécie de aura imaculada que os protegia da imundície.

E o que dizer dos esmaltes coloridos?

Não tinha ideia de como ela os conseguia, se comprava em alguma farmácia com a esmola do dia, se pedia para uma manicure ou se encontrava nas lixeiras do centro.

Para mim, esmalte sempre foi artigo de luxo, assim como bijuteria e maquiagem. Eu não tinha o hábito de pintar as unhas, usar brinco ou passar batom. Preferia investir meu parco salário em qualquer outra coisa a pagar por esse tipo de adorno. Mas, para aquela mulher, esmaltar as unhas dos pés devia ser algo tão importante quanto comer, cagar ou transar, como uma necessidade intrínseca que não podia ser negada sob o risco de animalização. E com a justificativa de que a sociedade não tinha o direito de transformá-la em um animal ao negar aquilo que não fosse água ou ração, entrei em uma farmácia e comprei um frasco de esmalte. Iria dar a ela no próximo encontro.

Demorou uma semana para eu ver a mendiga novamente. Avistei-a ao final da Rui Barbosa, sentada no chão em frente a um restaurante, polindo as unhas azul-escuras ou pretas – difícil dizer a cor à distância – com a barra da camiseta. Respirei fundo e me

aproximei dela. Porém, antes que eu tivesse a chance de tirar o esmalte da bolsa, ela se levantou subitamente e esticou o braço em minha direção, oferecendo-me uma caixinha.

– Toma. E desculpa dona, mas azul-bebê é feio demais.

Sem reação, fiquei algum tempo a encará-la, paralisada. Queria me explicar, dizer a ela que eu tinha algo para lhe dar, que ela não deveria me dar nada, que aquilo não era aceitável, que eu não queria nada dela etc. Mas eu estava em choque.

Diante de minha imobilidade, ela começou a balançar a caixinha, sinalizando sua impaciência. Depois de balbuciar um “obrigada”, misturado a um “desculpe”, consegui aceitar o presente. A mulher saiu andando antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, deixando-me sozinha com o esmalte azul-bebê na bolsa.

Abri a caixinha. Um par de brincos, daqueles bem pequenos e brilhantes. Levei a mão à orelha direita e fiquei a massagear o lóbulo nu, tentando me lembrar quando tinha sido a última vez que usei brincos.

Sem pensar muito, retirei os brilhantinhos da caixa e coloquei-os nas orelhas, fazendo algum esforço até vencer a película de pele que havia se formado nos furos em desuso. E sorri ao ver meu reflexo no vidro espelhado do restaurante.

.....

Daniela Ingui (dani.ingui@gmail.com) nasceu em 1985. Editora e bióloga de formação, seu interesse pela literatura começou quando passou a estudar divulgação científica e a trabalhar com a edição de livros didáticos. Ao escrever sobre ciência, logo viu na ficção uma maneira mais livre de pensar o mundo.

Audiência

Priscila Manni

Fui chamado porque já haviam tentado de tudo. Ele não queria falar com ninguém. Estava decidido. Não sei dizer ao certo o que fez o caso ganhar toda aquela repercussão. Talvez por ele estar no topo de um dos principais prédios em uma das avenidas mais movimentadas da cidade. Talvez pelas transmissões ao vivo em vários canais da TV aberta. Talvez porque a multidão precisasse mesmo de algo novo, diferente, despolitizado, um respiro em toda aquela situação. Eu sei que o caso chegou ao sr. prefeito. Eu o havia entrevistado na manhã anterior. Acho até que meu contato devia estar nas chamadas recentes do celular dele e já que polícia, político, psicólogo, amigo, familiar, padre, pastor e rabino nada conseguiram, ele ordenou que atendessem o pedido do suicida e levassem um repórter.

– Oi.

– Olá – ele continuava olhando para frente. Não se virou para me ver. As pontas do sapato social estavam alinhadas com a

linha externa que delimitava o muro do terraço. Ele parecia calmo.

– Sou o repórter.

– Você tem gravador? – perguntou com a voz firme, o corpo ereto, seguro do que estava fazendo, ainda sem olhar para mim.

Claro que eu tinha. Ele queria que eu registrasse a conversa, eu era o elo dele com o som que desejava propagar, já que, lá de baixo, as equipes de TV captavam as imagens sem saber o que aquele homem dizia ou pretendia dizer.

– Saiba que você não está aqui para me salvar, aliás, nada pode fazer, apenas registrar meu depoimento final.

A gravata vermelha flamulava como uma bandeira ao vento.

– Pode me perguntar.

É óbvio que eu sabia o que um repórter perguntaria naquele caso. Todas as perguntas mais básicas me vieram à mente: por que você quer se matar, como começou a pensar nisso, se não haveria outra solução, por que não pensava na família etc., mas eu também estava cansado. Seja lá qual fosse o motivo dele, eu tinha receio de que ele usasse argumentos desgastados que envolvessem guerra cultural, crise do país e o politicamente correto. Então, me sentei no muro, com as pernas balançando em direção ao abismo.

– Não quero perguntar nada.

Desde que eu havia começado a acompanhar o caso, há 6 horas, foi a primeira vez que ele pareceu se importar com o que alguém dizia. Olhou para baixo, na minha direção.

– Por que está aqui, então?

– Porque o prefeito mandou que eu viesse.

– E você só faz o que mandam?

Fiquei em silêncio. Não estava disposto a retrucar qualquer provocação.

– Você não quer ganhar nada com isso? Escrever um livro, ficar conhecido como o repórter que entrevistou o suicida, publicar uma boa matéria?

Ele estava negociando o próprio suicídio. Comecei a pensar – na verdade, a ter certeza – que aquele homem não se jogaria do prédio. Ele queria os holofotes, a mídia, a fama. E como eu estava mesmo cansado de tudo o que um jornalista enfrentava naqueles anos de polaridade, de maniqueísmo, de ter que escolher um lado, resolvi que minha missão ali era garantir o fim daquele circo e fazer com que ele cumprisse aquilo a que se propusera fazer.

– Na verdade, eu tenho apenas uma dúvida.

Ainda parecendo calmo, ele voltou a olhar para frente, para o nada, como se meu súbito interesse desse a ele o controle da situação, de novo.

– E qual é?

– Por que você não se matou com remédio, se afogando na banheira ou cortando os pulsos? Por que precisava de plateia?

– Porque eu queria dar um depoimento final.

– Mas ninguém se interessa pelo que você tem a dizer, este é apenas o acontecimento do dia, ninguém quer saber suas razões. Metade das pessoas ali embaixo quer que você pule e a outra metade quer que eu o salve e que alguém vire herói. A história por trás disso não faz a menor diferença.

Ele ficou pensando por alguns segundos. Agora, o vento fazia estalar a calça social cinza-claro. Interrompi os pensamentos dele.

– Eu não vou gravar você. E se gravar será apenas para que você se jogue logo e poupe meu tempo. Depois, não farei nada com a gravação, não vou divulgar, nem guardar, nem ouvir de novo.

Eu evitava o tempo todo olhar para ele, mas quase podia sentir seu bafo quente no meu pescoço e os músculos tensos, nervosos, se contraindo de incredulidade. Ele devia estar pensando como eu podia ser tão frio. Por que eu não comprava a história dele e dava de bandeja tudo o que queriam as TVs, rádios, jornais e seus telespectadores, ouvintes, leitores? Mas ele não podia perder o passe e fez mais uma jogada.

– Então, você está decidido a sair do circuito, da programação?

– Como assim?

– O que o seu chefe vai dizer quando souber que você perdeu 10,15 pontos de audiência?

Percebi que ele não me conhecia.

– Você acha que sou famoso?

Essa pergunta o desconcertou de tal maneira que ele colocou uma das pernas um pouco mais para trás e, pelo rabo do olho, vi que quase desceu do muro.

– Mas... mas... mandaram qualquer um aqui?

– E por que mandariam alguém relevante para falar com alguém que não é?

A irritação dele crescia. A voz havia se alterado. Logo, o suicídio em si deixou de ser o foco.

– Por causa da importância do acontecimento! – Ele disse isso gritando, e ao gesticular quase perdeu o equilíbrio.

– Como lhe disse, esse acontecimento não é importante e não vou fazê-lo ser.

– Então exijo outro repórter.

– A quem você vai pedir isso?

Até eu estava me surpreendendo com meu sadismo e minha frieza. Sem saber o que fazer, ele passou a gesticular para o público embaixo, falando como se dublasse as próprias palavras mudas, na esperança de que alguém fizesse leitura labial. “EU-QUE-RO-OU-TRO-RE-PÓR-TER, OU-TRO-RE-PÓR-TER!”. Quis rir, mas me segurei. Lá embaixo, eu podia ver a agitação das moças de terninho, 80% loiras, 20% morenas –, os jornalistas, 100% deles com gelzinho no cabelo impecável, o emaranhado de fios e microfones, cinegrafistas exaustos segurando mini, médias e megacâmeras. Me senti no topo do mundo, no controle absoluto daquela ópera trágica.

– Então, vou me jogar.

– Se jogue.

– E o que você vai dizer?

– Que meus esforços de nada adiantaram, que você estava decidido.

– E quando perguntarem por que me matei?

– Eu invento alguma coisa.

Inventar alguma coisa era demais para o protagonista do espetáculo. Ele não aguentou. Agindo totalmente pelo impulso e pelo nervosismo, se desequilibrou, agitou as duas mãos no ar como um siri quando a gente o tira da água. E entre a escolha de ir ou vir, não conseguiu evitar, jogou o corpo para trás e des-

ceu do muro. O barulho que veio de baixo aumentou no mesmo instante, numa mistura de ÓÓÓÓs e ÁÁÁÁs. Ele me olhou sem saber o que fazer.

Ninguém sabe dessa história. Nunca contei o que aconteceu lá em cima. Saí mudo, e mudo fiquei por todos esses anos. Ele deve ter ficado tão envergonhado que nunca mais falou sobre isso. Assim que caiu para trás, a equipe de resgate abriu a porta de emergência do terraço e o imobilizou. Ele ficou internado por alguns dias, com acompanhamento psiquiátrico no hospital, e depois lhe deram alta. Eu é que ganho dinheiro e sou respeitado hoje por causa desse dia. Todos acham que o salvei e agora querem falar comigo, me colocar para comentar todo tipo de acontecimento policial. Costumo aceitar. Acabei entrando para a panelinha, fui ficando, e como é difícil sair! É assim que a gente vive de terno bom, maquiado, é assim que a gente vai ganhando dinheiro, até com publicidade, dando o que todo mundo quer ver. Mesmo que você tente lutar contra isso, nadar na outra direção, como eu fiz naquele dia, quando a rede te pesca, você acaba ficando, se ajeitando, se recosta na cadeira, estica as duas pernas e aproveita o show.

.....

Priscila Manni Gomide (primanni@hotmail.com) nasceu em São Paulo, em 1981. É jornalista, escritora e editora. Trabalhou por 15 anos nas principais emissoras de TV do país, com passagem por importantes redes de notícias no exterior. Mistura elementos de ficção e não ficção na escrita.

Alaor

Lucas Mendes Kater

Alaor queria muito ser amigo de Alaor. Não, ele não precisava de tratamento. Ou até precisava, mas não por isso. Ou talvez por isso também. Enfim, estou falando de dois Alaores. Um deles é Alaor Venâncio, ator de novelas esquecidas e filmes obscuros da Boca do Lixo, alguns dos quais só circularam entre os cinéfilos que fuçavam mais no fundo da caçamba e viraram cult nos meios dos profissionais do cinema. O outro é um conhecido meu, grande admirador do ator.

Advogado, veio de Curitiba a São Paulo para realizar seu projeto dos sonhos, um documentário sobre a avenida Paulista com Alaor (o ator) no centro do elenco. Acionando seus contatos, conseguiu criar uma ponte, levou o roteiro para a produtora onde eu trabalhava e o apresentou às minhas chefes, esperando ver aquele brilho nos olhos que enxergam um sucesso em potencial.

Mas isso não é um roteiro...

É o começo. E tem o Alaor.

Você vai precisar de muito mais. Isso aqui é só uma cena com uma fala enorme. Não vai atrair recurso nenhum.

Mas o Alaor vai.

Você falou com ele? Ele tá no projeto?

– Eu...

Olha, quando sua prima falou que você tinha um projeto promissor, a gente achou que fosse pelo menos uma ideia mais concreta. A gente precisa ter o que avaliar.

E se eu trazer o Alaor aqui?

Traz o Alaor ou um roteiro de verdade. De preferência os dois. Aí a gente conversa.

Depois disso, Alaor passou a frequentar a produtora, sempre chegando com muito entusiasmo, mas sem roteiro nem o outro Alaor. O que ele levava eram histórias e mais histórias. Sempre maravilhado com a cidade, seus olhos brilhavam quando falava da Paulista e de como havia conseguido alugar um apartamento na região. Deve ter me contado umas vinte vezes a piada do casamento que é igual à Paulista, começa no Paraíso e termina na Consolação. Sua fissura com o documentário e com Alaor (o ator) aumentava de tal modo que me vi contagiado e com vontade de trabalhar no filme. Aos poucos, fui entendendo que ele mirou no alvo e bolou um plano para forjar uma relação com o ator. A ideia era despertar nele uma amizade nascida de modo espontâneo, primeiro travando contatos corriqueiros, se tornando um rosto familiar, para então deixar surgir um sentimento real. Porque precisava ser real da parte do ator.

Alaor logo descobriu seu endereço e fez o reconhecimento dos arredores. Passou uma semana frequentando o café em frente ao prédio, mas nunca o viu entrar; cinco dias passeando no parque a uma quadra de distância, mas a extensão dificultava qualquer encontro; um final de semana no bar da esquina foi o bastante. Beber cerveja não ajudaria em nada. O efeito do álcool atrapalharia. A resposta veio depois de dois dias com um método certamente tirado de algum filme do ator: distância segura, cada dia em um lugar diferente, binóculo, café numa garrafa térmica debaixo do braço e olhos grudados na entrada do prédio. O ator ia todos os dias ao mercado, a poucos metros dali, e Alaor passou para a fase de aproximação seguida de abordagem. Começou a frequentar o mercado, evitando regularidade. Foi um dia, esperou três, foi de novo, deixou passar uma semana, foi de novo. Com essa frequência, seus caminhos acabaram se cruzando. Naturalmente, passaram a trocar acenos de cabeça, que evoluíram para acenos de mão, cumprimentos verbais, e depois a amizade seguiu seu curso. Os dois chegaram mesmo a ficar amigos. Alaor visitava a casa do ator e eles frequentavam um bar onde ambos ficaram igualmente conhecidos pelos garçons.

Não ouvi falar mais de Alaor por dois anos. Eu já não trabalhava mais na área quando a dona da produtora me contou que, em uma madrugada de muito trabalho, ela e a sócia se assustaram com a campainha da casa. Antes que pudessem ver quem era, um fedor já invadia a janela. Alaor entrou com o cheiro e disse estar dormindo na rua havia cinco dias; debaixo do braço, folhas amarradas, muito rabiscadas, que dizia ser o roteiro do documentário.

Havia se afundado no projeto a ponto de se desligar de tudo; mal se alimentava, se esqueceu de pagar as contas. Chegou ao fundo das caçambas de lixo e encontrou ali a lembrança de sua amizade com Alaor (o ator), quase perdida. Pedia socorro motivado pela manutenção da relação e do projeto. Elas o ajudaram com dinheiro para três meses de aluguel e comida, sob a condição de ver o projeto caminhar.

Um ano depois, eu olho para o balcão em um bar, onde vejo Alaor. Parece ter acabado de comprar suas roupas e carrega uma bolsa a tiracolo cheia, a ponto de seu corpo pender um pouco para a esquerda. Levanto para ir cumprimentá-lo. Ele demonstra entusiasmo, contando que está na curadoria da exposição “Alaor Venâncio: Vida e Obra”, em busca de levantar fundos para o documentário. Oscilo da felicidade pelo sucesso à apreensão pelo histórico, mas tento demonstrar alegria.

Aparece lá, sábado agora. O Alaor vai.

Claro, vou tentar ir.

Alaor me dá o endereço, que fica em uma região que conheço, perto do centro da Lapa. Então nos despedimos, ele me dá um abraço apertado demais e eu volto à minha mesa, tentando me recuperar desse breve incômodo.

Toco a campainha da casa em uma rua de pouco movimento. Alaor me recebe com o mesmo entusiasmo do bar, me guiando para dentro e me impedindo de pagar. A entrada leva a um corredor cujas paredes estão cobertas por inúmeras fotos de Alaor (o ator),

com cenas de filmes, novelas, imagens caseiras, fotos variadas, em um mosaico perturbador de idolatria. Alaor me leva até uma sala toda branca ocupada apenas por um projetor, e na parede um vídeo do rosto de Alaor (o ator) pareceria uma fotografia se os olhos não piscassem de vez em quando, o que me faz sentir um calafrio espinha acima, até meu desconforto ser quebrado pela voz branda de Alaor me chamando para outro cômodo, avisando que Alaor (o ator) já vai chegar. Entro pela porta em um quarto comprido, pessoas estão sentadas em cadeiras de costas para mim. Há um microfone num pedestal sobre um tablado na frente de uma foto de Alaor (o ator), que cobre a parede ao fundo com o mesmo olhar do vídeo. Alaor entra pela porta da parede à esquerda, repetindo que Alaor (o ator) já vai chegar, para então retornar usando um manto vermelho com um grande A branco no peito, se colocar atrás do microfone e erguer os braços com as mãos abertas, as palmas voltadas para a frente se alinhando com os olhos da foto. A plateia se levanta para imitar o movimento e eu decido me manter imóvel, achando que vão se sentar em seguida, mas logo todos se ajoelham sem abaixar os braços. Lentamente, me viro e, ao sair pela porta, ouço as vozes em coro:

Alaor está entre nós.

.....

Lucas Mendes Kater (lucas.kater@gmail.com) nasceu em 1982. É tradutor, revisor e redator formado em Letras. Trabalha em diferentes áreas – editoração, cinema, publicidade e jornalismo. Atuou em alguns filmes como assistente de produção e continuísta. Diz ser músico e adepto de todo barulho feio e desagradável.

Breu

Sofia Calvit

As solas de borracha faziam barulho contra o chão liso e limpo do supermercado. Ela andava com calma, tinha tempo. Passou pelas frutas, pelos congelados, farináceos, doces e entrou no quinto corredor à direita. Produtos de limpeza. Sabão em pó, não, detergente, não, lustra-móveis, não, álcool em gel, não, desinfetante. Parou em frente àquelas sete prateleiras coloridas. Localizou o preço mais alto – não queria economizar agora –, aproximou-se da gôndola e dedicou-se a abrir todas as tampas e sentir todos os cheiros. Tradicional, não, eucalipto, não, lavanda, não, citrus, não, oceano, sim. Se fosse para se cegar com um desinfetante, que ele pelo menos tivesse o perfume do mar.

O corredor longo e escuro não é a sua primeira memória. Ela sabe que a queda em que partiu o queixo ao meio veio antes. Mas essa é a primeira lembrança da vida que gostaria de ter: a escuridão total e a ideia do corredor inteiro, livre, vazio à sua frente. Noite e silêncio. Sua mãozinha tateava a parede, sentindo a textura fria. Ao primeiro toque, parecia ser lisa, mas a insistência da investigação dos seus dedos sempre descobria os grãos da tinta, as irregulari-

dades invisíveis. Os pés descalços observavam as linhas onde os tacos se encontravam. Ela aprendera que caminhar normalmente por esse pretume era melhor: se arrastasse os pés, terminava com farpas nas solas. Passo a passo, a parede como guia, do seu quarto até a sala e, se desse sorte, da sala de novo para seu quarto. Com uma frequência cada vez maior, era interrompida no meio do trajeto por mãos cuidadosamente postas em seus ombros. Acorde, meu amor. Acorde.

Sua mãe ainda não sabia que seus olhos estavam fechados de propósito.

Houve dias mais claros em que ela olhava fixamente para o sol.

A casa do corredor era também a casa do quintal. Terra batida e grama esparsa, uma torneira velha, uma mangueira enrolada ao lado, um varal ao fundo. Ela enchia as panelas de brinquedo de água e ia equilibrando uma em cada mão até o canto do terreiro, onde gostava de se sentar. Jogava pedaços de grama, terra, pedrinhas e eventuais caramujos dentro das panelas, misturava com um graveto, fingia comer com uma colher já torta de tanto uso.

Num sábado ou domingo de quintal, de um segundo para outro, a sombra onde ela brincava foi tomada de luz. Era fim de semana porque se lembra de logo em seguida ouvir sua mãe: ah, agora a roupa seca. Olhou pro céu. Seus olhos se apertaram, frestas, e se desviaram. Ela olhou de novo, tudo turvo, virou-se para o chão. De novo. Ganhou mais alguns segundos de sol antes que suas pálpebras, sua cabeça, seu pescoço se unissem contra ela. De

novo. De novo. De novo. Via formas coloridas e dançantes e depois manchas escuras. De novo e de novo, até começar a sair pro quintal sem suas painéis.

Em sua primeira visita ao oftalmologista, ficou com medo de que o médico a fizesse enxergar mais. Foram minutos infinitos de espera, sentada na cadeira vermelha desbotada, assustando-se a cada vez que a mãe virava uma página da revista que lia. Chamaram seu nome. Uma moça entregou-lhe um lençinho de papel, inclinou levemente sua cabeça para trás – arde, mas é só um instantinho, viu – e pingou duas gotas de desespero em cada olho.

Nem várias horas seguidas de sol doeriam tanto. Pensou que havia sido despistada e que o médico, afinal, estava do seu lado. Era um presente de sua mãe. Suas mãos relaxaram e ela apertou as pálpebras com força. Em menos de um minuto, porém, o ardor havia passado. Ela abriu os olhos e enxergou: a sala de espera, o lenço em sua mão, a moça sorrindo, o rosto da mãe. As lágrimas do colírio esconderam as de tristeza.

Quando ela começou a usar os óculos escuros pesados até dentro de casa – não a casa do corredor e do quintal, mas um apartamento onde as cortinas ficavam fechadas durante o dia –, sua mãe levou-a a um terapeuta. As duas iam em silêncio no ônibus, e em silêncio ficavam na antessala. A pedido do psicólogo, ela tirava os óculos antes de entrar no consultório, mas colocava-os assim que abria a porta para sair. Nunca perguntou, mas tinha certeza que a mãe a acompanhava por dois motivos, além do financeiro: garantir que ela não fugiria da sessão e conseguir, ainda que de relance, ver seus olhos duas vezes por semana.

O terceiro psiquiatra pelo qual passou era o mais distante de todos: ficava do outro lado da cidade. Nos dias em que ia renovar suas receitas, ela levava a bengala dobrável dentro da bolsa. Ao sair da clínica, andava bem rápido por vários quarteirões, tomando direitas e esquerdas a esmo. Quando já estava ofegante e longe o suficiente de seu médico, abria a bengala, encostava-a no chão, fechava os olhos e, tranquilamente, tentava localizar a parada de ônibus mais próxima. Sempre conseguia. Sozinha ou de braços dados com um desconhecido que oferecera ajuda, ela subia os degraus dianteiros do ônibus, sentava-se ao lado da janela e ia calada, deixando seu corpo se mover de acordo com o trajeto. Nas primeiras vezes, ela precisou pedir que o cobrador lhe avisasse a hora de descer, três pontos antes da sua casa. Depois passou a sentir exatamente onde estavam e quanto tempo faltava para chegar. Naquela quarta-feira, apertou o botão do seu relógio de pulso para ouvir as horas: quatro e dezessete. Achou seguro descer mais perto do seu prédio e assim o fez. Seus dois pés se apoiaram novamente no chão, com a bengala à sua frente, e então ela sentiu duas mãos conhecidas em seus ombros. Sua mãe a viu cega.

No dia do velório, ninguém a sufocou de abraços. Ninguém a incomodou com comentários. Ninguém estranhou seu silêncio. Mas alguém tentou afastá-la suavemente do caixão e tirar suas mãos do rosto do cadáver, que ela apalpava e olhava há vários e vários minutos, sem que esse alguém soubesse que aquele rosto era o rosto que ficaria em sua cabeça e suas veias e sua carne pelo resto da vida, que era necessário olhar muito para ele, vê-lo, decorar exatamente os ângulos e cantos e rugas e relevos e profundidades

e texturas, que o rosto precisava ficar desenhado em suas palmas e esculpido em seus dedos, um molde perfeito, para que ela tateasse esse rosto como tateava as paredes frias do corredor da sua infância, todos os dias, todos os dias o rosto que foi o único a olhar para ela.

O dinheiro que sua mãe lhe deixou foi quase todo oferecido a um enfermeiro que aceitou suas condições. Seria feito na casa dela. Não a levaria para o hospital antes que ela desse autorização expressa. Se por algum motivo ela não conseguisse verbalizar a autorização, ele deveria, de qualquer forma, esperar 45 minutos antes de prestar qualquer tipo de socorro. Não fazer perguntas. Não tentar dissuadi-la. Não tentar acompanhar sua recuperação. Nunca mais mencionar o assunto.

Seguindo a recomendação do enfermeiro e tantas outras que encontrara na internet, comprou o desinfetante naquela manhã. Duas embalagens dentro da data de validade. Colocou-as alinhadas em cima da mesa, o conta-gotas ao lado. Esperou a meia hora que faltava olhando seu reflexo na televisão desligada.

O enfermeiro chegou, lavou as mãos, colocou luvas descartáveis. Encheu o conta-gotas com o líquido azul de perfume forte e nome marítimo. Ela se deitou no sofá e ele sentou-se ao seu lado. Tem certeza? Ela fez um brevíssimo aceno com a cabeça. Ele afastou suas pálpebras e segurou-as assim. Respire fundo. Meio conta-gotas de expectativa em cada olho.

A dor veio imediata e sem precedentes. Era como se suas pupilas fossem duas pequenas granadas a irradiarem uma explosão incontida por todos os seus nervos, e suas fibras se partissem em

duas, em três, em vinte, em cinquenta, e seu corpo inteiro virasse um longo grito de agonia. Era uma dor em que seu cérebro se recusava a acreditar, e por isso precisava ser processada de novo e de novo, como quando ela olhava pro sol, de novo e de novo, mais dor escorrendo pelas bochechas, mais dor nas costas da mão que limpavam as bochechas, mais dor nos pés que se retorciam, mais dor na cabeça, nos braços, na barriga, dor nas outras mãos que a tocavam, na voz que soava ao longe. Nascer doía. Dor em jatos. Dor em voltas. Dor em ondas. Aí estava o mar.

Despertou no escuro. Reconheceu o cheiro de sua casa, a pressão do sofá contra seu corpo, o suor de outra mão segurando a sua, a textura granulada da almofada.

- Eu estou acordada?
- Está.
- Meus olhos estão abertos?

.....

Sofia Calvit (sofiacalvit@gmail.com) nasceu em Belo Horizonte, em 1985. Formada em Comunicação Social pela UFMG, é redatora publicitária há 10 anos.

Sobre o fim e o princípio

Cristianne Lameirinha

Após a cremação do corpo, voltei para casa.* Dormi. Não havia ninguém para me perturbar. No dia seguinte, sob o peso da dor, levantei. Ao me vestir, considerei que o preto, a ausência de luz, de tão urbano e usual, talvez tivesse se desgastado como símbolo de luto. Resolvi, à moda oriental, usar branco nos dias que se seguiram. Fui até a casa de mamãe. Um estranhamento me assolou os sentidos assim que destranquei a porta e entrei na sala vazia. O pó de um único dia pairava solene sobre móveis e objetos. O toca-discos estava desligado. Abri a tampa e escolhi novamente Sinatra para preencher o espaço. A voz límpida ecoava baixinho em minha mente. Não conseguia deixar de pensar em quão tirânica era a condição imposta pela demência a um indivíduo, a perda da memória e, consequentemente, da própria identidade. Fiquei em pé, incrédula, durante alguns minutos. A vida era atroz. A morte, porém, não deixava

* Trecho do romance *A tessitura da perda*.

de surpreender, mesmo que viesse acompanhada de anos de sofrimento e espera.

Os remédios permaneciam no armário da cozinha, ao lado da pia. Sobre a mesa, a fruteira exibia mexericas e maçãs bem coradas. Os ovos se aninhavam no cesto de arame em formato de galinha, em cima da geladeira. Nos armários, a quantidade de pratos, copos e talheres denunciava ter havido mais gente para dividir as refeições do que somente minha mãe, eu e Lúcia. Senti falta do cheiro de café, a água fervente escorrendo no coador de pano e exalando o aroma da bebida forte. Desejava captar o cenário para guardá-lo na memória, embora conhecesse muito bem aqueles cômodos e seus segredos. Eu nascera ali, e a casa, apesar das décadas, permanecera praticamente igual.

Subi as escadas. Lúcia tinha deixado todas as roupas limpas, a cama feita. A imagem do casal de meia-idade com o mar ao fundo permanecia no criado-mudo de mamãe. A seu lado, uma pequena luminária, uma garrafa de vidro e um copo para a água. Deixei a cortina branca e a janela fechadas, diferentemente de todas as manhãs. O sol brilhava forte, porém, eu preferia me aquietar na sombra entrecortada por réstias de luz que atravessavam as venezianas de madeira do quarto. Não queria ver nem falar com ninguém. Permaneci sentada na cama por um longo tempo, sem pensar em nada. Sobre a manta leve de cor creme que acompanhava mamãe todas as noites, estava a colcha de crochê rosa velho feita por ela quando eu era criança. O jogo de cores quase neutras tornava o ambiente acolhedor, contrastando com móveis escuros e pesados, que jamais foram trocados desde o casamento de meus

pais. A maciez dos dois travesseiros claros não era suficiente para aplacar minha agonia. De repente, a última razão capaz de me fazer conter as lágrimas se fora.

No ímpeto inócuo de estancar a solidão, desci as escadas com pressa, peguei as caixas da vó Cecília e espalhei fotos, cartas e lembranças no tapete da sala. Acreditava que, com o passar do tempo, aqueles registros me ajudariam a arquitetar a vida às avessas das mulheres que me antecediavam. No entanto, se da vó Cecília eu conhecia algo, pois convivera com ela quando criança, a história de Virgínia sempre me soou um mistério. Não pelos eventos que dissiparam as esperanças de minha bisavó quanto a um futuro tranquilo com o marido e os filhos, mas pela inversão de expectativas que a morte de Antonio, meu bisavô, causou, assim como pela teimosia com que ela não sucumbiu aos caprichos do destino. Ao tocar em papéis que guardavam lampejos esmaecidos daquelas vidas, as tardes de sábado voltavam à minha memória. O timbre caloroso de mamãe parecia ainda ecoar no ambiente. Alheia à passagem do tempo, entre imagens e papéis, permaneci lançada ao chão.

Levantei de susto, sob o arco da vertigem. Um instante. Recobrei os sentidos. Passava do meio-dia. Não distinguia fome e enjoio. A lembrança cítrica dos gomos úmidos das mexericas impregnou meu corpo, convertendo-se em desejo ávido de sorver o suco alaranjado da fruta. Fui até a cozinha, alcancei uma delas sobre a mesa, arranquei-lhe a casca e comi com pressa. Tinha sede. Sentia a aridez atravessando meu sangue, minha pele. As lágrimas ressecaram meu rosto, e eu ainda podia precisar suas marcas. Peguei

a garrafa de vidro transparente na geladeira. Bebi dois copos de água, gole a gole. No lavabo, vi meus olhos no espelho emoldurado, tentando decifrar quais seriam minhas impressões se me visse pela primeira vez, como a um desconhecido. Os olhos estavam inchados, havia olheiras. Pequenos sulcos circundavam seus limites, antes mesmo que eu pudesse sorrir. A pele comumente rosada mostrava-se sem cor, os lábios desidratados. Arranjei com as mãos os cabelos desfiados. Estávamos amarrotadas, eu e minha camisa branca. Tudo parecia igual, à exceção da orfandade.

Ali, não se carecia mais de relógio. Rotina e refeições interrompidas. A casa de minha mãe era também minha. No entanto, a sensação de ser intrusa em território que me era vedado, uma invasora a tocar o proibido, avançava sobre mim, impedindo-me de seguir. Depois de dias sem comer direito, a fome importunava-me os sentidos. Nos potes fechados do armário da cozinha adormeciam grãos. As panelas intocadas, o alho e as cebolas à espreita, a natureza quase morta. Abri uma gaveta devagar, sentindo a textura do corte de algodão passado, já bastante gasto, no qual se viam dois casais de beija-flores bordados em pontas opostas. Cada pequeno gesto era milimetricamente executado, na tentativa de não romper o silêncio. Dispus a toalha sobre a mesa, acompanhada de um prato raso e uma xícara. Passei uma camada fina de manteiga no pão amanhecido, depois de fazer o café. Devorei-o. Não me restava nada além da fome e do medo de ultrapassar a barreira que separava o fim e o princípio.

Ninguém procurara por mim naquela manhã. Nenhum chamado, campainha, cumprimento. Após tanto tempo, eu não

precisava me apressar, atenta a necessidades alheias. Teria alguns dias antes de voltar ao trabalho e poderia permanecer ali o quanto quisesse. A liberdade, porém, me atordoava. Ninguém mais – filhos, marido, mãe – responderia sobre as minhas impossibilidades. O que eu faria com as noites sem preocupação, os fins de semana franqueados às descobertas? E as casas? O que faria eu com os cômodos abandonados, sem risos nem murmúrios, sem lágrimas ou dor, guardando entre as paredes meus segredos de infância e maturidade, já esquecidos? Eu, que estranhava o vazio de minha própria casa, após a separação, teria, agora, de enfrentar as memórias da casa de mamãe?

Na sala, a mesa de madeira retangular servia para os encontros da família. Mamãe costumava alternar os caminhos de renda feitos à mão para enfeitá-la, junto com as rosas, trocadas a cada semana. Curiosamente, os buquês jamais eram vermelhos, mas brancos, amarelos, rosados ou mesclados. Com sua morte, a água do vaso estava turva e as últimas flores murcharam. Retirei tudo de cima da mesa. Pousei o vaso na pia para lavá-lo depois. Recolhi fotos e papéis do chão, colocando-os sobre o móvel. Percebi que nunca tive tempo para mexer nas caixas com cuidado.

Às vezes, eu e mamãe pegávamos uma carta para ler, e da leitura provinham comentários envolvendo desde a letra e o papel usado pelo remetente até as expectativas criadas em torno das notícias. Nos papéis de seda finíssimos, quase transparentes, minha bisavó Virgínia e sua filha Cecília contornavam as palavras ao falar de suas fragilidades, não as sentimentais, as da ordem da sobrevivência. Nenhuma queria expor a penúria do cotidiano, a

míngua em que vivia, embora conhecesse a essência da realidade em comum com a outra.

Envelopes grandes e pequenos, manchados, cujas pontas transformadas em pó se desfaziam ao primeiro toque. Bordas coladas já não os sustentavam. Era possível distinguir as caligrafias de Virgínia, Cecília e, eventualmente, outras pessoas. Aos poucos, comecei a separá-los por destinatário e remetente, observando os selos e as cidades de onde eram postados. Nada se originava no além-mar. A família pobre circulava apenas no interior de São Paulo, embora meu bisavô, Antonio, tivesse vindo de Portugal. Em um mundo hoje impensável, o telefone era objeto de luxo. Esperar a correspondência dava à vida alegrias e aflições que não derivavam do imediatismo que experimentamos agora. A espera era uma espécie de saber que se devia cultivar independente da vontade. Os dias corriam lentos entre a postagem e o aguardado instante em que o portador soava a campainha, depositando nas caixas de correio muito além de contas a pagar. Era a esperança e o desejo de apaziguar a saudade que surgiam ou o anúncio derradeiro do fim de um amor ou, quem sabe, da vida de alguém.

A maior parte das cartas fora trocada entre Virgínia, Cecília e, anos mais tarde, Teresa, minha mãe. Encontrados destinatário e remetente, passei a abrir os envelopes, tentando imaginar os momentos em que cada uma se sentara para dedicar-se à outra. Me espantei pensando sobre o instante preciso em que as duas primeiras conseguiam interromper suas vidas arqueadas de obrigações para escrever. Como poderiam brotar as palavras em meio ao cansaço dos dias trabalhados arduamente? Ou nas noites espoliadas

de comida quente, sem a privacidade de uma casa exclusiva para sua família? Escreveriam na alta madrugada ou antes do amanhecer? Quantas lágrimas devem ter sido contidas para não manchar o papel? Como lidavam com o desespero e a resignação face aos assombros da vida? Eu tentava recompor esses itinerários, não em busca das histórias que eu conhecia, mas de possíveis revelações, em sua maioria, imperceptíveis.

De repente, percebi a luz dourada do poente entrar pela janela de vidro e atravessar a cortina da sala, refletindo-se na mesa. Os papéis estavam separados em pequenos blocos. Eu não retirara tudo das caixas. Na casa sem vida, não precisaria removê-los para outro lugar. Ninguém festejaria nada naquela mesa nos próximos dias. Talvez nunca mais. A sensação de movimento, de continuidade da vida, me causava estranheza. Embora não fosse, o primeiro dia se passara como outro qualquer.

.....

Cristianne Lameirinha (cristiannelameirinha@gmail.com) nasceu em São Paulo, em 1969. É graduada em História, mestre e doutora em Literatura Francesa pela USP, com estudo sobre o exílio nas obras de Albert Camus e de Assia Djebar, escritora argelina. Desde 1997, trabalha no Sesc São Paulo, onde, hoje, é editora de ciências humanas nas Edições Sesc.

Levré

Paulo Egreja

Aos trinta e seis anos, Ariano Levré finalmente concluiu o que entendia ser sua obra-prima. Tomado de orgulho, excitação e um leve sentimento de superioridade, enviou o texto para seu editor e retornou dos Correios flutuando no ar rarefeito dos gênios.

Antes do que imaginava, veio a resposta: “É brilhante”.

Ariano não cabia em si. Pulou em seu apartamento até suar, então correu à rua e comprou fiado uma garrafa de uísque importado. “Não se preocupe, em pouco tempo estarei rico”, garantiu ao dono do mercadinho enquanto assinava a nota. Bebeu dançando sozinho em sua sala, sem acreditar na própria sorte, numa pretensa humildade que a cada dose se esvaziava um pouco mais, deixando submergir o ego mais natural aos escritores; meia garrafa depois a tal sorte não era nada mais do que o justo reconhecimento de seu talento, técnica e estilo impecável. Lembrou-se mais uma vez da ligação do editor. “É brilhante.” Chorou, e depois desmaiou sobre o sofá com a autossatisfação que somente grandes artistas recém-descobertos sabem sentir.

Foi apresentado na editora como a mais nova promessa da literatura nacional e recebeu um adiantamento maior do que todo dinheiro que já juntara na vida. Comprou um terno elegante, sapatos e gravatas italianas, e então decidiu gastar um pouco na zona, onde entrou como um príncipe, distribuindo sorrisos e drinks a todos. As moças logo o cercaram em um harém, assim como os garçons, se debatendo pelas gorjetas, generosas a ponto de soarem irresponsáveis – uma deferência que, inicialmente financeira, foi se alterando ao longo da noite, à medida que sussurros e fofocas de funcionários e clientes criavam um mito de genialidade e fama. A tal ponto que, em determinada hora da madrugada, os clientes desavisados que se surpreendiam com a cena recebiam do porteiro a única resposta possível: “É um escritor famoso”. Ao amanhecer, Ariano já era quase um vencedor do Prêmio Nobel, e até o administrador da casa noturna, após averiguar o pagamento da conta, fez questão de acompanhar o escritor até a porta, sem esconder a honra de receber, naquele humilde recinto, tão renomado artista. E foi apenas o começo.

A cada semana ele vivia uma nova aventura: revisão, escolha da capa, sua biografia para a orelha do livro – tudo era um sonho que se tornava realidade, a mágica da publicação de seu primeiro grande romance. E à noite, na cama, após fazer amor com alguma bela estudante deslumbrada com seu talento promissor, Ariano dormia não mais pensando em um leitor, mas imaginando multidões.

Certa manhã, acordou e lá estava, em sua porta, o livro. Voltou a chorar, caminhando pela casa em busca do local perfeito

para colocá-lo; uma posição onde a obra ficasse visível sem soar pretensioso. Decidiu pela prateleira, junto com os outros livros, e caminhou até ela já sabendo o lugar exato dele: lado a lado com o clássico de Inácio Leuman, o autor de sua vida. Afastou-se alguns passos e encarou a cena: “*A dor das flores*, Inácio Leuman, e *Pernas cruzadas em frente ao fogo*, Ariano Levré”, disse em voz alta, cheio de orgulho, da mesma forma que em pouco tempo estaria nas livrarias, como se a proximidade alfabética de seus sobrenomes fosse um prenúncio de seu talento.

Graças à propaganda intensa da editora, incluindo a compra de pontos privilegiados nas vitrines das maiores livrarias da cidade, o livro de Ariano se tornou um sucesso avassalador logo na primeira semana; no domingo, dia em que o maior crítico literário do país publicava sua coluna, o escritor acordou cedo e ansioso.

“Ariano Levré faz comédia para as massas”, dizia o título da coluna.

Ariano o leu e releu o título por três vezes, antes de admitir que não o compreendia por completo, e passar ao texto.

“Passagens espirituosas”, “prosa de baixa complexidade”, “atração pelo leitor médio” – a cada frase Ariano se afundava mais e mais em seu sofá, consternado. Não podia acreditar em tamanho erro de interpretação. Sua obra-prima, uma comédia?! O tal crítico só podia estar gagá. Essa conclusão o agradou. Sim, só poderia ser isso. E, com essa idade, quem poderia culpá-lo? Porém, era imperativo que se afastasse, pois ainda que esses delírios impressos no jornal não fossem o bastante para abalar um artista do nível de Ariano, uma crítica infeliz de um crítico senil pode-

ria ser devastadora para um escritor de menos tenacidade. Quis escrever ao jornal. Alguém precisava tomar uma iniciativa contra aquele homem; talvez até já o quisessem, mas aguardassem um motivo. Talvez uma carta esclarecedora de Ariano fosse o sopro que o jornal precisava para empurrar de vez aquele velho batalhador, com grandes serviços prestados à literatura, é verdade, para a aposentadoria. Seu ego inflado, mais uma vez, solucionou a situação, e Ariano relaxou e decidiu tirar o resto do domingo para si. Passou o dia em casa.

Ao final da segunda semana, era oficialmente um *best-seller*, alcançando o topo de todas as listas de mais vendidos do país. Porém, se as vendas confirmavam o sucesso do livro, as críticas eram as mais variadas, para o desespero do escritor.

As revistas de variedade chamavam de “obra-prima”, a crítica especializada de mais um “sucesso de verão”. Uma apresentadora de televisão narrou emocionada, e ao vivo, tudo o que sentiu ao ler *Pernas cruzadas em frente ao fogo*; um ex-diretor de cinema alegou que não conseguiu passar da página cinco. Era a obra mais lida de todos os clubes de livros espalhados pela cidade e, na mesma proporção, ignorada pelos cursos de literatura. Ariano sofria.

Em uma entrevista, a infeliz jornalista perguntou de onde vinha o poder de se conectar com o homem comum, despertando um surto colérico em Ariano. “O homem comum jamais compreenderá minha obra”, bradou ofendido, enquanto era contido pelo operador de câmera. A entrevista foi cancelada, e a jovem jornalista, devidamente transferida para a cobertura dos preços das verdu-

ras nas feiras da cidade, com turno que se iniciava todos os dias às cinco da manhã, como punição por desrespeitar um artista e custar à emissora valiosos segundos comerciais.

Dois meses após o lançamento, veio a primeira sessão de autógrafos. No banco de trás do táxi, ele se perdia em delírios a respeito do evento que tinha pela frente. O lugar explodiu em palmas quando Ariano finalmente adentrou a livraria, com um charmoso atraso de meia hora. Caminhou de maneira firme e direta em direção à mesa que lhe fora preparada e, somente quando se sentou, encarou a multidão que o aguardava.

Mulheres, quase todas mulheres; não jovens ou belas, todas dentro de uma mesma faixa etária, com perfil semelhante de roupas, algumas com crianças entediadas segurando-lhes as mãos. “Donas de casa”, Ariano concluiu assombrado. Eram todas donas de casa.

“Mas onde estão os escritores, os artistas? Por Deus, cadê os intelectuais?”, perguntou confuso, para desespero do jovem funcionário da livraria destacado para servi-lo, encarando o escritor sem saber o que dizer. Aflito, correu para buscar uma bebida para Ariano.

“É a história mais linda que já li”, ouviu até perder a conta. Uma das fãs lhe disse: “fiquei tão impactada por seu livro que passei uma semana sem conseguir ver novela”, e Ariano quase desmaiou ali mesmo.

Em determinado momento, teve vontade de se levantar e bradar que ninguém estava compreendendo nada, que era tudo um grande mal-entendido. Mas não o fez. Permaneceu sentado, auto-

grafando cada exemplar com um sorriso forçado no rosto, exatamente como esperavam que fizesse.

Quando o evento terminou, seu pulso doía, mas a exaustão física não era nada se comparada com a emocional. Antes de deixar a livraria, no entanto, Ariano caminhou até a prateleira de ficção, e seguiu com o dedo indicador a ordem alfabética dos exemplares até encontrar o que procurava: *A dor das flores*, de Inácio Leuman e, colado a ele, capa a capa, *Pernas cruzadas em frente ao fogo*, de Ariano Levré. Estava ali o livro, como sempre sonhou. Essa visão fez ressurgir o orgulho no escritor que, num surpreendente exercício de ginástica mental, conseguiu abstrair suas frustrações e voltar para casa apenas com a imagem arrebatadora do seu romance ao lado de seu autor favorito.

Mas se Ariano tinha alguma esperança de que a visão sobre sua obra, bem como seu próprio público, eventualmente mudariam, ela caiu por terra quando ficou claro que ele cometera o único crime imperdoável para um artista: ficara rico. A partir daí, a classe literária, que apenas o ignorava, passou a atacá-lo.

“Tudo o que há de errado com a literatura deste país”, foi como um escritor menos bem-sucedido definiu o sucesso do livro, crítica acompanhada por um sem-número de colegas. A situação só piorava, pois, a cada crítica, um batalhão de fãs saía em sua defesa, atacando o tal escritor e o que chamavam de “comentários invejosos de escritores falidos”. E ao vê-lo sendo defendido por exército de donas de casa e pais de família de classe média, perseguiam-no ainda mais. Ariano já não sabia onde enfiar tanto constrangimento.

Frequentou festas e dormiu com estrelas de televisão, mas nada aplacava o vazio que sentia, a frustração em não ser aceito por seus pares. Queria se reunir com grandes mentes e discutir o futuro da literatura em salas esfumaçadas após várias garrafas de uísque. Também queria ter o direito à prepotência de debochar da literatura comercial. Mas ele era a literatura comercial.

Tentando suprir essa carência intelectual, Ariano, disfarçado com peruca e óculos sem grau, passou a frequentar os redutos da classe artística, os mesmos bares em que, no passado, aguardou em pé por horas com o mesmo copo de cerveja nas mãos – na época, tudo o que podia pagar.

Todas as noites escolhia um bar, sentava-se ao fundo com uma taça de Gibson, e ouvia a conversa de jovens escritores, professores universitários e críticos; às vezes, um novo poema declamado em voz alta, outras, uma discussão acalorada sobre algum autor ou, ainda, relatos sobre o desenvolvimento do novo grande romance que todos ali achavam estar escrevendo.

Naquelas discussões, o nome de Ariano Levré não surgia uma única vez, e a indiferença era pior do que qualquer zombaria.

Numa dessas noites, um homem mais velho chegou, foi saudado por todos e se sentou para uma taça de vinho insistentemente oferecida por alunos em troca de alguns minutos de sua atenção.

Ariano sabia que o conhecia, mas não se lembrava de onde. Terminou sua bebida e pediu outra, sem desviar os olhos do sujeito. Foi preciso que um dos alunos se levantasse para um brinde de homenagem para Ariano finalmente ser atingido pela revelação; os cabelos estavam mais grisalhos do que nas contracapas dos livros,

a pele mais enrugada, e até o nariz um pouco mais curvo, mas era, sim, sem dúvida, a versão mais velha do homem que tanto idolatrava. Estava ali, diante dele, Inácio Leuman.

Uma onda de excitação correu o corpo de Ariano que, aproveitando o momento em que o grupo se ergueu para o brinde, aproximou a cadeira da mesa ao lado. Homenageado e devidamente servido de uma garrafa de vinho, Inácio começou a pagar o preço por toda aquela deferência, colocando-se como alvo da infinidade de perguntas dos alunos, sempre em tom de reverência, às quais ele respondia com simpatia.

Foi em meio a essas perguntas e respostas, e aos consequentes debates que insurgiam, que, de repente, enquanto se discutia a resistência das editoras em publicar algo que prestasse (o que, para todo escritor, significa ele mesmo), alguém perguntou a Inácio: “E o livro de Levré?”.

Ariano teve que se conter para não chamar atenção, tamanha a excitação ao ouvir seu nome.

“Eu o li”, respondeu Inácio, e uma explosão de orgulho tomou conta de Ariano. “Ele o leu”, repetiu para si mesmo.

“A prosa é fraca. O enredo, batido. O único mérito da história é criar uma falsa ideia de intelectualidade e profundidade, que é o bastante para fazer o leitor comum achar que está lendo algo inteligente sem desistir por ser complexo demais. Enfim, mais interessante seria ter lido o drama da pobre árvore que só queria ser sombra, mas acabou se tornando o livro de Ariano Levré”, concluiu, e a mesa explodiu numa gargalhada, enquanto alguns, discretamente, anotavam essa última observação espirituosa em

guardanapos, crentes de que aquilo que é dito em voz alta em um bar não pertence realmente a ninguém.

O orgulho que Ariano há pouco sentira se converteu, primeiro, em humilhação e, depois, numa espécie de dor que subia pela garganta irradiando calor. Percebeu o rosto enrubescer, começou a suar e, no desespero por ar puro, deixou uma nota sobre a mesa e levantou-se, vacilando com uma queda de pressão que quase o levou ao chão.

Quando vieram acudi-lo, Ariano sentiu uma mão ampará-lo enquanto respirava fundo, com os olhos fechados. Ao abri-los, lentamente retornando a si, percebeu que a mão pertencia a Inácio Leuman.

“Você está bem, companheiro?” Perguntou o velho escritor, com um sorriso amistoso. Ali estava Ariano, face a face com seu ídolo, que acabara de destruí-lo.

“Sim, sim. Acho que bebi demais.”

“Acontece com os melhores”, disse Inácio com um riso curto, dando-lhe alguns tapinhas nas costas antes de retornar à sua mesa.

Ariano saiu do bar e se pôs a caminho de casa. Já sem o disfarce, jogado na primeira lata de lixo que cruzou seu caminho, sentia os olhares de reconhecimento e ouvia quando os pedestres, ao passar por ele, perguntavam: “mas não é aquele Ariano Levré?”. Não se virou nenhuma vez. De que valia a fama se, no fundo, não era nada mais que uma piada, justamente para quem ele mais queria impressionar?

Entrou em seu apartamento, abriu uma garrafa de uísque, arrebentou o lacre e despejou metade dela na pia da cozinha. Depois

voltou a enchê-la até a boca com todos os produtos de limpeza que encontrou na dispensa. Bebeu o máximo que conseguiu, acompanhado de uma cartela de tranquilizantes, seu corpo queimando por dentro pela mistura de substâncias químicas.

Ariano foi encontrado em seu apartamento no dia seguinte. Sua morte ganhou todas as primeiras páginas dos jornais, e *Pernas cruzadas em frente ao fogo* se tornou o livro mais vendido dos últimos vinte anos.

Em seu enterro, não faltaram personalidades, famosos, fãs em vigília e até os escritores que escutava nos bares, ainda que tenham comparecido menos por compaixão e mais pelas excelentes oportunidades que o evento oferecia para estabelecer contato com editores em luto.

Ao final do cortejo, convidaram Inácio Leuman, ídolo máximo e maior inspiração do falecido, para lhe prestar uma homenagem; e este, com seu talento para a oratória quase tão grande quanto para a escrita, emocionou a todos ao falar da brevidade, do talento e da falta que faria para o mundo esse excepcional escritor que foi Ariano Levré.

.....

Paulo Egreja (pauloebmonteiro@gmail.com) nasceu em São Paulo, em 1989. Formou-se em Direito e, em 2016, publicou seu primeiro romance, *As decepções ambulantes*. Desde então, dedica-se exclusivamente à escrita.

As luzes de Natal

Anna Maria Mello

O pinheiro enfeitado pinicava meus braços ainda sensíveis.* Debruçada sobre o beiral da janela, olhava as luzes que piscavam. Tantas, que me questionava se seria necessária aquela quantidade para decorar a fachada do Shopping Higienópolis. Na rua, jovens abraçados cantavam em grupo, pessoas com sacolas nos braços esbarravam-se, atropelando umas às outras. Crianças caminhavam com seus supostos pais, pendurando-se em seus braços. Algumas paravam na beira da calçada, como se ensaiassem o primeiro passo para atravessar a rua.

Sempre gostei dessa época do ano. As comemorações de final de ano na casa de tia Nenê, irmã caçula de minha mãe, eram suntuosas, com a presença de muitos amigos e familiares. O melhor da festa acontecia quando meus primos e eu corríamos atrás do garçom para provar os drinques. Atribuíamos notas às bebidas. Quase sempre, o vencedor era o “meia de seda”, talvez por ser o

* Capítulo de um livro de memórias sobre a luta contra o câncer de mama.

mais doce. Mas o melhor daquela brincadeira sempre foi estar fora do campo de visão dos adultos.

A piscina forrada por tábuas de madeira servia como pista de dança para os adultos; já para as crianças, era um teste de resistência. Pulávamos até cansar. Eu, no meio delas, rezava para que uma das tábuas não se partisse e eu afundasse na piscina.

As mesas eram cobertas por toalhas até o pé; esconderijos perfeitos para a brincadeira de pique-esconde. Usávamos vestidos longos para cobrir os buracos nas meias-calças, provocados por tombos e correrias, durante essas estripulias. Eu odiava vesti-las, queria poder ter a coragem de arremessá-las ao lixo. Vendo os rombos, geralmente no joelho, pressentia a dor do beliscão de minha mãe, como no dia em que pisei na barra do vestido, antes mesmo de estreá-lo.

À meia-noite, a música cessava para que ouvíssemos os sinos, e logo em seguida, descíamos correndo, empurrando uns aos outros, pulando os degraus da escada que nos levava até a garagem. Lá estavam as caixas embrulhadas por papéis e laços coloridos, despedaçados em segundos pela curiosidade de saber se o Papai Noel tinha aceitado os pedidos da carta.

Um barulho em frente ao meu prédio me chamou atenção. Talvez fosse um morador de rua remexendo as caixas de papelão, em busca de alimento. Na ponta dos pés, agarrei fortemente a rede de proteção para avistá-lo melhor; meu corpo pendeu para a frente, apoiando o peso sobre ela. Passaram-me pela cabeça coisas banais que eu não poderia mais fazer. Será que eu conseguiria atravessar a rua, ir ao shopping, comprar os presentes para minhas filhas, pas-

sar no supermercado em busca de ingredientes para preparar parte da ceia e levá-la à casa de minha irmã, como fazia todos os anos? Isso me fez pensar como não percebemos esses pequenos atos.

Ressoaram as palavras do oncologista, revelando a necessidade de realizar, de imediato, sessões de quimioterapia. E só de lembrar essa palavra meu corpo gelou como se eu estivesse em outro hemisfério. Certamente, isso afetaria meu cotidiano e meu trabalho.

As luzes do shopping cobriam toda a faixa do prédio. À distância, pareciam centenas de células minúsculas pulsando. Imaginei como os cabos de energia elétrica suportavam tanta carga ao mesmo tempo. Eu tinha acabado de sair do hospital, depois de uma internação que havia durado 30 dias por complicações pós-cirúrgicas. Um coágulo de 70 ml havia rompido em meu seio esquerdo, fazendo com que eu contraísse uma infecção generalizada, alterando o funcionamento de todos os órgãos; inclusive o pulmão, o que ocasionou problemas graves de respiração. Mas quando acordei da quarta cirurgia, em um espaço de tempo de 20 dias, em um lugar que não sabia identificar, ouvi vozes dizendo:

– Ela não está respirando, não reage aos medicamentos. Está entrando em choque!

E eu, apesar de não conseguir me expressar, pensava que não era de mim que estavam falando. As vozes iam e vinham como um sopro de vento aos ouvidos. Flashes do convívio com minhas filhas me faziam lembrar a importância de ainda permanecer com elas.

Ao chegar do hospital, na sala de minha casa, pude notar que ainda havia uma caixa ao pé da árvore. Nela, havia bolas coloridas, provavelmente aguardando minha palavra final. As luzes, laços e

outros adornos já haviam sido colocados, distribuídos igualitariamente pela Fátima. Vinda de Minas, aos vinte anos, ela chegou à minha casa, quando eu estava grávida da filha caçula, para me ajudar com os primeiros cuidados.

Sem saber ligar um forno e acender uma luminária, com seu poder de observação, foi adquirindo muitas habilidades; hoje, é parte fundamental da família, e monta a árvore de natal melhor do que eu, de forma que as bolas da caixa, ao pé da árvore, deixam de ser necessárias.

.....

Anna Maria Mello (am.mello.contato@gmail.com) nasceu em São Paulo, em 1968. Cursou História na USP, atuou em projetos de pesquisas sobre a história da criança brasileira e lecionou para adolescentes em escolas da rede pública e privada. É autora do livro *Cabelos vão, cabelos vêm* (Chiado, 2017).

Revoada de avestruz

André Rosemberg

Antes de descer para o asfalto, Alaor tascou um beijo em Dagmar. Vai com Deus, Nego. Aprumou o pente no bolso da camisa e, à porta do palácio, fez o sinal da cruz. Protege, meu Pai. No meio da ladeira, matou a fome com café e pão untado na manteiga. Pendurou a conta no seu Zé, cuspiu o amargo da manhã no meio-fio e fez troça com Filó, porque o Botafogo perdeu de novo.

Como de costume.

Segurando o corpo na descida, dava com o casco na terra batida. Ô, vida de luar. O sol pelando o couro, às sete da matina. E o macarrão sem mistura pesava na matula.

A banca do Geraldo é logo no pé do morro. A fezinha de todo dia tomava a forma da bicharada. Espantar a miséria na cabeça do milhar. Fazia vinte anos que Alaor marcava o 3434 da cobra. É a cascavel da sua mãe, dizia, sacaneando a mulher. Uma vez a sorte lhe sorriu, mas sem mostrar os dentes: levou vinte mirréis no grupo na véspera do aniversário de Dagmar. A mingua continuou a mesma, servida com um contrafilé a cavalo no almoço de domingo.

Mal Alaor apontou na esquina, Geraldo esticou o recibo. O outro recolheu a mão abruptamente, chamando o colega no cochicho. Geraldo, segura o andor: sonhei com avestruz. E desfiou os pormenores da noite atribulada no limite do pundonor. No sonho tinha safadeza bem arremedada, com mulher que não Dagmar. Alaor era evangélico, da Igreja do Nosso Senhor Piramidal. Ficava vermelho só de pensar no desfile das odaliscas expostas. Imagina se descobrissem que se besuntou no baile. Valha-me! Das peripécias, guardou recato. Só revelou a presença extemporânea do avestruz, perdido naquela suruba do capeta. E logo ele, que nunca sonhava.

Alaor cantou o milhar inédito. O sonho era vaticínio certo. Não precisava forçar o cálculo. Álgebra de Mobral. Uma dúzia de moças: 12; um avestruz: 01. É 1201, Geraldo! Anota aí. Dobrou a papeleta, ungiu com os lábios úmidos e foi-se embora mourejar.

No asfalto, viu o relógio gastar os ponteiros nos bons-dias, madame. Vez ou outra, roçava o bolso, penoso pelo milho que cevou o avestruz. Largou metade do suor do mês na banca do bicheiro. Chegou a se arrepender da ousadia.

Recompunha então o sonho, em toda sua glória e lubricidade. As moças flanando com as vergonhas à mostra, perseguidas por aquele cume intumescido. De qual beco de sua alma poderia ter brotado tal sem-vergonhice? Quando finalmente alcançou uma das beldades, no meio da fornicção, o bicho majestoso, com as asas abertas, o encarava com olhos de aprovação. Na vulgata da interpretação, o sonho só podia significar a mensagem altaneira: hoje é avestruz, Alaor.

Foi com a respiração ofegante que fechou o expediente. Depois do último boa-noite, o espírito perturbado pelo sonho e pela ansiedade do sorteio. Cedeu à tentação de comprar um badulaque para a patroa, também com o fito de se indultar da pulada de cerca involuntária.

Já no sopé da ladeira que subia morro acima, ele estancou. Alaor atinou para o pôr do sol a ressaltar a silhueta da favela. Pobreza filha-da-puta, suspirou. De longe, viu Geraldo baixar a porta de aço da banca. Preferiu não acenar para o amigo. Manteve a fleuma no compasso de todo o dia. Engolia a seco a ansiedade. Cobra é o caralho, mastigava entre os dentes. Hoje é avestruz!

Alaor dobrou a esquina e recebeu em cheio a nesga de sol que lhe ofuscou a vista. Só quando reabriu os olhos, no abrigo da sombra, foi que percebeu bem a seu lado a presença do pássaro imponente. A pelagem acinzentada, a cara de paspalho. Preferiu ignorar aquele avestruz, e o segundo, e o terceiro que o acompanhavam, desengonçados, até a banca do Geraldo. Alaor viu-se obrigado a abrir espaço entre o bando para conseguir verificar o resultado do sorteio no papelucho pregado à porta. Contavam-se mais de cem avestruzes, todos grasnando em coro a cabeça do milhar.

– É a cascavel da tua mãe, Alaor.

.....

André Rosemberg (arosem1910@gmail.com) nasceu em 1974. Mestre e doutor em História, pesquisa a polícia no Brasil, sobre a qual escreveu diversos artigos e livros. Na área ficcional, tem contos publicados em antologias.

Solidão

Patricia Ermel

Queria tanto ser apenas um bicho para me recolher e parir tranquila reservada. Não tive escolha, ou se tive, escolhi a angústia. Depois de trinta e nove semanas e seis dias de solidão, as dores começaram. Eu, as tristezas e o bebê nos contorcíamos para fora do corpo. O efeito faca-no-baixo-ventre – convite à conexão reptiliana – estava em atrito com o ideal inacessível de família. Precisava de apoio para ter o direito de não saber, de poder errar. Abri a boca na tentativa de aliviar a dor em um plê gigante. As mucosas do corpo interagem entre si; o comando de abrir a boca também abria a vulva em um ardor impossível de nomear. Ao mesmo tempo, um calor absurdo se apoderava de minha garganta queimando por dentro. Não era o círculo de fogo por vir ou a passagem do bebê, mas um fogo que subia enquanto uma contração de características medievais deslizava o corpo dentro do saco amniótico, abrindo os ossos da bacia empurrando minha lombar. Uma necessidade insana de evacuar a alma. O simples fato de estar eliminando o que não me servia era libertador, podia sentir o bicho. O que ainda era racional conseguiu por fim enviar uma

mensagem para a parteira xamã. Ela me perguntava sobre o tempo entre as contrações. Enviar uma mensagem *realmente* era tudo o que eu conseguia fazer, ou achava que conseguiria. Minha pele transpirava estranhamente, parecia babar uma substância cortante que irritou todos os poros. Eu mesma babava. Precisava colocar pra fora. O ardor subia pelo esôfago, passava pela faringe, chegava à boca – intuía que algo poderia estar em chamas. A parteira chegou ligeira, furou a bolsa do saco gestacional, e a água rapidamente apagou o pequeno incêndio. Acho que foi por isso que desisti de acender incenso ou fazer fogueira. A temperatura naquela manhã de verão ultrapassava os quarenta graus. Ela pediu para examinar o bebê; franzia a testa, apertava os olhos e tocava o que estava dentro de mim como um experimento científico. Começou a sibilar rezas e depois uns mantras. Tentei agachar e a pressão foi além do suportável. Pedi para ficar no chão de quatro. Nesse instante um bloco se moveu para fora de mim, um bloco que empurrava choro e baba. Podia sentir o odor do universo – sangue, suor, vernix, saliva, dermes, tecidos queimados. “Força, nenê”, dizia a parteira. Um comando simples para diferenciar o local da força expulsiva – não fosse o fato de que receber a porrada da dor, prender a respiração e fazer força parecia não estar funcionando no círculo do fogo. Ela não disse nada, mas um ponto branco despontava da cloaca. Um ovo gelatinoso, que tinha um dos braços da criatura erguido e por isso emperrado. Eu só sabia que não ia conseguir expelir aquilo que se esmagava dentro de mim. Foi quando, na força absoluta da abertura do meu ânus, saiu um rabo. Ele cresceu tão assustadoramente rápido que serviu como uma terceira perna de

apoio. Ergui uma das pernas e meu rabo deu a segurança do contraponto. A parteira fez a manobra da expulsão final por conta do que achava ser um bracinho emperrado e... pari um ovo – branco, liso, fino. Comungamos esse feito, que se rachou antes de entendermos o que acontecia. De dentro da casca saiu um bebê perfeito, entre substâncias gelatinosas e gosmentas. Agarrei-o e percebi que, além de braços curtos tinha escamas. Minha língua se tornou tesa e enorme – pude lambar meu bebê enquanto paria a placenta. O cheiro daquele pedaço de carne atiçou meus instintos: fissura para comê-la. Salivava tanto que pedi permissão à xamã. Ela foi rápida no preparo da placenta; tirou umas peles em um pequeno rito. Ao mastigá-la, meus dentes ganharam tônus, afiaram-se – cortei o cordão umbilical com eles. Meu bebê não chorou, mas deu um berro quente. Um tempo curto depois, evacuou o mecônio. Quando limpei a substância escura e pegajosa, vi um pequeno rabo surgir dali. A xamã parecia saber algo que não queria me contar. Disse que tinha muita raiva dentro de mim pelo abandono e que eu precisava colocar para fora. Despediu-se, entregou umas pedras para minha proteção e abençoou-nos. Disse para ter cuidado com gritos e berros, porque estava expelindo fogo pela garganta. Ao sair, advertiu que não precisava amamentar minha filha, mas alimentá-la com carne.

O puerpério seria impensável sem o rabo, ele limpava o chão, sujeiras na parede, empurrava o carrinho enquanto eu cozinhava ou cortava carnes. Podia sentar nele como numa cadeira de balanço. Não foi um problema me encontrar com as pessoas. Depois que você traz um ser ao mundo, as pessoas simplesmente

desaparecem – ainda mais se você é uma mãe solo, como eu. Nossa segurança e privacidade estavam garantidas; ensinei a criatura a direcionar os gritos e cuspir fogo contra qualquer ser indesejável que se aproximasse. Queimamos alguns carteiros, testemunhas de Jeová e ladrões de carro. Queimamos a casa um pouco também, mas nada que extintores não resolvessem. Quando a pequena completou três anos, saímos de casa pela primeira vez. Viajamos até uma montanha bem alta no interior e lá, aprendemos a usar nossas asas.

.....

Patricia Ermel (patriciaermel@gmail.com) nasceu em 1974. É socióloga e atriz. Sempre escreveu para si histórias que se perderam no tempo. Certos temas continuam a perturbá-la. Depois da maternidade, ideias têm surgido à procura de linguagem. Talvez esteja começando a escrever para ser lida.

Prólogo de uma garota fora de moda

Vanessa Grigoletto

Não tem nada de grave ou perigoso no que estou prestes a fazer, mas por algum motivo fico receosa de começar, e por isso evito esse momento já há alguns anos.* Preciso entender o que fazer com uma coleção de escritos guardados com muito cuidado em uma caixa de tênis meio desmilinguida, desde os meus catorze anos, na casa dos meus pais. Eles vão se mudar. Talvez o receio venha desse encontro com meu passado. Talvez não queira encontrar esses meus “eus” e acabar percebendo que nunca me largaram por completo. Aquela menina do interior ainda vive na adulta da capital?

Quando meus pais se mudaram de casa pela primeira vez, eu já estava na faculdade. Meu pai é engenheiro, tem uma construtora, e é extremamente criativo. Penso nas casas que ele constrói como um passatempo bem-sucedido que virou trabalho e colocou nossa família em uma situação de grande privilégio. Mas isso veio acompanhado de violência.

* Trecho inicial de livro de memórias.

Nossa primeira casa tinha uma das faces exposta para a rodovia Anhanguera e outra para um terreno baldio de esquina. A configuração deve ter chamado atenção dos quatro ladrões que nos surpreenderam, por volta das sete da manhã, em um dia de semana.

Estávamos, meus irmãos e eu, nos arrumando para ir à escola, meu pai no outro quarto, quando os bandidos chegaram armados, trazendo minha mãe amordaçada, para abafar os gritos. E então, de repente, nos vimos os quatro, minha mãe e meus irmãos, dentro do box de vidro do banheiro, acudados na parede de azulejos, enquanto lá fora ouvíamos meu pai repetindo que os ladrões levassem tudo. Lembro como eles o empurravam, apesar ou até por causa de sua reação conciliadora, o cara mais gente-fina que conheço. Dizem que o ser humano só se apresenta verdadeiramente em situações de sobrevivência. Minha sensação era de muita raiva, uma raiva perigosa que explodia em xingamentos, enquanto minha mãe tapava minha boca. Depois de toda procura pelas joias inexistentes da casa, terminamos todos presos dentro do quarto dos meus pais, até nos assegurarmos de que poderíamos buscar ajuda. Nunca mais nos sentimos bem naquela casa.

Por ficar muito perto do clube que chamávamos de “Piscina”, não sei direito por quê, era naquela casa que todos os amigos se encontravam antes das festas, ou só para ficar de bobeira na calçada, olhando o sol se pôr sobre a rodovia. Beijei minhas primeiras paqueras naquela porta, sempre de forma afoita, antes que minha mãe aparecesse. A casa, também desenhada e construída pelo meu pai, tinha tijolos à vista e um portão cor de vinho, que numa manobra radical da decoradora foi pintado de rosa-bebê, combinando

com as paredes verde-claras, grande arrependimento do meu pai. Para mim, o item de maior importância na decoração da casa era a primavera que ficava na garagem, e tinha flores de cor vinho caindo como cascata, e combinando com a cor antiga do portão.

O tempo da minha memória corre acelerado e meio desbotado depois do assalto. Logo terminei o então chamado colegial, fiz dezoito anos, entrei na faculdade e me mudei. Meus pais foram morar em um apartamento no prédio ao lado, enquanto a casa em um condomínio não ficava pronta. Eu cheguei a morar nessa casa, logo depois dos quatro anos de faculdade, já formada, esperando minha vida acontecer. E então, depois de dez anos da realização do sonho da casa-com-piscina-no-condomínio, veio a crise puxando o mercado da construção civil para baixo e fazendo com que meus pais mudassem novamente, e que eu reencontrasse meus diários da adolescência, além de algumas cartas trocadas com amigas.

Guardo essas relíquias há três anos, com uma espiada vez ou outra, oscilando entre me achar adorável e ter muita vergonha e até um pouco de pena de mim mesma. Vim do interior, meço 1,80 m desde os quinze anos. Menstruei tardiamente e fui virgem por um tempo maior do que o das minhas urgências porque queria ser uma boa filha. E choro por qualquer besteira.

Meus relatos do passado são esparsos. Tenho uma agenda do fatídico ano 2000, e de quando menstruei e também de quando beijei pela primeira vez. Ao ler esse diário, percebo como costumava ser uma menina meio bobalhona, querendo ser notada e amada, e essa é a parte que me dá pena de mim mesma. Eu também era sonhadora, certa de que o amor romântico seria o ideal (essa par-

te eu acho fofa). Durante cinco meses – por algum motivo, parei de escrever a partir de junho –, ao reler o diário, acompanhei o cotidiano construído em torno do clube, da casa das avós e dos primeiros bailes. Revi meu coração ser despedaçado quando meu primeiro amor platônico – obviamente – se interessou por minha amiga. Nadei novamente todos os dias, para depois ir ao vôlei, ao jazz, depois talvez à aula de step. Dizia coisas, como: “Será que vai rolar um clima?” E, sem qualquer sarcasmo, comentei uma vez como certo garoto era um “pão”. Culpo a grande proximidade das avós por isso.

O tempo salta, e em um novo diário em forma de caderno, encontro a jovem adulta de 2006, ansiosa pela faculdade que chegava ao fim e trazia o que ela gostava de chamar de vida real. Na sequência, ainda se notam nessa jovem adulta as insistentes indagações sobre seu valor, normalmente embasadas no olhar de um homem, mas ela já mostra uma malícia recém-conquistada, muita determinação e alguma autocrítica. Ela adora usar palavras, como *piegas*, *clichê*, *âmbito*, *abstração* e *paradigma*, provavelmente conhecidas nas aulas de sociologia. Mas também começa a mencionar Dostoiévski, Nabokov, Balzac, Huxley, Érico Veríssimo, sem contar o desabrochar do interesse pelo cinema. Sinto ternura por essa jovem adulta, mas ainda um pouco de pena.

*

Especialmente no final de 2012 e em cima da hora para o fim do mundo de acordo com a profecia maia, resolvi que era o

momento de acompanhar minhas duas avós à missa de Natal. Mesmo meio distante da religião, mas porque o mundo ainda existia, me arrumei com as melhores roupas para ver a encenação do nascimento do Menino Jesus com as matriarcas das minhas famílias, na basílica iluminada no meio da praça da cidade onde nasci.

Depois de estacionar o carro com o cuidado que os escorregadios paralelepípedos do centro da cidade demandam, ajudei as duas velhinhas a desembarcarem. Primeiro a mãe da minha mãe, Maria, com dificuldades para se locomover por conta do andador que sustentava o quadril trincado, e depois a mãe de meu pai, Cacilda, que mal conseguia ficar em pé por estar fraquinha, além da barriga inchada pelo fígado cronicamente doente.

Em abril do ano seguinte, Cacilda faleceu. Perder Cacá foi a pior coisa que me aconteceu: meu mundo acabava, e com atraso, de acordo com os maias.

*

Todo mundo no Brasil tem uma avó Maria, pelo menos essa é minha impressão. Minha Maria nasceu caçula de cinco irmãs, filhas de uma costureira muito esforçada, e um pai clássico, fundador de nossa sociedade machista: era mulherengo e ausente. Não fiz esforço para guardar seu nome, mas minha avó conta que na infância seu pai mantinha uma amante oficial, além de muitas outras, e que todos da pequena cidade sabiam disso, menos minha bisavó.

Aos dezenove, Maria casou com Alcides, conhecido por nós como vô Cidão, um cara boa pinta, muito honesto e católico, carac-

terísticas sempre enfatizadas, e ainda mais exaltadas no discurso teatral de minha avó, depois que ele morreu.

Cidão era corintiano e fumante roxo, gostava de tomar uísque todos os dias, e não dispensava o futebol seguido de uma sessão de sauna com os amigos no clube de Araras. Minha melhor memória dele é de quando meus primos e eu éramos obrigados a rezar o terço ou, pior ainda, o rosário (três vezes o terço), e ele dizia todas as vezes, na parte da Ave-Maria: “Rogai por nós, pescadores”. Era como um ritual esperar por essa tirada, e sentir a força de seu humor com capacidade de nos deslocar da realidade e das normas. Havia também nas entrelinhas o fato de que Cidão era pescador e tinha um sítio no Pantanal e tudo.

Já do outro lado da família, Cacilda, mãe do meu pai, sempre foi introspectiva e doce. Só ouvíamos de verdade sua voz quando cantava, todos os domingos, às sete da noite, na mesma basílica onde se rezou a missa antes de sua morte. Seu agudo era famosíssimo na cidade. Mãe de seis homens, meu pai o primogênito, ela morreu de cirrose sem nunca ter bebido.

Seu marido também era mulherengo, como o pai de Maria, meu bisavô, e trocou minha avó por outra mulher depois de muitos episódios de traição narrados pela própria Cacá, quando eu ainda era criança. No final da vida, ela me confidenciou que seu fígado teria se deteriorado por conta do excesso de calmantes que tomara com as traições do meu avô. Ela e as quatro irmãs tiveram que começar a trabalhar muito cedo para ajudar nas despesas da casa. Penso que fui sua primeira amiga de verdade, alguém com quem ela podia desabafar depois de parir tantos homens, e só hoje passo

a me perguntar quão apropriado foi ouvir as histórias do meu avô naquela época. Nunca mais me aproximei muito dele por isso.

Entrava-se na casa da Cacá por uma porta com pequeno jardim que dava para uma garagem e depois outra porta. Entrando nela, à esquerda tinha a sala de TV com sofá de alvenaria, e à direita a sala de jantar, e só depois a cozinha retangular que tinha outra porta que dava para o quintal, que era uma continuação da garagem. Cacá tinha uma cadela vira-lata, Belica, magra e comprida, de pelo curto dourado, com a mesma personalidade dela, muito calma e obediente: só entrava até a porta da cozinha, que dava para a lavanderia e o quintal onde eu, uma vez, corri tão rápido que tropecei e quebrei um dente.

Na época não conhecia cinema nem fotografia, mas me lembro da luz que entrava pela janela entre as cortinas finas dessa cozinha e do desenho perfeito que a luz fazia no chão, batendo levemente na mesa, sem atrapalhar nosso café ou almoço.

Com ela conheci a santíssima trindade pagã: café, pão e manteiga, tudo quentinho, da padaria. Também aprendi a respeitar o silêncio entre pessoas que se sentem bem na companhia umas das outras. O macarrão com atum de minha avó era como um prato de cozinha refinada, e quando perguntávamos o que ela fazia para deixar tudo tão gostoso, ela respondia que era só ir jogando os temperos e o que havia na geladeira, sem nunca saber explicar direito seu dote natural. Ou talvez fosse apenas a mão dela mesmo.

Fui a primeira neta nessas famílias de homens com muitos tios, cinco do lado paterno e três do materno. Por ser a primogêni-

ta, fui muito mimada. Já em casa, depois de mim vieram um menino e uma menina. Hoje, imagino como devo ter sentido, então, o peso de perder a hegemonia das atenções quando meus irmãos nasceram: primeiro, a atenção das minhas avós; depois, de meus pais.

Minha avó Maria contava histórias sobre quando eu tinha uns três anos de idade e pegava flores do chão para entregar a alguma velhinha na rua. “Uma graça, essa criança!” Ou quando me levantei do sofá e dei meu lugar a um tio-avô. Os exemplos escondem o que está nas entrelinhas: eu queria agradar. Fico procurando entender de onde vieram Maria e Cacilda, para entender um pouco, ou até mesmo prever, para onde eu vou. Desde então venho tentando agradar as pessoas para continuar com minha consciência tranquila, como fiz naquele Natal de 2012.

.....

Vanessa Grigoletto (vanessa.grigoletto@gmail.com) nasceu no interior de São Paulo, em 1985, mas foi criada na capital. Trabalhou por dez anos com produção audiovisual para publicidade. Em 2015, publicou um livro de bolso com o mesmo nome de sua página: *Sinceros devaneios*, uma coletânea dos posts preferidos. Vive, hoje, em Barcelona.

The Life of Juan Pablo

Luisa Jubilit

Uma pontada um pouco acima da perna me despertou do meu sono sem sonho. Pelo menos, eu achava que não tinha sonhado. Sei lá. Minha memória recente não era grande coisa esses dias. Ou talvez nunca tivesse sido.

Que sombra boa.

– Quanto até Cayo Santa Maria?

Eu não conseguia ver o rosto da mulher, muito provavelmente chilena. Só ouvia seu sotaque carregado e via seu tênis, sujo de barro, já seco.

– 20 CUC.

Um outro par de tênis, igualmente sujo, se juntou à mulher.

– Quanto?

– 20 CUC.

– *Nonsense!* Disseram que a viagem até lá não dura nem duas horas.

Canadense, na certa.

– 15 CUC – sugeri o motorista.

Duvidei que ele falasse inglês, mas quem lidava com turista geralmente era bom nisso de decifrar diferentes sotaques.

– *Bueno*.

A mulher concordou. Seus pés se voltaram para os do homem.

– 15, ok? Mais fácil. Eu pago.

– Não é a questão de pagar, é a ousadia desses caras. Um abuso.

Ela ignorou o comentário, deu alguns tapas na lataria e se aproximou da parte dianteira do carro.

– De que ano é?

– 1957.

O motorista parecia orgulhoso.

– Completou 60 anos mês passado.

Eles abriram as portas, um pouco emperradas. Suspirei. Não queria sair dali.

– *Señor, tienes perro...* Avise ele que tem um cachorro embaixo do carro.

– Meu marido disse que tem um cachorro embaixo do carro.

– Não é problema. Esses bichos são espertos. É só ligar o motor que eles saem.

Foi o que eu fiz. O sol me atingiu em cheio e senti minhas patas queimarem sobre o asfalto. Vi o carro se afastar e passar próximo à porta da igreja. Acho que era domingo. O povo, em massa, saía pelos portais de madeira e se dirigia à praça. Corri ao coreto para garantir minha próxima sombra. Minha pata doeu no caminho até lá.

Me deitei próximo a outra estrangeira. Não era difícil deduzir que ela não pertencia àquele lugar: cabelos loiros amarelados,

queimados pelo sol, pele muito branca avermelhada, queimada pelo sol. Chorei, de leve. Ela sorriu e começou a fazer carinho na minha cabeça.

– Já fez um amiguinho, Luísa?

– Já.

– Qual o nome dele?

– Não sei, alguma sugestão?

Abri um olho. O rapaz se aproximou de mim e acariciou minha lombar, logo acima do meu rabo.

– Juan Pablo.

– Ai, Pedro, sai dessa. Clichê.

– Ué, o que você pensou?

– Carlinhos, com o erre bem puxado, de interior.

– Prefiro Juan Pablo. “The Life of Juan Pablo.”

– Não me enche. É Carlinhos.

Não demorou muito para que eles fossem embora. Antes disso, uma senhora que eu conhecia de algum lugar se aproximou deles e pediu sabão. Eles não tinham. Ela se sentou do outro lado do coreto, frustrada, e abriu um pequeno pacote que levava nas mãos miúdas. Senti o cheiro de pão e me aproximei.

– Mas que insistência!

O pontapé me acertou a costela. Quer dizer, mais ou menos. Não senti muita dor. Pelo menos, eu não achava que não havia sentido. Corri novamente para o outro lado da praça, à beira de alguns restaurantes. O rapaz que havia me acariciado como gato fez sinal para que eu me aproximasse e me deu um resto de coxa de frango. Minha perna doía.

– Até, Juan Pablo.

Manquei até o carro mais próximo, que aguardava outra leva de turistas. Deitei embaixo da sombra e fiz força pra sonhar.

.....

Luisa Jubilut (luisajubilut@gmail.com) nasceu em 1994. É jornalista cultural e escritora.

Eu por ele por mim

Roberto Féres

*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui*

Fernando Pessoa

O som do teclar frenético da máquina de escrever atrai minha atenção infantil até o escritório.* Entro de mansinho e vejo meu pai em transe: olhos vidrados no texto, sem tomar conhecimento da minha presença, do teclado ou mesmo de seus dedos autômatos, que se movimentam em velocidade e sincronia hipnóticas, como partes independentes do corpo estático. Ao final de cada linha, um leve movimento de cabeça e uma respiração mais profunda enquanto aciona a alavanca, retornando o cilindro da máquina para a margem esquerda do papel como quem engatilha uma pistola automática, antes de disparar novamente contra o sulfite com elegância e convicção.

Meus olhos de menino são só incredulidade frente ao impossível da façanha. Nunca vou ser tão bom em alguma coisa, era apenas o que eu conseguia pensar. Da janela do 14º andar, dava

* Este texto é o início de um projeto de diálogos entre uma prosa recém-nascida e uma poesia póstuma, com textos do autor e poemas de seu pai, Luiz Fernando de Faria Féres.

para ver o estádio do Pacaembu lotado. Só que eu já não queria mais ser jogador de futebol.

Missão

Manter viva a palavra

Em sua ferocidade

Unhas de tigre

Rasgando a epiderme

Do cotidiano

Para que o sangue

Brote

E se oxigene

No ar

Poluído

Do mundo

Faz silêncio no apartamento do meu pai. Parece que ando pelo cenário de uma peça de teatro, sem elenco nem plateia. Tudo parece meio absurdo, inconcebível. A coleção de miniaturas de carro, os livros nas estantes, os porta-retratos, a cadeira de balanço em que balançava minha bisavó. No escritório, a mesma máquina de escrever repousa sobre a mesma escrivaninha, só que agora dentro da caixa, ao lado do laptop desligado. Levanto a tampa, e lá está ela: empoeirada e enferrujada, sem vida. Não chega nem a ser uma relíquia. Valeria menos de cem reais em uma feira de antiguidades a máquina que compartilhou mais da intimidade solitária do meu pai do que eu, minhas irmãs, minha mãe ou qualquer outra pessoa. Um

confessionário sem memória, testemunha das paixões ocultas, dos versos melancólicos, da culpa ruminante, da tentativa frustrada de reescrever o passado que se presentificava a cada anoitecer, anunciando um amanhã que era sempre aquele réveillon maldito de 1964.

A falta

*Decerto
com a tua ida
a vida não parou
Apenas
nós, os permanecidos
passamos a nos olhar
mais graves
E o trabalho nos pareceu
de repente
mais pesado
E a tristeza se tornou uma companheira
constante e oculta
nas nossas voltas à casa
E só algumas vezes,
se acaso fitávamos a tarde,
ela se dava a conhecer
e se fundia toda
então
com a tua ausência.*

É curioso como meu pai não se apegava a coisas materiais e ao mesmo tempo acumulava compulsivamente certos objetos,

aos quais atribuía algum valor afetivo. Uns mais óbvios; outros, nem tanto. Em uma gaveta da escrivaninha encontro caixas com fósforos usados, canhotos de cheques de quando se pagava em cruzados, milhares de comprovantes de saques e depósitos já ilegíveis. Em outra, todos os desenhos, bilhetes e cartas dos três filhos, páginas arrancadas de revistas de arte, filosofia e psicologia, fotos impressas e em slides, e uma coleção de cartões postais de lugares nunca visitados, com o verso em branco.

Finalmente, na maior das gavetas, o tesouro que eu tanto cobijava e temia encontrar: uma quantidade de pastas e envelopes repletos de calhamaços de papéis amarelados e amarrotados, mas não vencidos pelo tempo. Escritos, muitos escritos. Batidos à máquina, feitos à mão, anotados em contas de luz, telefone e nos mais improváveis pedacinhos de papel. Poemas completos e incompletos, ensaios, rascunhos de cartas, esboços de projetos e textos dos anúncios de publicidade – ofício exercido com competência e resignação (e seguido pelo filho, por excesso ou falta de imaginação).

Não me lembro de ter parado para pensar se eu teria direito sobre aquele acervo tão particular, se ele condenaria o ato como violação de privacidade, ou se chegara mesmo a considerar que um dia seriam encontradas aquelas palavras, preenchendo lacunas de uma biografia, respondendo a perguntas que nunca seriam feitas. Aqueles papéis constituíam uma extensão, ainda que literária, da presença do meu pai; uma revogação, ainda que temporária, da efemeridade das coisas. Sem hesitar, me lancei sobre aqueles escritos como um arqueólogo, escavando minha própria história.

Entre parênteses

*vivo, vírgula
interjeição de sim ou não?*

*exclamação
ou travesso sinal
de explicação?*

*dois pontos:
vida e morte*

*onde está
a interrogação?*

*mas afinal
vão-se os gestos
e só as aspas
ficarão*

Abro as portas do armário. Ainda embaladas no plástico, pilhas de exemplares da realização maior do meu pai: seu livro de poemas, do qual fui editor. Uma pontada intensa de remorso me acusa de não ter colocado empenho suficiente na distribuição do livro. Mais, sempre dá para fazer mais.

Amigos e familiares foram presenteados no lançamento, “a noite mais importante da minha vida”, ele tinha dito. Quase noventa por cento da tiragem permanece ali – inerte, silente, es-

queletos de papel no armário. Me ocorre ainda que eu poderia ter dito a ele mais vezes como os poemas eram belos, mas a verdade é que eu nem sabia direito o que achava. Meu discurso na noite de lançamento o deixou comovido, mas quanto é o suficiente? Sempre dá para fazer mais. Por algumas razões, que só começo a enxergar com clareza agora, eu tinha criado um bloqueio emocional com a obra.

Nossa relação simbiótica me conferia um sentimento de identificação completa com o livro, como se aquela fosse minha própria poesia, o que de alguma (estúpida) forma me envergonhava. Ao mesmo tempo, a exposição das fragilidades paternas me assustava; talvez eu tivesse medo de me reconhecer naquelas dores, talvez sentisse medo do seu fracasso. E para complicar de vez o quebra-cabeça sentimental, eu não compreendia como era possível não haver no livro sequer um poema para mim – dentre tantos dedicados a pessoas da família, a nomes que eu desconhecia e até a certas iniciais misteriosas. Na abertura do livro está impresso “Meu agradecimento afetuoso a Roberto Féres, cuja colaboração foi decisiva para este livro acontecer”. Dedicatória do livro inteiro, que eu trocaria por um simples verso.

Não podia imaginar que naquela noite, sozinho no apartamento do meu pai, com todas as coisas dele, e sem ele, eu encontraria vida e morte.

Vida e morte Severina

(Para o Beto, filho-filho, irmão e pai)

Assim seja

Como o perfume da manga

Saboreada a seu tempo

Como a cantiga entoada

Pela mãe

Que a criança aguarda

Para adormecer

Como a lenta maturação

Do sol

E a sombra que chega a tempo

Para mitigar o caminhante

Assim seja

Como as mãos

Em bênção

E a visão da fé

Nos olhos do peregrino

Assim seja

Como a silenciosa reposição das células

Maquinismo de vida

E depois de tudo

Silêncio do tempo

Esfinge

Sem nem um canto de passarinho

Fora de hora

.....

Roberto Féres (betoferes@gmail.com) nasceu em 1977. Publicitário, trabalha com produção de conteúdo para empresas há vinte anos, atuando como *publisher* de veículos de comunicação corporativos para marcas como TAM Linhas Aéreas, Volkswagen e Natura. É sócio-fundador da empresa New Content.

Arranjo

Ivan Nakamura

1

Tentava ver o rosto no reflexo na janela, mas do assento ao lado do corredor, pouco podia distinguir dos contornos na superfície do vidro fumê*. Ela, com encosto na inclinação máxima e corpo voltado para o lado, dormia sobre o travesseiro feito de suas mãos unidas. Essa posição lhe fazia lembrar das brigas no carro, quando Renata, no banco do carona, desistia da discussão e se virava para direita, fingindo dormir. O ritmo da respiração e o balanço das pernas despertas a denunciavam. Nada de mais, pois, ao olhar para os lados, percebia-se que todos ali faziam o mesmo. Depois de duas horas de estrada, os assuntos se esgotam, e para não conviver com o silêncio alheio, dorme-se de mentira. Era uma das coisas que Otávio queria evitar. O típico silêncio das vozes que se misturavam ao ronco do motor. Os pequenos estalos

* Trecho inicial da novela *Arranjo*.

dos grãos de areia sendo esmagado pelo pneu. O som de distância o fazia lembrar que estava cada segundo mais longe de casa.

Não que tudo o incomodasse ali. Gostava da luz que vinha de fora, da luminosidade quase noturna do sol atrás do vidro da janela. Gostaria que o sol sempre fosse atenuado por um filtro, principalmente porque sabia o que o esperava: dentro de poucas horas, ao desembarcar, receberia o calor de uma das regiões mais ensolaradas do planeta. Não o incomodava que aquele percurso de ônibus se estendesse mais do que o necessário, e, nesse sentido, a estrada foi uma surpresa desagradável: estava em ótimo estado. Lisa e constante, sem desvios e obstáculos. Antes de embarcar, ele lera algo no celular sobre a rodovia. Construída pelos militares na década de 70, a BR 174 formava um corredor imenso que dividia a Amazônia brasileira para ligar Manaus à fronteira com a Venezuela. Era possível passar por ela no claro. De noite, o fluxo era interrompido no trecho que corta a reserva dos Waimiri-Atroari, tribo indígena de hábitos notívagos e sempre munida de arcos e bordunas que apontavam sem medo na direção dos caminhões. Mas, de dentro do ônibus com ar condicionado, pouco se podia sentir do mundo lá fora. A floresta não passava de uma mancha verde escura.

Otávio voltou a pensar no silêncio entre eles. Já durava algumas horas. Não se falaram nem quando descobriram que perderam o voo de Manaus para Boa Vista. A moça do guichê se desculpou em nome da empresa. Houve um problema com a pressão dos dutos que abastecem as aeronaves, e foi preciso transferir o embarque para o dia seguinte. Um absurdo completo, típico de um fim de

mundo como aquele. Ela, sem lhe dar muitas satisfações, decidiu tomar um táxi até a rodoviária para tentar chegar por terra na capital de Roraima. Otávio a seguiu sem protestar. Àquela altura, havia decidido pela indiferença completa.

Avistou algo lá fora que lhe chamou atenção: um monumento à beira da estrada. Sobre uma rosa dos ventos em mosaico português, erguia-se um pedaço de madeira que mais parecia um taco de hóquei no gelo gigante, apoiado em uma pedra em formato de menir. Uma instalação esdrúxula que exibia uma placa onde se lia “Equador”. Atravessavam a linha imaginária, se aproximando dos limites do território indígena. O ônibus estacionou minutos depois em um posto, a última construção antes de chegar na reserva. A partir dali seriam quase 150 quilômetros de estrada nua, sem acostamento ou área de escape, trecho que, segundo a recomendação, devia ser percorrido sem paradas.

– Me desculpe – disse ele no balcão da lanchonete, enquanto tomavam café.

– Tudo bem.

A resposta foi rápida e desatenta. Ela estava tentando conseguir algum sinal no celular. Não disseram nada por mais meia hora. Só voltaram a se falar quando o motorista começou a acelerar demais.

– Cara maluco. Vou reclamar.

– Deixa correr, melhor assim.

– Será que vai dar tempo?

Ela consultou o relógio no celular. Passava das três da tarde, e o encontro com o grupo da excursão estava marcado para as

cinco no aeroporto de Boa Vista. Pelos cálculos dele, chegariam no mínimo duas horas atrasados.

– Eles vão esperar.

Ela disse isso sem poder ter certeza. A agência que escolheram parecia amadora. Antes de saírem de São Paulo, tentou telefonar para a sede, em Boa Vista. Atendeu um rapaz que não sabia informar nada. Segundo a amiga que recomendou a agência, valia a pena, pois os guias eram venezuelanos e de muita confiança.

O assunto da viagem surgiu de repente, enquanto comiam pizza na casa dele. Do nada, ela disse que queria ir ao monte Roraima, desejo que alimentava há um tempo, dizia. O recesso de fim de ano lhe parecia a oportunidade ideal. Não que isso fosse de todo inesperado, aquele passeio combinava com a personalidade de Renata, o tipo de pessoa que faria uma viagem assim. Já conhecia a Chapada Diamantina, Serra dos Órgãos, Chiapas. Diante daquele anúncio, ele se recordou de uma pequena mentira sua, no início do relacionamento. Deu a entender que, assim como ela, ele gostava de viajar. Fez isso, pois julgava que a verdade poderia atrapalhar, naquele momento. Foi uma falsidade, estratégica e compreensível nos primeiros encontros. Com o passar dos meses, essa declaração seria desmentida pela realidade. Em sua cabeça, foi exatamente o que aconteceu: nunca voltaram a tocar no assunto viagens. Nunca houve qualquer sugestão de trilha, acampamentos, bate-e-volta, nada. E qual seria o significado daquela proposta de escalar uma montanha em um dos cantos mais obscuros do país?, pensava ele, enquanto mastigava a pizza. Cogitou a possibilidade de não tratar-se de um convite. Renata

talvez quisesse viajar, mas não com ele. Só estava tentando achar um jeito de não magoá-lo. Mas Otávio, já quase magoado, deu uma resposta que achou que ela não queria ouvir.

– Vamos, sim.

– Perfeito.

Surpreendeu-se ao vê-la satisfeita. Talvez estivesse se martirizando à toa. Ela o queria a seu lado e ele não tinha razões para duvidar disso.

Seria bom se tudo terminasse naquele acordo, mas ainda tinham uma viagem pela frente. Levaram duas semanas preparando tudo. Compraram mochila, barraca, fogareiro elétrico. Tomaram vacinas contra malária e febre amarela. Otávio precisou encontrar, no meio de sua bagunça, o passaporte prestes a vencer. O pior foi ter que ir à loja de esportes em busca de tênis de trilha e segunda pele. No provador, se olhou no espelho e teve raiva dela. Começou a se coçar freneticamente – velha alergia a roupas justas.

A tensão culminou no aeroporto em São Paulo. Trânsito, fila para embarcar, e Otávio, cada vez mais inquieto, explodindo na fila do check-in, pressionado a encontrar as passagens na mochila.

– Fica quieta. Tô pegando, porra!

Um arrependimento instantâneo estalou em seus ossos. Sabia o que estava por vir, as pequenas explosões eram para ela a maior das ofensas. Por isso, sabia que aquele “tudo bem” na lanchonete era protocolar. Não estava nada bem. Demoraria mais alguns dias para ficar tudo bem.

– Ainda tem bolacha?

– Na minha bolsa.

Ele alcançou a bolsa no bagageiro em cima do assento. Enquanto seus dedos tateavam as coisas dela em busca de comida, sentiu um mal-estar. Tocou num estojo com canetas, uma presilha de cabelo, um chaveiro de hipopótamo que ganhou como brinde de chocolate. Por mais que tivesse raiva, as miudezas sempre amoleciam seu coração. Não poderia odiar alguém que guarda brinquedos de chocolate.

Olhou novamente na direção da janela. O sol sumia no horizonte, algumas luzinhas de leitura se acendiam no teto dos assentos. Renata ainda se voltava para a janela. Otávio aproximou mais seu rosto de sua nuca, mantendo uma distância segura para não ser percebido. Teve vontade de beijá-la, mas temia estar se precipitando. Ficou ali parado, sentindo seu cheiro.

Percebeu o corpo dela se retrair de repente, como se sentisse algo. Ao voltar o olhar para o reflexo na janela, viu que os olhos estavam abertos, apontados em sua direção. Estremeceu com essa visão. Suas feições estavam mais claras, como sempre ficavam durante a noite. O contraste das sombras lhe imprimia uma aparência nada inofensiva.

Recuou a cabeça no assento. A imagem encarando-o pelo reflexo o perturbou. Ela podia vê-lo. Mesmo sem olhá-lo, Renata o via. Por um segundo, teve a nítida impressão de que Renata, apesar de boa, não era inofensiva.

E, enquanto caçava farelos de bolacha no fundo do pacote, Otávio ponderou a razão daquela viagem. Fez uma suposição cruel que agora lhe parecia ser a única possível.

.....

Ivan Nakamura (ivancn2@gmail.com) nasceu em 1985. É formado em Audiovisual pela ECA/USP e cursa Letras na FFLCH/USP. É roteirista de curtas e longas-metragens, bem como de séries de televisão. Teve o conto "Em zonas inferiores" publicado no volume 2 da revista *Revera escritos de criação literária* do Instituto Vera Cruz.

João subterrâneo

Bruno Lewicki

“**P**ela força das palavras, podia se pensar num gigante, capaz de arrasar qualquer um com um simples movimento de braços.” Assim o *Jornal do Brasil* definia o jornalista João Saldanha no dia seguinte à sua demissão como técnico da seleção brasileira, pouco antes da Copa de 1970. “Mas é um homem magro, rugas profundas, alguns cabelos brancos.” Apesar do corpo franzino, o João Sem Medo era uma parada dura. Não por acaso, assim se encerrava a descrição feita pelo *JB*: “O biótipo talvez se enquadre no que certos biólogos definiram como super-homem cromossômico – aqueles que [...] têm uma agressividade absurda, que pode até levar ao crime. Esse super-homem, dizem os biólogos, é sempre alto e magro, assim como Saldanha.”

João foi um dos mais bem-acabados exemplos daquilo que a língua inglesa chama de *larger than life*, maior-que-a-vida. Além do sucesso como jornalista e dublê de treinador, o gaúcho de Alegrete acumulou, fora dos estádios e das redações, histórias ainda mais inacreditáveis – mesmo porque boa parte delas, diz-se, nunca

aconteceu. O que, por sinal, não é incomum quando se trata dos maiores-que-a-vida, sobre quem sempre se publica a lenda.

Fiel ao seu credo – “quem quiser que venha em cima, mas guarde embaixo” –, tinha justa fama de brigão. Uma vez invadiu a concentração do Flamengo, armado, para tirar satisfações com o brutamontes Yustrich. Esse foi um dos episódios que culminaria com seu expurgo da Seleção. João assumira o cargo menos de um ano antes da Copa, para espanto geral: como lembrou Tostão, além de não ser técnico profissional e de ser “um homem culto, humanista, fantasioso, contador de histórias”, João era membro do Partido Comunista Brasileiro, pelo qual chegou a ser candidato a vice-prefeito do Rio, em 1985.

Morreu na Itália, onde cobria a Copa do Mundo de 1990 (maior-que-a-vida até o último suspiro, embarcou doente e tomou no *front*). Desde então, vários projetos ajudaram a consolidar o personagem João. Esses esforços têm o grande mérito de proporcionar um filtro mais crítico sobre ele, e não apenas sobre seus episódios anedóticos. Revisitou-se, assim – ou ao menos iniciou-se a releitura –, o folclórico personagem João, e também o treinador João.

Mas resta ainda a cumprir a última e, não por acaso, talvez mais importante etapa dessa revisão crítica; aquela ligada à principal ocupação de João durante sua vida, e a partir da qual sua contribuição vai, claramente, muito além do que se credita a ele até hoje. Falta reler mais o João-jornalista e, sim, o João-escritor. A potência das lendas a seu respeito e o brilho das suas frases (como a clássica “se macumba ganhasse jogo, o campeonato baiano ter-

minava empatado”) ofuscaram o quanto ele influenciou a crônica esportiva brasileira.

O pesquisador José Carlos Marques lembra a interessante imagem de Paulo Mendes Campos, para quem, já na segunda metade do século 20, “a imprensa esportiva brasileira teimava em não realizar sua Semana de Arte Moderna”, insistindo numa “linguagem parnasiana e pretensamente rebuscada”. Alguns companheiros de João Saldanha na Grande Resenha Facit, programa pioneiro das mesas-redondas sobre futebol na televisão brasileira, inovaram de outras formas, mas não romperam totalmente com essa tradição – como no caso dos “laivos românticos” de Armando Nogueira, e de Nelson Rodrigues, com sua “alma barroca”. João Saldanha, conclui Marques, foi, “talvez até inconscientemente, o que mais se aproximou do ideal dos modernistas brasileiros”.

A grande arma de João nessa sua revolução era a facilidade de trânsito entre rádio, televisão e jornais com a mesma linguagem coloquial e acessível a todos, sem rebuscamentos desnecessários. Como sintetizou o médico e sindicalista Roberto Chabo, “ele falava e aquela crônica oral era a crônica que ele escrevia no outro dia. Todo mundo entendia o João”. A falta de rodeios não o impedia de se servir de metáforas e analogias muito criativas. Como exemplo, ao comentar por que os jogadores brasileiros não serem exímios cobradores de pênalti, João acusa, além da falta de treinos, “a tal malandragem do brasileiro”. Nas palavras de João: “Nunca fiquei convencido de tal malandragem. Sempre achei que não pegávamos nem juvenil com certos povos. De barato dou alguns: em primeiro, armênio emigrado. Saíam de baixo. Sabem tudo. Em segundo, gre-

go internacional. É só botar qualquer um nu, no deserto do Saara, que vira xequê em três meses. Em terceiro lugar, é uma parada dura. Não sei se coloco inglês ou sueco... E, lá no fim, estamos nós com nossa tão falada malandragem”.

O uso do humor era, além de manifestação de sua própria personalidade, uma ferramenta que ele usava para atingir seu objetivo como cronista: expor uma visão sobre o futebol, a qual, por sua vez, traduzia uma visão de mundo. Na sua obra, a análise futebolística entremeava-se com reminiscências tão díspares quanto a formação do norte paranaense ou os campos de concentração onde se encarceravam as prostitutas de Curaçao. Já a jornada múltipla entre diferentes mídias era, segundo ele, a garantia do leitinho das crianças: “Não sou nenhum Durango Kid, mas minha declaração de bens é muito pequena”. Talvez por isso tenham sido tão raras suas incursões por outros tipos de escrita que não a crônica.

Quando se aventurou, com sua aparentemente despretenhiosa obra-prima *Subterrâneos do futebol*, de 1963 – relançada em 2017 pela Editora Lacre para comemorar o centenário do seu nascimento –, o resultado foi brilhante. O livro conta a única e também inesperada aventura de João como técnico de um clube, o Botafogo do final dos anos 1950. Em vez de cantar as glórias daquela equipe estelar, porém, ele preferiu destacar o dia a dia das concentrações e excursões mundo afora.

O enfoque escolhido revela bastante do pensamento de João. É sintomático como ele ironizava cartolas que, nas viagens internacionais, desprezavam “velharias”, como o Coliseu ou as pirâmides do Egito –, mas poupava, quase sempre, os jogadores, vistos

como pessoas simples, mas dotadas de intrínseca sabedoria (ou, quando menos, de transbordante senso comum). Ele desmistificava o glamour do esporte em favor da exposição de suas vísceras, criticando incessantemente aqueles que o dirigem. Mas sempre com seu toque indefectível (“se a coisa continuar assim, Pelé terminará 1964 como Toulouse-Lautrec”) e duramente atual, quando diz que “uma das características dos times cariocas é que vez por outra jogam no Rio de Janeiro”.

E essa visão complexa de mundo foi consolidada em *Subterrâneos*, que teria sido batizado numa brincadeira com os *Subterrâneos da liberdade* de Jorge Amado, seu companheiro de partido. “Se não deixa de ser um testemunho, beira a reportagem”, diz Eduardo Luz, professor da Universidade Federal do Ceará, apontando a dificuldade de enquadrar o “inclassificável” *Subterrâneos* num único gênero literário. Para Luz, o livro “não deixa de ser um relato de viagem [...] obscurecido, em tantos pontos, por reflexões comuns a ensaios filosóficos, políticos e culturais. É, também, um romance de aventuras com personagens históricos (alguns míticos, como Garrincha); é uma apologia e um anedotário”.

Os outros livros com o nome de João na lombada reúnem, em regra, crônicas que ele escrevia para jornais. Algumas dessas coletâneas foram publicadas em vida, tais como *Meus amigos* – expressão que ele usava para iniciar suas jornadas radiofônicas, quando era apresentado como “o comentarista que o Brasil consagrou”. Houve também compilações póstumas, como *Vida que segue* (outra expressão típica do João). Essa preponderância da crônica em detrimento de outras formas literárias é, talvez, um dos

fatores que viriam ofuscar a percepção do seu impacto – além, como já dito, da desproporcional atenção que o João-personagem acabaria por despertar, involuntariamente, desviando a atenção da sua própria obra.

É preciso recuperar o João Saldanha-escritor duas vezes, e uma delas é suprindo a carência de estudos teóricos sobre seu estilo literário. No campo do jornalismo esportivo, até hoje sua influência é sentida, e talvez se pudesse consagrá-lo como padroeiro de uma escola “pragmática” que, apesar de admirar o chamado futebol-arte, analisa o jogo por aquilo que ele é – ao contrário dos “sonhadores”, como Armando Nogueira (que João, em um depoimento, definiu como um idealista do futebol, que “pensa que o futebol devia ser como ele pensa que é”).

Assim, no campo mais amplo da literatura brasileira, João merece ser estudado ao lado dos grandes cronistas de quem foi contemporâneo. Mais do que os resultados esportivos da véspera, nas crônicas de João Saldanha encontra-se um registro precioso dos costumes cariocas em rápida evolução – sem falar em seu ouvido para diálogos e na riqueza das gírias e dos personagens (uma “dionisiaca e, ao mesmo tempo santa, molecagem carioca”, segundo Nelson Rodrigues).

Já o segundo resgate do João-escritor – essencial, porque ajudará a impulsionar o primeiro – refere-se à gigantesca parcela de sua obra que permanece, ela própria, subterrânea. João publicou colunas, durante décadas, em vários veículos: *Última Hora*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Jornal dos Sports*, *Placar*. As compilações mais recentes, voltadas para Copas do Mundo, são essenciais. É

empolgante pensar, porém, no relativamente inexplorado depósito que são suas demais crônicas nunca republicadas. Afinal, era no cotidiano das cidades e dos clubes brasileiros, com seus personagens e suas idiossincrasias, que João era mais João.

Merece aplausos, portanto, a iniciativa da Editora Mauad – que lançou, em 2017, *As 100 melhores crônicas – comentadas – de João Saldanha*, trazendo à tona colunas diversas publicadas entre 1960 e 1990 e selecionadas pelo historiador Alexandre Mesquita. Desenterrar esse tesouro é uma tarefa fundamental. Pensar nas *Obras completas* do prolífico João Saldanha é uma utopia, mas podemos sonhar, ao menos, com alguns novos volumes de suas crônicas. Seria um presente para a memória da literatura brasileira aprofundar essa expedição arqueológica ao João subterrâneo.

.....

Bruno Lewicki (brunolewicki@gmail.com) nasceu em Niterói (RJ), em 1975, e mora em São Paulo desde 2014. Atuou como advogado por 15 anos. É doutor em Direito pela UERJ, com tese sobre direito autoral, e diretor de políticas públicas do Airbnb para a América Latina.

No alto da escada

Flávia Castro

Não sei, não, mas tenho a sensação de que nunca será bom, porque é íntimo. Tudo o que é próximo demais não pode ser observado com a frieza necessária. Ainda não foi dessa vez, mas quando acertar a mão, será brutal.

Alicia, saia dessa escada, venha ocupar a cabeça com alguma coisa que preste. Atenção ao Sidnei, eu pensava. Por que ninguém se encarrega disso? Vocês já repararam como ele se movimenta? Como fica à vontade com as crianças? Acham natural o diálogo que estabelece com essa outra coisa que não se vê? Conversa em velocidade de pensamento. Não repararam?

Entre, entre, vá lá, dê bom-dia a ela. Assim ele falava, como se alguém o empurrasse para cima de mim. Enquanto isso, eu lanchava normalmente no alto da escada, me acomodando nos chapiscos de cimento que me enchiam a meia-calça de bolinhas. Tenho dinheiro pra comprar outra não, hein, Alicia, vai ficar as-

sim até o final do ano. Se eu ficasse olhando tranquilamente para o pátio, fingindo não prestar atenção, ele me arrancava o sanduíche da mão, girava sobre o próprio corpo, mas travava sem sair do lugar. Ande, ande, devolva para ela!, seu malvado. Às vezes eu ouvia deslumbrada o monólogo e nada parecia mais assustador: ela não foi educada com a gente, me solte, tire a mão, tire, não, não vou correr com você. Outros dias, arremessava o pão contra a cerca, manchada de margarina naquela altura. Pulava desajeitado, uivava, ria, gritava, zangava. Aqui, ó prima, você viu o que ele fez com seu sanduíche? Não pode não, hein, seu malvado! Podia apontar para o cachorro, para um menino qualquer andando na rua, mas boa parte das vezes ele brigava com esse outro que eu não via. Se eu sorrisse, ele encolhia suspendendo os ombros, enterrando a cabeça, cavoucando as pelinhas dos dedos, e saía correndo.

Vocês não levaram pro pátio minhas bandejas espelhadas não, né, Alicia? São caras, foram presentes de casamento, menina! Sentávamos, ao pé da escada, cada um com a sua. O Sid gostava de minhocas e eu, de caracóis. E ficávamos os dois por horas observando anelídeos e moluscos em experimentações inéditas. Rastros viscosos de muco, contrações e distensões, esforço natural. Caracol sem concha é minhoca, tia Sônia? Ah, vocês dois brincando dessas nojeiras de novo? Podemos trocar por potes plásticos, pelo menos? Não, claro que não. O Sid surtava quando se via no reflexo ou então quando eu comprimia o caracol com a ponta do dedão, até romper. Era engraçado. Adorava me ver por baixo daquela gosma de calcário esfacelado. Você não sente pena deles, querida?

Minha mãe gritava para minha tia parar de pensar em homem e cuidar do Sid, aceitar que o filho era a cruz dela, cada um tem a sua. Depois vem a vizinhança aí reclamar no meu ouvido. Tia Sônia perguntava se eu conseguia vê-lo da escada e eu respondia que estava tudo bem. Viu só, Rita, até a sua filha sabe que você é paranoica. Eu comecei a usar isso na escola e, quando alguém falava comigo, dizia que era melhor me deixarem no meu canto, porque era paranoica.

Você também é retardada, não é? Por que nunca vem com a gente? Fica aí, sentada com ele o dia inteiro. Nas férias de janeiro, todos os primos reuniam-se durante uma semana na casa de minha avó. Era incômodo, quente, e no final da tarde tomávamos banho frio de mangueira. Eles achavam engraçado. Sid participava com todo mundo desde o início da brincadeira, pulava, gritava e jogava água com os baldinhos. Alguém sempre reclamava, tia Sônia o puxava pelas orelhas, minha mãe me arrastava escada abaixo pelo braço. Vá se divertir, ande, menina. Eu também ficava de calcinha. Minha avó entendia e tentava não me molhar muito, primeiro esperava que eu descruzasse os braços. Sid batia palmas e se agitava. Alicinha molhou, Alicinha molhou!, ajude ela, seu malvado.

Com quem você acha que ele fala?, minha avó perguntou um dia, enquanto eu lia e esperávamos o caminhão-pipa. Sei que é uma menina inteligente, mas deixe os livros para a velhice, quando terá tempo de sobra. Faltava água em alta temporada. Todo ano acontecia a mesma coisa. E aquele bando de primos partia em busca dos tais poços escondidos. Você não vem com a gente mesmo? Do topo da escada, eu observava todos eles descendo a rua que

dava na praça. Tão rápido quanto Sid jamais os acompanhou, e eu precisava sair para buscá-lo no meio do caminho. Não é possível que todo ano procurem nos mesmos lugares. Voltava, me acomodava no degrau e, quanto mais demoravam, mais relaxado era meu sorriso. Ele está brincando com o carrinho, mas sua mãe tem razão, já é um homem feito, minha filha.

O nariz bem marcado, as orelhas no lugar certo, os cabelos escuros levemente ondulados. E a barba que, se não fosse minha mãe, seria ruiva e volumosa. Sorria como os saguis que costumávamos alimentar, o entorno do rosto distendia-se, a boca rasgava e os olhos, castanho-esverdeados, brilhavam verdíssimos. Pecado, teria sido um homem lindo, não é, filha?

Abençoado silêncio.

O que houve, Sidnei? Se acalme, meu filho. Está tudo bem, venha pra dentro de casa. Alicia, o que aconteceu dessa vez? Não sei, tia. Entraram e eu continuei respirando o ar frio do entardecer, esquentando as costas no sol, controlando minuciosamente minha sombra esticada pelos degraus até encontrar o chão do pátio, onde Sid esteve. Toda vez que a projeção alongada da minha cabeça o tocava, ele se incomodava. Olhava para a dele, projetada no chão, tentava livrar-se pelo pé, como um cavalo mordido por cobra, empinando, virando e se debruçando sobre o próprio corpo. Alicia, malvada.

Devolva o livro a ela, Rita, dizia minha tia. Você entendeu, Alicia, vai passar essas férias sem nada para ler. De que adianta ser inteligente se age como bicho do mato? Seu primo, com todos os problemas, é muito mais enturmado que você. Ande, levante, vá

arrumar uns amigos. Descia até a praça puxando Sid pelas mãos. Enquanto eu lia qualquer coisa que o moço da banca me desse, ele brincava. Nos primeiros dias cismeiei que minha mãe desconfiava do vestido perfeito, sem qualquer sujeira. Com quem vocês brincaram? Do que brincaram? Nos outros dias, quando chegava a hora de subirmos para almoçar, me deitava no chão, esfregando as costas na terra. Sid achava engraçado e passou a me imitar. Não pode rolar no chão!, seu malvado, pode sim, olhe a Alicia chamando você. Ríamos rolando um sobre o outro no canto do parque. Então iniciávamos uma guerra de areia, e depois eu precisava limpá-lo pelos cabelos e no rosto; se chegássemos sujos demais, levantaríamos suspeita. Uma vez grudou areia na boca dele.

Alicia ganhou a olimpíada de matemática. Alicia tirou dez em química. Alicia passou em primeiro no vestibular. Você já viu como sua filha olha pro meu filho, Rita? É disso que você tem medo? Mas, meu Deus, vocês duas se acalmem. Os vizinhos têm razão, não dá mais para ele andar solto por aí! E se fosse o contrário? Nem nós sabemos o que se passa na cabeça dele. É um bom menino, mas também é homem forte. Que bosta de pessoa você é. Devia ser a primeira a nos defender. Tire o dedo da minha cara, se alguém precisa ir embora, são vocês. Essa casa é tão minha quanto sua. Rita, Sônia, minhas filhas, que loucura, não façam isso.

— Alicia, você precisa se cuidar. Se não quer falar comigo, ou com um terapeuta, então por que não escreve? Acho que seria bom.

Antes, disseram que estavam dispostos a ajudar com o que eu precisasse. Obrigada, mas, se possível, gostaria de continuar no laboratório com as pesquisas. Argumentaram que os alunos seriam beneficiados pela minha orientação. Agradei a segunda vez, eles sabiam qual era minha posição. Uma palestra, público reduzido. Não, obrigada. Falaram sobre a projeção de minhas pesquisas, com os campos que habilitávamos, uma hora eu teria que tentar. Perguntaram se não era agora.

E quem determina esse tempo? Agora mesmo já não é mais. A estrutura matemática de entendimento das ideias, essa necessidade de tradução das emoções em alguma coisa que seja compreensível pelo outro. Isso é natural?

Respondi que não, não era. E me pediram pra pensar. Em tudo que a universidade representava. Se, pelo menos, eu concedesse uma entrevista-padrão.

A solução normal na química, a distribuição normal em estatística e a normal da geometria são mais fáceis de compreender do que um cidadão tido como normal, não acha? Será que as pessoas já viram essas representações gráficas? A média é um resultado imaginário que pode não coincidir com nenhuma das parcelas e, no entanto, é tida como a melhor representação do todo.

Na verdade, era um café com leite ruim o suficiente e, além disso, eu precisava mesmo subir.

— Alicia...

O olhar resume o que a literatura pensa. A música sente o que o cérebro veta. Então, o que é isso que nos permite cantar com os olhos? Isso mesmo, que escapa na eternidade, que é a fração do milésimo?

– ...desde quando você tem dormido no laboratório?
Era um tempo de muito trabalho.
– Sobre a bancada de mármore gelada?
Já estava tudo bem, não havia com o que se preocupar.
– Desde o enterro do seu primo. As meninas da faxina me contaram. Estão angustiadas por você.

A linguagem pode ser qualquer uma, inclusive não ser. Mas para uma conversa a dois há que se eleger formas, estabelecer a média, modelar essa névoa, mistura de música, sensações, intuição, laçá-las como a um cavalo selvagem, abrindo mão de sua real extensão, sová-las até que encontrem espaço no minúsculo da palavra bem escolhida. O que sobra é lixo?

Não sei dizer qual a cor dos olhos de nenhuma das pessoas que trabalham há anos comigo, ou das faxineiras que encontro nos turnos da noite e da manhã. Mas seria importante olhar em seus olhos, não seria? Entendo o que o microscópio ganha com meu olhar, novos elementos ainda desconhecidos ou mesmo o alumínio (Al), silício (Si), fósforo (P), enxofre (S), cloro (Cl) e argônio (Ar), alinhados em metais, semimetais e não metais. Já reparou como a tabela periódica é cheia de degraus? É importante conversar com as pessoas, saber o que andam fazendo? E que Al está ao lado de Si? E que apesar disso não pertencem ao mesmo grupo? É simpático contar o que tem feito, ocupar o seu tempo e o delas com isso. Tomar os vazios, preenchê-los como fazem os gases em determinados espaços.

Palma de Santa Rita, antúrios e crisântemos. Individualmente cheiram bem, juntas são adeus. Notas florais mornas assim que

você vira o quarteirão, é preciso um esforço artificial, vencer as contrações e distensões musculares que despedaçam por dentro, a pressão dos mucos viscosos que dificultam a aproximação para, enfim, enfrentar a experiência. Poucos choravam muito, a maior parte conversava normalmente. Na média, as pessoas choravam, apenas choravam, na capela 03. Soube que é uma doutora importante agora, Alicia. Sempre soubemos que era especial. Sua mãe nos conta suas histórias. Uma pena, ela e sua tia, brigarem a esse ponto. Tenho certeza de que ela gostaria de estar aqui, certamente está sofrendo pelo sobrinho.

Por que crisântemos servem a coroas funerárias e orquídeas a buquês de casamento? Me aproximei com as duas mãos acariciando as bolinhas do feltro que cobriam o mármore gelado, onde se apoiava a estrutura de madeira com alças em arabescos de um metal qualquer. Pálpebras fechadas. O nariz bem marcado, as orelhas no lugar certo, os cabelos escuros levemente ondulados e a barba grisalha e ruiva, volumosa. Seu primo, assim, desse jeito que está, que bonito teria sido.

.....

Flávia Castro (flazevedo@gmail.com) nasceu no Rio de Janeiro. Cursa o Centro Literário Escrevedeira e Instituto Vera Cruz. Escreve contos, romance e poesia.

Alunos formados pela pós-graduação Formação de Escritores do Instituto Vera Cruz

Pelo envolvimento permanente, nosso agradecimento aos ex-alunos e ex-alunas que se formaram entre 2013 e 2017. São autores e autoras que constituem uma comunidade generosa e atuante à qual os formandos de 2018 agora se juntam.

Adilah Mohamad Awada • Adriana de Cassia Navarro Manfredini • Alfredo Egydio Nugent Setubal • Alida Ionescu (in memoriam) • Alida Marino Zeballos • Aline Caixeta Rodrigues • Amarilis Lage de Macedo • Ana Célia de Mendonça Goda Cunha • Ana Cecília Lessa • Ana Cristina Braga Martes • Ana Cristina Passarella Brêtas • Ana Durães Oliveira • Ana Paula Batista Pereira de Moraes • Ana Rosa Costa • Anai Miglioransa Batista Buchalla Auada • André Alvarez Argolo • Angela Fonseca Nogueirão • Antonio Francelino de Oliveira • Bianca Maria Mello de Vasconcelos • Carlos Henrique de Castro Ralize • Carlos Roberto Salem • Carolina Zuppo Abed • Caroline Winter Capra Landini Freire • Celina Fernandes de Castro • Claudia Beck Abeling Szabo • Claudia Castanho do Vale • Claudia de Souza Rosenberg • Clóvis Giraldes Junior • Cristian Wickert • Cristina Faleiros Steinhauer • Cristina Maria Mira • Daniel Bressan Pepe • Daniella Toledo Salgueiro Falcão Bauer • Deborah Dornellas Coelho Duarte de Oliveira • Deborah Regina Antunes Brum • Denise Pellegrini Montes • Dimas Munhoz Gomez • Emiliano Lorenzi Urbim • Fernanda Petter Camillo • Fernanda Rodrigues de Oliveira • Fernando Chiavassa • Flavia Miari Bollafi

• Gabriela Aguerre Hughes • Gabriela de Oliveira Fonseca •
 Gabriella Guttler Mosena • Gersa Pedreira e Silva • Henrique
 Lederman Barreto • Ilda Rosa da Silva Dubau • Ivan Nery Cardoso
 • Jane Ciambelli • Jayme Eduardo Loureiro • Jean Carlos Hesse
 Brone • João Luiz Moreira Coutinho de Azevedo • José Emmanuel
 Fontes Pereira • José Sérgio de Almeida • Josefa Regina de Lucena
 Gomiero • Juan Vargas Rossano • Julia Bevilacqua Alves da Costa
 • Juliana de Almeida Valverde • Juliana Kappaz Sabbag Scanavini
 • Leonardo José Porto Passos • Luciana Setubal Van Deursen Loew
 • Luciana Annunziata Lopes • Lucila Losito Mantovani • Marcelo
 Kocubej Soriano • Marcos Cesar da Silva • Maria Antonia Demasi •
 Maria do Carmo Vieira de Andrade • Maria Leonor da Costa Cione
 • Maria Luiza Correa • Maria Teresa de Oliveira Botton • Mariana
 Laura Corullón • Marina Rocha Coelho • Marina Sandron Lupinetti
 • Mario Cesar Fittipaldi • Marta Maria Fuzato • Mônica Reiche •
 Mônica Rinaldi • Nadia Godoy Schubert Pereira • Natalia Joelsas
 Timerman • Paola Gentile • Patricia Pereira Oriollo Pollari • Paula
 Carrascosa Von Glehn Strano • Paulo Marcelo Fehlauer • Paulo
 Todescan Lessa Mattos • Pedro Cardina Junior • Pedro Henrique
 Pires Tavares • Regina Elisa Sá Rocha Wahba • Regina Valladares
 de Almeida • Renata Rocha Cirilo • Ricardo Alvarenga Hirata •
 Roberto Carlos de Souza Araújo • Rodolfo Gonçalves Araújo
 • Sandro Capestrani • Shirley Lima de Souza Araujo • Silvana
 Tavano • Silvia Ferreira Meirelles • Silvia Teresa de Barros Molina
 • Silvio José Pedro • Sylvia Loeb • Tania Carvalho Dias Ralston •
 Tatiana Eskenazi • Tatiana Garrido Laviola • Teresa Marta Smith
 de Vasconcellos • Tirzá Gelbcke Gubert • Walter Labonia Filho •
 Wesley Nunes Ribeiro de Andrade



São Paulo, 2018

Textos de ficção e não ficção dos alunos da
turma 2018 da pós-graduação Formação
de Escritores do Instituto Vera Cruz

logia an

antologia